

COMPENDIO DA GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA.



Seção Obras Raras
Nº 1454
Data 26/03/74

COMPENDIO

DA

GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

ORMA
469
D812

escolhida pela Congregação do Lycéo do Maranhão
para o uso do mesmo Lycéo, e das aulas de
primeiras letras da provincia,

PELO

PADRE ANTONIO DA COSTA DUARTE.

ORMA
469
D812

LENTE DA GRAMMATICA PHI-
LOSOPHICA DA LINGUA, E
ANALYSE DOS NOSSOS
CLASSICOS.

4ª EDICÇÃO,

5



MARANHÃO.

Impressa na typ. e á venda na livraria do Frias.

8. Rua dos Barbeiros, 8.

1859.

INTRODUÇÃO.

de seus pensamentos é uniforme, unico, e
edimento do espirito humano; pois que todo o
homem, de qualquer Nação que seja, pensa porque tem idéas.
e comparando-as apprehende as relações que entre ellas ha: mas
como entre as operações de nosso espirito e a Linguagem arti-
culada, por meio da qual se exprimem, ha uma intima conne-
xão e correspondencia; é forçoso que esta mesma immutabili-
dade se communique ás Linguas de todos os Povos.

Sendo porém a Grammatica Universal a Arte, que analy-
sando o pensamento, ensina com que especie de palavras se de-
vem exprimir as idéas e as relações, de que elle pôde constar;
segue-se que a Grammatica Universal é tambem immutavel e
a mesma em todas as Nações. Mas como estas escolhêrão pa-
ra signaes de suas idéas vocabulos differentes só no material dos
sons, é preciso accomodar aquelles mesmos principios invari-
aveis á indole de cada Lingua, começando pelo estabelecimen-
to dos preceitos geraes da Linguagem, e applicando os depois aos
usos da que se pretende ensinar: eis aí o que se chama Gramma-
tica Particular.

Como porém os vocabulos podem ser considerados, ou pe-
lo que tem de fisico e material, como sons mecanicos, ou pe-
lo que tem de logico e discursivo, é manifesto que a Gramma-
tica deve tractar da parte mecanica das Linguas, observando os
sons articulados elementares e fundamentaes da Linguagem;
as syllabas que resultão de sua differente combinação; o tom
e a quantidade da voz na pronunciação dos mesmos sons no
corpo dos vocabulos; e finalmente os caracteres litteraes, ado-
ptados pelo uso, para representarem e fixarem estes mesmos
sons e vocabulos na escriptura. Daqui vem as duas partes da
Grammatica, a *Orthoepia*, que tracta da boa pronunciação e
leitura da Lingua, e a *Orthographia* que tracta da sua boa es-
criptura,

Considerados porém os vocabulos pelo que tem de logico
e discursivo, elles são signaes representativos de nossas idéas
e de suas relações; mas para que representem clara, distincta,
e fielmente nossas idéas, é necessario primeiramente analysar
o pensamento, reduzindo-o aos seus elementos, para distribuir
em classes determinadas assim as idéas, como as relações de
que elle pode constar; e depois assignar a cada uma destas clas-

ses outras tantas especies de palavras con-
nunciem: o que é dependente da observação
propriedades, usos, e serventias, que as pa-
curso; e porisso estas classes ou especies de
mão Elementos da oração por correspondere-
mento: a esta parte da Grammatica se dá o nome *Etymologia*.

Distribuidas as palavras em certas classes, conhecido seu
uso, propriedades, e a maneira de as preparar, a fim de servi-
rem á enunciação de qualquer pensamento, o que tudo pertence
á *Etymologia*; resta saber coordenar e compor uma oração
ou um encadeamento dellas, dando ás palavras já esta, já aquella
terminação, subordinando umas a outras, de maneira que
se accomodem ás diferentes relações, que as idéas tem entre
si, ou sejam de conveniencia, ou de determinação e subordina-
ção, e collocando em fim as palavras de um modo authorisado
pelo uso, para de tudo isto resultar um sentido, ao mesmo tempo
ligado, e distincto. Isto faz o objecto da *Syntaxe*, que significa
coordenação, e da *Construcção*, que quer dizer collocação.

Do que temos dicto se vê claramente, que a Grammatica
em geral é a Arte de fallar, ler, e escrever correctamente;
que seu objecto são as palavras, e que seu fim é exprimir
e pintar com distincção, clareza, e fidelidade nossos pen-
samentos por meio de palavras. Ella se compõe das quatro
partes acima dictas, as quaes longe de serem independentes,
antes não é praticavel tocar n'uma sem que outras o sintão;
porque de sua intima união precede o auxiliarem-se mutua-
mente. Daqui vêem que na *Orthoepia* é indispensavel tocar,
ainda que levemente, em cousas pertencentes á *Etymologia*;
pelo que se alguém quizer apartar-se da ordem que seguimos,
por ser a natural, pôde ensinar primeiro a *Etymologia* e a *Syntaxe*;
pois que nós tambem nos apartamos um pouco daquella
ordem, deixando a *Orthographia* para o fim.

②

COMPENDIO

DA

GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

Grammatica Portugueza é a Arte que ensina a falar, ler, e escrever sem erros a Lingua Portugueza. (1)

Divide-se a Grammatica em quatro partes, que são: *Orthoepia*, *Orthographia*, *Etymologia*, e *Syntaxe*. A *Orthoepia* tracta da boa pronunciação e leitura da Lingua. A *Orthographia* ensina a escrever certo. A *Etymologia* distribue todas as palavras em certas classes, segundo suas differentes propriedades e serventias. A *Syntaxe* ensina a dispor bem as palavras no discurso.

CAPITULO I.

DA ORTHOEPIA.

§ I.

Dos Sons e das Letras que os representão.

A *Orthoepia*, isto é, a boa pronunciação e leitura da Lingua depende do conhecimento distincto de tres cousas. 1^a dos *Sons* elementares e fundamentaes, que entrão na composiçãõ dos vocabulos. 2^a das *Letras* que representão os *Sons* articu-

(1) Arte é um systema rasoado de operações proprias a produzir um effeito importante á vida, e que se não podia esperar da natureza só.

Lingua é todo o systema de signaes que directamente manifestão o pensamento. Esta definiçãõ comprehende a linguagem articulada e a linguagem da acção.

Referindo-nos porém à linguagem articulada, *Lingua é a collecção de vocabulos de que usa qualquer nação.*

A linguagem da acção consiste nos gestos, movimentos do rosto, e sons inarticulados.

Uma Lingua *deve ser facil*, para que seja entendida dos ignorantes e dos sabios. Mas para que uma Lingua seja bem *feita e facil*, deverá ser *clara*, *precisa* ou resumida, *rica*, e *fundada na origem e geraçãõ das idéas.*

lados. 3^a do conhecimento da quantidade, e do accento da voz na pronunciação delles; mas este ultimo exampe pertence á *Prosodia*, parte da *Orthoepia*.

Os *Sons elementares e fundamentaes* de todas as Linguas são de duas qualidades, *Sons Vogaes*, e *Sons Consoantes*. Os *Sons Vogaes* na nossa Lingua são quatorze, a saber: á, a, é, ê, e, i, ó, ô, u, ã, ê, î, õ, û. Os primeiros nove chamão-se *Oraes*, porque quando se articulão sae todo o som pela bocca, e os outros cinco chamão-se *Nasaes*, porque quando se pronunciação, sae parte do som pelo nariz. (2)

(2) Vozes ou Sons Vogaes são os diferentes sons, que se formão por impulso da voz, modificada pelas diferentes aberturas do canal da bocca, sem concorrência de suas partes moveis. O canal da bocca pôde ser modificado em diferentes pontos, desde sua extremidade interior até á exterior. Daqui procede a variedade de vozes nas linguas das nações.

Não ha som algum medio entre o *e* surdo e o *i*, entre o *o* e o *u*. Na palavra *Cear* (comer) ouve-se distinctamente o som *i*, mas escreve-se com *e* por causa da derivação. Em *Soar* (fazer som) e *Suar* (ter suor), o som *u* não pode ser mais claro; e se na primeira se escreve *o*, e na segunda *u*, é pela razão já dita. Não ha portanto esses sons ambiguos ou surdos; onde pode haver ambiguidade ou duvida é na representação litteral destes sons, para nos conformarmos ou com a derivação, ou com o uso. Os que admittem aquelles sons ambiguos, confundem os sons com os caracteres que os representão.

Parece-nos que um distincto Grammatico não tem razão em dizer (a pag. 10 da sua Grammatica) que o *u* ainda quando é surdo sempre tem um som mais agudo que o *o* surdo. Ninguém sabe o que é nem o surdo, nem *u* surdo. Quem será capaz de pronunciar um *o* surdo? A voz de todos nós pronuncia *ó*, *ô*; e quando desce deste segundo som, necessariamente pronuncia *u*, som que nunca é surdo, nem o *i*, como reconhece o mesmo Autor, quando diz na pagina antecedente que o *u* nunca muda de som, senão quando se torna nasal. Por isto e tambem por cauza da derivação nós parece que o dito Grammatico não tem fundamento para não approvar que se escreva *Mingua*, *Agua*, *Lingua*, *Deus*, &c. com *u*. Se os Latinos escrevem *Deo* no dativo do singular, e *Deorum* no genitivo do plural, não é por conservarem o *o* do Grego *Theos*, como quer o dito Autor; mas sim pela mesma razão, porque escrevem *severum*, &c, isto é, por ser um nome substantivo, pertencente á segunda declinação.

Parece-nos tambem que *é*, *ó*, nunca são breves, mas longos, ainda que menos que *ê*, *ô*. Não sabemos porque o mesmo Autor diz que *á* é longo, e *ê* *ó* breves. Todas essas vozes são longas; são contracções dos dois *aa*, dois, *ee* dois *oo*, com que nossos antigos escrevião.

As vozes *ã* *ê* *î* *õ* *û* são os *Sons Nasaes* claros; porem os *Sons Vogaes* adquirem um som Nasal menos sensivel, quando são seguidos das consoantes *m*, *n*, *nh*, como: *Ama*, *Anna*, *Sanha*, *Temo*, *Penna*, *Tanha*, *Vinho*, *Somno*, *Cunha*, &c.

Os *Sons Vogaes Oraes* todos se escrevem com as cinco letras vogaes *a, e, i, o, u*, accentuadas, quando é preciso evitar equívocos, como se vê na regra acima; e os *Sons Vogaes nasaes* escrevem-se com as cinco letras vogaes com o *til*, ou com *m*, ou *n*, como: *Lã, Tempo, Tanto*.

Os nossos *Sons Consoantes* (segundo a ordem mesma de sua natural geração), e as letras que os representam, são os seguintes: *b, p, m, v, f, g, q c, d, t, s ç, z, j, x ch, n, nh, l, lh, r, rr*. Estes *Sons*, e as letras que os representam chamão-se *Consoantes*, porque sempre são juntamente com sons vogaes. (3)

O nosso Alphabeto é este: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z*; mas todas as consoantes se devem nomear, como se tivessem um *e* brevissimo depois de si, deste modo: *be, ce (que), de, fe, ge, (que), je, te, me, ne, pe, qe (que), re, se, te, ve, xe, ze*.

O *g* antes de *e* ou *i* tem o som de *j*, como *Giro, Gente*. O *c* antes de *e* ou *i* tem o som de *s*, como: *Cera, Cinza*.

Depois de *q* sempre se escreve *u*, que sempre se pronuncia em *qua*, como *Quatro, Quando*: exceptuão-se *Quaderno Quatorze* e seus derivados, nos quaes se não pronuncia o *u*. Nos outros casos o *u* depois de *q*, e depois de *g*, umas vezes se pronuncia, como em *Liquido, Guarda*; outras não, como em *Questão, Guerra*.

(3) Consoantes são os diferentes sons, que se fórmão pelo impulso de voz, modificada pelas partes moveis da bocca. Estas partes moveis são a lingua, os dentes e os beiços.

Costumão os Grammaticos minuciosos dividir os Sons Consoantes em muitas classes. Não perderemos o tempo com isso, porque de nada serve nem para a boa pronunçiação, nem para a boa escriptura. A verdadeira differença que ha entre os sons vogaes e os consoantes é que todos os sons vogaes são prolongaveis, e se podem cantar; dos consoantes porem nenhum se póde cantar ou modular, e são prolongaveis *v, f, s ç, z, s, x ch, j, g, z, r, rr*, que por isso se chamão semi-vogaes. As outras são mudas, porque se não podem prolongar. Chamão-se liquidas o *l, o r, e o s* quando não tem vogal diante, porque se assoc.ão bem como as letras consoantes na formação das syllabas. Consoantes duples ou dobradas são temos o *x*, quando o pronunciamos à Latina.

Os Sons Vogaes e os Consoantes são sons simples, quer se escrevão com uma letra só, como; *a, b*; quer se representem com duas, como; *am, lh*. Letra é um signal litteral que representa um som articulado. O *h* não é letra, porque não representa som algum.

O *s* quando está só antes de consoante, sôa como se tivesse um *e*-brevíssimo antes de si, como em *Studo, Estudo*; entre vogaes tem o som de *z*, como *Rosa Vaso*, mas em palavras compostas tem o som de *ç*, como: *Resentir, Verosimil*.

O *x* ás vezes tem o som de *ç*, como: *Proximo, Maximo*, vale tambem por *is* ou *iz*, como: *Expor, Exemplo*; e por *cs*, como: *Fixar, Reflexo*. No fim das palavras Portuguezas, o *x*, e o *z* tem som de *s*, como: *Index, Cruz*.

O *ch* antes de *r* tem o som de *c*, como em *Chrisma, Christãos*. O *n* e o *h*, ainda que junctos, não tem o som de *nh* em palavras compostas da preposição *in*, como: *Inhabil, Inhibir*. O *r* entré vogaes sôa brandamente, como em *Hora, Caro*; mas em palavras compostas sôa forte; como em *Prorogar Berogar*.

Eis aqui pois os *Sons elementares e fundamentaes* da nossa lingua, e as letras que os representam na escriptura.

A sua differente combinação produz todas as nossas syllabas, que andão por 1:800; e estas, differentemente combinadas dão o ser a todos os nossos vocabulos, que passão de 10:000.

§ II.

Dos Dithongos e das Syllabas.

Dithongo é um som composto de dois sons vogaes, pronunciados de uma só emissão de voz, como: *Eu, Pão*; e por consequencia haverá *Dithongo*, quando uma syllaba constar de dois sons vogaes, sensiveis na pronunciação. (4)

(4) Nos dithongos da nossa Lingua predomina a prepositiva, isto é, a primeira vogal. Porem nos Dithongos Oraes *ua, ue, ui*, a segunda é predominante, como: *Qual, Equestre, Liquidar*; e tambem nos Dithongos Nasaes *uan, uen, uim, uin*, como: *Quanto, Eloquencia, Ruim, Ruindade, Quinquagesimo, &c.* Tudo isto são Dithongos, porque são sons compostos de dois sons vogaes, pronunciados de uma só emissão de voz.

Tambem não é exacto em illustrado e mui distincto Philologo quando diz que nos Dithongos Nasaes a primeira vogal sempre é nasal, excepto sendo *i* a segunda; pois nós acabamos de ver que nos Dithongos nasaes *uan, uen*, a nasal é a segunda vogal; mas o Autor não se lembrou destes Dithongos.

Não são Dithongos as syllabas *ôa, ôo, ua*, como em *Tôa, Vôo, Equaleo*, porque em cada uma das duas primeiras ha duas syllabas beta distinctas, e na terceira só se percebe o som *u* longo; e não dois sons

Chamão-se *oraes* os *Dithongos* que só tem vozes oraes, como: *Meus, Pais*; e chamão-se *nasaes*, os *Dithongos* que tem alguma voz nasal, como: *Mão, Pão*.

Syllaba é aquelle som, que se pronuncia de uma vez, como: *Sol, Gral*. As *Syllabas* podem constar, ou só de um som, ou de mais.

vogaes, muito embora estejam escriptos; pois o que faz *Dithongos* é a voz, e não as letras, as quaes muitas vezes não pronunciamos, porque servem não para representar algum som no uso vivo da lingua, mas sim a origem e derivação do vocabulo escripto. Pelo contrario, quando lemos, muitas vezes pronunciamos sons que não estão escriptos, como succede no presente caso em *ôa*, e *ôo*, como *Tôa, Vôo* &, que todos pronunciação *Toua, Vouo*, isto é, duas *syllabas*, o *Dithongo ou* e uma vogal, embora ordene o uso que se escreva o *Dithongo ou* com a vogal *ô*, incapaz de o representar, não obstante a errada opinião de alguns Grammaticos. Acontece o mesmo nas duas *syllabas êa*, quando se escrevem assim em *Idea, Cea* &c., que todos pronunciação *Ideia*, e assim o escrevem muitos. Pelo que temos dito, se prova que *ôa, ôo* tem duas *syllabas*, e que a primeira nunca se une á segunda para ambas formarem *Dithongo*, isto é, um som composto de dois. Mas se fosse possível unil-as, farião não um *Dithongo*, mas um *Trithongo*, materia de que logo falaremos. Para tornar evidente o que temos dito bastarão as razões expendidas e o testemunho do ouvido de cada um, mas proveimol-o tambem com a Poesia.

A cortadora *prôa*, que rasgava (Garção, Ode à Restauração da Arcadia).

Tão alto *vôa*, tanto resplandece (Omis, Ode a Vasco da Gama).

E os ares vai tabando a *vôo* solto (idem).

Nestes versos e em centos delles que poderamos apontar, *ôa* tem duas *syllabas*, e *ôo* tambem. Se alguns Poetas pela liberdade que tomarão, uma vez *ôu* outra fizerão o contrario, taes versos, por lhes sobrejar uma *syllaba* e terem comprimento de mais, scandalizão o ouvido, que tanto se deleita em ouvir os outros.

Iem, como *Liem, Chiem*, *ua* como *Hãa, Algãa* (que hoje se escreve *Uma Alguma*) não são *Dithongos Nasaes*, mas duas *syllabas*; porque as duas vogaes não se pronunciação de uma só emissão ou impulso; pois o órgão da voz faz dois movimentos bem distinctos para os pronunciar em dois tempos. Vejamos alguns versos.

Que nunca culpa *algãa* la chegou.

Hãa Virgem, sinal dado na ley.

(Sa de Miranda, Canção à Festa da Annunciação).

A este respeito dizemos o mesmo que fica dito sobre *ôa* e *ôo*. Nenhuma differença percebemos no som de *Põe*, quando é terceira pessoa do singular do verbo *Por*, e quando é terceira do plural. Para se fazer essa differença é necessaria uma pronunciação forçada e affectada. Portanto não admittimos esse *Dithongo* duplicado, que não existe; pois é somente um *Dithongo Nazal*, e nada mais. Até nos parece escusado

Vocabulo é, ou uma Syllaba de som forte e predominante, ou um composto de Syllabas graves, subordinadas todas a uma de som predominante. Daqui se vê que ha Vocabulos de uma Syllaba só, como: *Deus*, e Vocabulos de mais de huma Syllaba, como: *Justo*.

As letras de cada Syllaba devem soletrar-se juntas, por ex. *mais* não se deve soletrar *ma-is*; porque as letras e os sons das Syllabas não se devem separar: e porisso quando quizermos dividir qualquer vocabulo de mais de uma syllaba, o dividiremos pelo fim de cada uma, como se vê em *Co-ra-ção*, *Ma-gna-ni-mo*.

escrever *Põem*, para na escriptura o distinguirmos do singular, porque o sentido do discurso o dará a conhecer, assim como o dá quando alguém fala.

Tambem nos parece que *ea*, *eo*, *ia*, como em *Lactea*, *Lucteo*, *Gloria*, e noutros vocabulos semelhantes, não são Dithongos, mas duas syllabas ambas muito breves, que porisso os Poetas sempre fazem dellas uma só, para que o verso não fique froxo e languido. Fazem elles isto com a mesma liberdade com que muitas vezes ajuntão em uma syllaba as duas primeiras de *Theatro*, *Fiança*, *Suave*, &c. É erro confundir a voz ô com o Dithongo *ou*, porque a pronunçiação é muito differente, como se vê em *osso* (de animal) e *ouço* do verbo ouvir.

Na sua Grammatica, o mesmo autor de quem temos fallado, diz que são Trithongos *êa* ou *eia*, *eão*, e *ião* verbo e terminação, não só na poesia, mas tambem na prosa. Diz mais que a prova é o escrever-se indistinctamente por *ê* e por *ei*. Esta prova que o Autor dá, mostra bem que elle confundio aqui o som com sua representação litteral. Que importa que se escreva *Arêa*, *Idêa* &c. com *ê*, se todos nós ouvimos o Dithongo *ei* e a voz *a*, isto é, duas syllabas distinctas, como se escrevessemos *Arêi-a*, *Idêi-a*? O testemunho dos ouvidos de todos depõe contra a existencia de taes Tritongos. O mesmo Autor reconheceo que em *Idea* ou *Ideia* não ha Trithongo, mas que *êa* ou *eia* são duas syllabas; pois no paragrapho antecedente àquelle, em que tracta dos Trithongos (pag. 17), diz que em *arêa* ou *arêia*, *êa* ou *eia* são duas syllabas. Ora se o são em *area* porque o não são em *ideia*, *veia*, *leia*, *eiv* interjeição &c.? Trithongo seria um som composto de tres sons vogaes, pronunçiados todos por um só impulso da voz; seria uma syllaba composta de tres sons vogaes: mas *êa* ou *eia* tem duas syllabas, porque se pronuncia em dois tempos com dois impulsos da voz, e portanto não é Trithongo. O que dissemos de *eia* ou *êa*, dizemos tambem de *eio*, *eie*, *eiem*, *eão*, *ião*, como em *Premeio*, *Premeie*, *Premeiem*, &c.; pois, nenhum é Trithongo, mas cada um tem duas syllabas, não só na prosa, mas tambem na poesia. Para os menos versados na leitura dos Poetas, pomos aqui alguns versos para exemplo.

As Castas Musas *cheias* d'alta gloria (Garção, Ode aos annos de D. Leonor d'Almeida).

Para que os *Vocabulos* sejam bem pronunciados é necessario articular distinctamente as *Syllabas*, de que elles consistão, subordinando-as todas á *Syllaba* de som predominante, a qual para evitar equivoocos ou má pronuncia, principalmente em palavras menos conhecidas, deve ser notada com um *accento*.

§ III.

Dos Signaes da escriptura que regulão a boa leitura dos Vocabulos.

Accento ou tom é a maior ou menor elevação da voz na pronunciação das *syllabas*, de que se compõe os vocabulos. Os *Accentos* são tres: *Agudo*, *Grave*, e *Circumflexo*.

O *Accento Agudo* é aquelle, com que levantamos com força a voz sobre qualquer *syllaba*, pronunciando a em tom elevado e muito claro. O seu signal na escriptura é este ('), como se vê em *Acô*, *Cafê*.

O *Accento Grave* é aquelle, com que depois de levantar-se o tom da voz, o abaixamos em uma ou mais *syllabas*, pronunciando as com menos força e intensidade. O seu signal na escriptura é este (\), como se vê em *Ferrò*, *Casà*, mas não está em uzo entre nós.

Da fêa tempestade (O mesmo á Restauração da Arcadia).

Mas que furor se atéa no meu peito (Francisco Manoel, Ode aos cavalheiros de Christo).

A' lua *Cheia* não faria agora (idem).

Ceas imigas da vida (Sã de Miranda, Carta a Antonio Pereira).

Jazerião no tumulto (Garção, Ode Alcaica a Manoel Pereira de Faria).

No calcanhar tangião castanhetas (idem, Soneto 30).

Asseada escriptura e ideia nobre (Francisco Manoel, Epistola da Lin. Port. e Arte Poetica).

Não é possível fazer daquellas duas *syllabas* uma só. O Poeta que o pertender, nunca o hade conseguir, e seus versos, por excessivamente compridos, molestarão os ouvidos.

Eis-aí pois os Dithongos Oraes, em que predomina a primeira vogal: *ai*, *au*, *ei*, *éo*, *éo*, *io*, *ói*, *ói*, *ou*, *ui*, como: *Fui* &c., nos seguintes predomina a segunda: *ua*, *ue*, *ui*, *uo*, como: *Quatro*, *Equestre*, *Equidade*, *Equareo*. Os Nasaes em que a primeira vogal é predominante, são estes: *ãi*, *ão*, *õe*, quer se escreva assim, quer de outro modo. Nos seguintes domina a segunda vogal que é a nasal: *itan*, *uen*, *uim*, *uin*, como: *Quando*, *Eloquencia*, *Ruin*, *Ruindade*, *Quinquagesima*.

O *Accento Circumflexo* é o tom da voz medio entre o *Agudo* e o *Grave*. O seu signal na escriptura é este (^), como se vê em *Aró, Almôço*.

O *h* só em algumas interjeições é accento indicativo de aspiração, isto é, de que a vogal se deve pronunciar com grande affluencia de ar, para mostrar o desafogo das paixões, como: *Ah! Oh! &c.*

O *til* (¯) alem de mostrar som nasal nas vozes *ã, ê, i, õ, ù*, é tambem signal de que na palavra faltão letras, que se omittirão por brevidade como: *Frz̄* por *Fernandes*, *Glz̄* por *Gonçalves*.

Apostropho ou *Viracento* é uma virgula posta no alto de uma consoante, e às vezes de uma vogal, para indicar supressão, ou de vogal ou de consoante, ou de consoante e vogal; v. g. *Sant' Iago*, em lugar de *Santo Iajo*, *Co' este* por *Com este*, *Co' o andar* por *Com o andar*.

Ordinariamente a maior suavidade da pronunciação pede, que na concorrençia de vogaes identicas ou semelhantes no fim de uma palavra e no principio da seguinte, ambas se pronunciem, como se fossem uma só, ainda que na escriptura não venha o signal do *Apostropho*, como, *de Oliveira, minha alma, Onde iremos*; devemos pronunciar *Doliveira, Minhalma, Ondiremos*.

A *Risca de distincção e união* é esta, (-) e serve para distinguir e ao mesmo tempo ajuntar na escriptura duas palavras, afim de se pronunciarem juntas, como se fossem uma só; e tambem para unir as syllabas de uma palavra, quando esta se divide no fim de uma regra, por não caber toda nella, como se vê em *Ouvio-me, Retirou-se*; e se está vendo nesta mesma regra.

O *Trema, Dierese*, ou *Apices* (tudo é o mesmo) são dois pontos postos horisontalmente (. .) sobre a vogal, para mostrar que ella não faz dithongo com a seguinte, como em *Säu-de, Rio*; e serve tambem para mostrar que se pronuncia o *u* depois de *q*, e de *g*, como em *Seqüestro, Gũarda*. Não está em uso entre nós.

§ IV.

Dos Signaes que regulão a boa leitura de um discurso.

Os *Signaes* da escriptura, de que temos falado, ensinão a boa pronunciação e leitura dos vocabulos em separado; e os

de que imos a tractar regulão a boa leitura de um discurso, dando-lhe clareza, elegancia, e facilidade.

Estes *Signaes* são a *Virgula* (,), o *Ponto e Virgula* (;), *Dois Pontos* (:), *Ponto de Interrogação* (?), *Ponto de Admiração* (!), *Angulo* (), *Reticencia* (...), e *Ponto Final* (.)

A *Virgula* é signal para fazer uma breve pausa, levantando ao mesmo tempo a voz. O *Ponto e Virgula*, *Dois Pontos*, e *Ponto Final* são para fazer tambem uma breve pausa, abaixando ao mesmo tempo a voz. O *Ponto de Interrogação* mostra que se deve ler como quem pergunta. O *Ponto de Admiração* indica exclamação.

O *Angulo* serve para mostrar que esqueceo alguma palavra, a qual se deve ler no logar em que elle estiver; ou a palavra esquecida esteja na margem com outro *Angulo*, ou em cima da regra sem elle. *Reticencia* é signal para suspender a voz na leitura, conservando porém certo modo, indicativo de que se não disse quanto se quizera dizer, como: *Bem quizera* porém....

O *Asterico* (*) serve para mostrar, que se deve ir procurar, ou nas margens, ou no fim do texto, alguma prova do que se disse, ou alguma advertencia ou explicação, marcada com outro igual.

Paragrapho (§) indica divisão na materia de que se tracta.

§ V.

DA PROSODIA.

Prosodia è a parte da *Orthoepia* que ensina a quantidade, e o accento ou tom da voz, com que se deve pronunciar cada syllaba, de qualquer vocabulo.

Quantidade è o espaço de tempo que se gasta na pronunção de qualquer syllaba; e porisso se chamão *breves*, isto he, rapidas aquellas syllabas, cuja pronunção gasta pouco tempo, e *longas*, isto è, extensas aquellas, cuja pronunção leva o tempo de duas *breves*. (5)

(5) Esta proporção não é exacta, pois nella supponmos as *breves* todas iguaes, e bem assim as *longas*; quando na verdade ha syllabas *breves* mais *breves* que outras, e *longas* mais *longas* que outras; e por isso quando dizemos que as *longas* estão para as *breves* em razão dupla, não levamos em conta os quebrados, nem isso é possível.

Uma syllaba pôde ser *breve* ou *longa*, ou de sua natureza, ou por uso. São *breves* ou *longas*, de sua natureza aquellas syllabas, cuja pronunciação demanda vagar ou rapidez; e são *breves* ou *longas* por uso, isto é, *communis* aquellas, cuja pronunciação pôde ser ou rapida, ou vagarosa; pelo que umas vezes são *breves* outras *longas* conforme sua posição.

São *longas* de sua natureza as vozes *á, ê, ê, ó, ô*: *todas as vozes nasaes; todos os dithongos; e toda a syllaba feita por contracção de duas*, como: *Avó, Ortelã, Meu, Pão, á* por *aa*. (veja se a pag. 8, not. 2.)

São *breves* por natureza as vozes *a, e, o*, como se vê na primeira, e na ultima syllaba de *Semana*, e na ultima de *Ovo*. Porém estas mesmas vozes *a, e, o*, são *longas* antes de duas consoantes, quando uma destas lhes pertence, e a outra é da syllaba seguinte, como: *Ermida, Folgar*.

São *communis* as vozes *i, u*, e por isso serão *longas* quando sobre ellas cair o accento predominante do vocabulo: e serão *breves*, quando não cair, como se vê em *Vicio* que tem o primeiro *i* longo, e o segundo *breve*; e em *Tumulo* que tem o primeiro *u* longo, e o segundo *breve*.

Já fica dito que accento é o tom da voz mais ou menos elevado e forte na pronunciação das syllabas. Mas como uma syllaba pôde ser *longa*, por gastar o tempo de duas breves, e com tudo não ser aguda; segue-se que ha muita differença entre a Quantidade e o accento das syllabas. Por tanto não é essencial ás syllabas *longas* o terem um *Accento* determinado, e por isso podem ter ou o *Agudo*, ou o *Grave*, ou o *Circumflexo*, como se vê em *Orgão* que tem a primeira *longa* com *Accento Agudo*, e a segunda também *longa* com *Accento Grave*.

Como todos os vocabulos tem uma syllaba de som forte e predominante com *Accento Agudo*, ou *Circumflexo*, á qual todas as outras estão subordinadas, é importante saber qual ella é.

As palavras de uma syllaba tem o *Accento predominante* nessa mesma syllaba, como: *Só, Vê*. Exceptuão se porém desta regra as palavras *Enclíticas* de que logo falaremos.

Tem o *Accento predominante* na ultima syllaba as palavras acabadas em *á, ê, ê, ó, ô, i, u*, como *Maná, Jacaré, Mercê, Filhó, Avó, Cajá, Javalí*; porém das acabadas em *i* e *u*, se exceptuão *Quasi* e *Tribu*.

Tem o *Accento* predominante na ultima syllaba as palavras acabadas em alguma das vozes nasaes, ou em dithongo, como: *Irmã, Assem, Perdão*. Exceptuão-se *Ordem, Homem, Imagem*, e todas as fórmãs dos verbos acabados na voz nasal em, como: *Louvem*, as quaes tem o *accento* na penultima syllaba.

Das acabadas em dithongo nasal exceptuão-se *Benção, Frangão, Orgão, Rabão, Sotão*, e todas as fórmãs dos verbos acabados em ão (excepto as do futuro), como: *Louvão, Amarão*.

Tem o *Accento Predominante* na ultima syllaba os nomes que no singular acabão em algumas das letras *l, r, s*, ou *z*, como: *Imbecil, Altar, Nariz*. Exceptuão se dos acabados em *t* *Tentugal, Setabal, Affavel, Docil, Consul* &c. Dos acabados em *r*, exceptuão se *Aljofar, Ambar, Assucar, Nectar, Martir*. Dos acabados em *s* exceptuão se *Alferes, Calis, Herpes, Ourices, Simples*, e todos os *patronimicos* em *es*, como: *Lopes, Domingues*, os quaes tem o *Accento* na penultima syllaba.

As palavras esdraxulas, isto é, que tem a ultima e penultima syllabas breves, tem o *Accento predominante* na antepenultima, porque o *Accento* não pode passar para traz della, como: *Optimo, Celebre*.

As formas dos verbos no presente e no preterito tem o *Accento predominante* na penultima syllaba; e bem assim todas as mais palavras, que não estão comprehendidas nas regras antecedentes, como: *Amamos, Defendemos, Voto, Humanidade*. (6)

Chamão-se *Encliticas* aquellas particulas, que não tem *Accento* proprio em razão de se encostarem a outras palavras, debaixo de cujo *Accento* se pronunção. Taes são o artigo *o*, *a*, *os*, *as*, algumas preposições, e os casos *me, nos, te, vos, se, lhe, lhes*, como: *Ama-o, Ouve-me, Ferio-se, Dando-se-lhe, &c*.

(6) *Amamos* primeira pessoa do plural do presente e do preterito do indicativo do verbo *Amar* (e o mesmo é em todos os da 1ª conjugação) tem a mesma pronunção no presente e no preterito, assim como a tem os verbos da 2ª e 3ª conjugação, como: *Defendemos, Unimos*. O sentido do discurso, pronunçado ou escripto, é quem dá a conhecer se é presente ou preterito. Para dar á segunda syllaba do preterito (*ma*) um som mais agudo, a fim de o distinguir do presente, é necessario violentar o órgão da voz, do que resultaria uma pronunção dura, affectada, e estranha ao uso da Lingua.

§ VI.

Das Figuras da Dicção.

Chamão se *Figuras da Dicção* certas alterações ou mudanças, feitas só no material dos vocabulos, sem influencia na significação delles, por e attender só á maior brevidade e facilidade da pronunciação.

Os vocabulos podem ser alterados, ou por *Accrescentamento*, ou por *Diminuição*, ou por *Transposição* e *Transformação* de syllabas ou letras; o que pode acontecer, ou no principio, ou no fim, ou no meio dos vocabulos.

Accrescentamento.

Prothese, isto é, apposição é quando no principio do vocabulo se accrescenta alguma syllaba ou letra, como: *Acredor* por *Crêdor*, *Alevantar* por *Levantar*.

Paragoge, isto é, posposição é quando no fim do vocabulo se accrescenta alguma syllaba, como: *Pertinace* em lugar de *Pertinaz*, *Martire* por *Martir*.

Epenthese, isto é, entreposição é quando no meio do vocabulo se accrescenta uma syllaba, como; *Mavorte* por *Marte*, *Pagano* em lugar de *Pagão*.

Diminuição.

Apherese, isto é, abstracção é quando no principio do vocabulo se tira alguma syllaba, como; *Bobedas* por *Abobedas*, *Maginação* por *Imaginação*.

Apocope, isto é, mutilação é quando no fim do vocabulo se tira alguma syllaba, como: *Gram* por *Grande*, *Marmor* por *Marmore*.

Syncope, isto é, concisão é quando no meio do vocabulo se tira alguma syllaba, como: *Imigo* por *Inimigo*, *Mor* por *Maior*.

Transformação.

Methatese, isto é, transposição e transformação é quando as letras ou syllabas, de que se compõe as palavras, estão postas em uma ordem differente daquella, em que se achão no vocabulo primitivo; como: *no*, *na*, *nos*, *nas*, em lugar de *em o*, *em a*, *em os*, *em as*; *fal-o*, *dil o*, *quil o*, *pel o*, por *faz-o*, *diz-*

o, quiz-o, per-o: onde se vê nos primeiros a preposição em transformada em *n*, e nos segundos o *z* e *r* em *l*. (7)

(7) Parece que *o a, os as*, na relação de complemento objectivo, e também quando representa o sujeito ou o attributo de uma proposição antecedente, é um *demonstrativo relativo*; porque sempre está só na proposição em lugar de um nome antecedente, cujas vezes faz, representando-o, para evitar repetições, com que o discurso ficaria desagradavel, como: *Filho, sê temente a Deus, e ama-o de todo o coração*: o mesmo ex: *Filho, sê temente a Deus, e lembra-te sempre de o amar, ou de amal-o de todo o coração*. Em ambos estes exemplos, *o* está em lugar do nome Deus, e é complemento objectivo. Note-se porem que *o* antes de *amar* é a mesmíssima cousa, e exprime a mesma idéa que depois do verbo (*de o amar*, e de *amal-o*), e que no entanto depois de *amar* se lhe põe *l*, e antes não; porque dizendo-se *de o amar*, a pronunciação fica suave e agradável; mas se dicermos *de amar-o*, o som ficaria ingrato e estranho. Portanto é só por euphonia que o *r* se muda em *l*, e que succede o mesmo quando o verbo acaba em *s* ou *z*. Eis-aí pois as razões que nos movem a dizer que *lo la* não é a contracção de *Ello*, terminação antiquada de *Elle Ella*, a qual desapareceu infeitamente do uso da Lingua. Se *lo la* fosse contracção de *Ello*, seria necessario admittir o absurdo de *los las* ser a contracção de *Ellos*. Em todas as orações semelhantes ás duas acima *o a, os as*, está só e na relação de complemento objectivo, usado em lugar de *elle ella, elles ellas*. Por isso Grammaticos mais distinctos dizem que é um caso de *Elle Ella, Elles, Ellas*, no que não ha inconveniente algum.

Este Demonstrativo não tem incluído em si o nosso artigo *o a, os as*; porque se os Latinos carecem do nosso artigo definido, como pôde elle estar incluído em *Elle Ella Ello, Elles Ellas*, que é o Latino *Ille Illa Illud*, que o não tem?

O a, os as, quando serve de complemento objectivo, muitas vezes, pode concordar com seu antecedente, como: *Dei principio á obra, e espero concluir-a*, isto é, *concluir a obra*. Por isso dizem alguns Grammaticos que nestes casos *o a, os as* é o artigo, a que se dá uso pronominal. Cada qual siga o que lhe parecer mais conforme á natureza do artigo, o qual é destinado para dar um caracter individual no nome commum. Em algumas orações é necessario usar de expressões forçadas para dar á terminação o alguma palavra, com que possa concordar. Isto succede quando a dita terminação está representando o sujeito ou attributo de uma proposição antecedente, como: *Ha verdades que a nós o não parecem, mas nem porisso deixão de o ser. As feias, nem por o serem, deixão de agradar*. Os Grammaticos dizem que *o* concorda com o verbo *ser*, e violentão a expressão deste modo: *Ha verdades que a nós não parecem o serem verdades, mas nem porisso deixão de ser o serem verdades: As feias nem por serem o ser feias &c.* Um distincto Grammatico diz que neste exemplo *o* concorda com *facto* da fealdade, como se dicessemos: *As feias, nem por serem o facto da fealdade &c.* Tudo isto é contrafeito e forçado, porque ali a terminação *o* está para representar uma idéa, e não para concordar com palavra alguma.

Finalmente a *Synalepha* é quando se suprime a vogal final de um vocabulo, por se lhe seguir outro que principia por vogal, como: *do, da, deste, desse, delle, to, tho*, em logar de *de o, de a, de este, de esse, de elle, te o, lhe o*; o que póde referir se á *Methatese*.

As alterações de que temos fallado, são authorizadas pelo uso, e nascêrão do desejo de fazer a Linguagem facil, agradável, e harmoniosa, evitando com ellas a concorrência de consoantes asperas, cacophonias, bem como hiatos que tornarião a linguagem fatigante.

Daqui se vê o quanto importa evitar o Barbarismo, que é privar os vocabulos ou dos sons, ou do accento, com que devem ser pronúnciados, como dizer *Pregar* por *Prégar*, *Truxe* por *Trouxe*, e até a cacophonia, isto é, dissonância ou o mau som, que póde resultar do concurso de algumas palavras, como: *Má manhã, Por que idade*.

CAPITULO II. DA ETYMOLOGIA

§ I.

Das Partes Elementares da Oração, e do Discurso.

Oração ou *Proposição* é a enunciação de um attributo em um sujeito, como: O homem é racional. (1)

Pela mesma razão de euphonia mudão o *r* em *l* as preposições *Per* e *Por*, quando se lhe segue o artigo definido, como: *Pela rua: Pelo amor de Deus*. Não haja susto de que se equivoque *Pelo* quando é preposição, com *Pôl-o* quando é verbo; porque o sentido e o accento que se costuma pôr neste, o darão bem a conhecer. É erro chamar pronomes ao artigo definido, quando se ajunta ás preposições *Per* e *Por*, se elle não está posto em lugar de um nome antecedente, como: *Dar esmola pelo ou pelo amor de Deus*; o artigo concorda com *amor*, como se dicessemos: *Per a rua; Por o amor de Deus*. Se neste logar *lo la* não é contração de *Ello* (pois não é pronome), porque o ha de ser nos casos acima? E' portanto muito exacto escrever *Amol-o, Temel-o* &c., porque *lo la* não é contração de *Ello*; mas o *l*, nos casos apontados, se admite só por euphonia; razão porque João de Barros escrevia *Todala cousas*; &c. Por este motivo mesmo de maior suavidade e facilidade da pronúnciação, se costuma por o som *n* entre as terceiras pessoas do plural dos verbos e o artigo, quando este se lhes segue immediatamente como: *Louvão-no, Amão-na* &c. em lugar de *Louvão-o, Amão-a* &c.

(1) *Juizo* é a percepção da relação de conveniência ou repugnância entre duas idéas. Idêo é o resultado da acção d'alma sobre um

São cinco as *Partes elementares* da oração, a saber; Nome Substantivo, Nome Adjectivo, Verbo, Preposição, Conjunctão, e a *Interjeição* que não é *Parte elementar*, porque ella per si só equivale a uma oração, e ás vezes a muitas (2). *Discurso* é um composto de proposições, e porisso ellas são os seus elementos.

sentimento unico. Proposição é um juizo enunciado. A esta definição equivale exactamente a que demos a cima. Na Syntaxe daremos o devido desenvolvimento a esta materia.

(2) Como em toda a natureza ha unicamente *substancias, qualidades, e relações*; tambem no pensamento ha só idéas de *substancias, de qualidades, e percepção das relações*, ou de conveniencia, ou de *determinação*, ou de *nexo e ordem* entre as mesmas idéas; e sendo as palavras signaes de nossas idéas e pensamentos, segue-se que em toda e qualquer Lingua ha sómente cinco especies de palavras, correspondentes á analyse que fizemos do pensamento: porisso com os *Nomes Substantivos* significamos as *substancias*; com os *Adjectivos* as *qualidades*; com o *Verbo Substantivo* as *relações* de conveniencia; com as *Preposições* as de *determinação*; e com as *Conjunctões* as de *nexo e ordem*.

Por esta classificação dos *Elementos da proposição* bem se deixa vêr que incluímos os *Artigos* os *Pronomes* e os *Participios* nos *Adjectivos*. Os *Verbos adjectivos*, como são a concentração de um attributo com o *Verbo substantivo* em uma só palavra, já estão classificados: e bem assim os *Adverbios*, por equivalerem a uma *preposição* com seu complemento.

Estas diferentes especies de palavras tem sim logar quando expomos mudamente nossas idéas: mas se as enunciamos juntas e em confusão, como succede ordinariamente, se nosso espirito está occupado de alguma paixão violenta, nestes casos nos exprimimos com *Interjeições*, outra especie de palavras, equivalente a todas as cinco, e por isso mesmo a um discurso, em que expossemos pelo miúdo os sentimentos de que o espirito está occupado. Com as *Interjeições* vem a ser seis as classes das palavras, que podem entrar no discurso. Estas ainda que em diferentes Povos variem no material dos sons, não podem deixar de ser a pintura do pensamento, de representar as mesmas idéas e as mesmas relações, e por consequencia de ser as mesmas em todas as Linguas, assim cultas, como selvagens, antigas e modernas.

Os termos *Nome Substantivo, Adjectivo, &c.* são invenções dos Grammaticos, é verdade; porem invenções necessarias para dar um nome a cada uma das diferentes classes de palavras, correspondentes ás diferentes especies de idéas que ha no pensamento. No exercicio de suas operações o espirito humano foi sempre dirigido pelas mesmas leis, em todos os tempos, e em todas as partes da terra. Por tanto sempre houve e sempre hade haver differença entre nossas idéas, porque são dissimilhanes os sentimentos que affectão a alma. Se as idéas são differentes, são necessarios signaes que as enunciem de modo que se perceba sua differença, ou porque as palavras sejam dissimilhanes, ou

Nome Substantivo é o que significa qualquer cousa, como subsistente per si mesma, como: *Terra, Virtude*.

O *Nome Substantivo* é ou *Proprio*, ou *Appellativo*. *Nome Proprio* ou *Individual* é o que convém só a uma pessoa ou cousa, como: *Virgilio, Brasil*. *Nome Appellativo* ou *Communum* é o que convém a muitas pessoas, ou cousas, como: *Pedra, Brancura*. (3)

pelo logar que occupão no discurso; ou porque tenham soffrido alguma alteração ou modificação, &c : numa palavra, sempre houve nas Linguas palavras essencialmente diferentes. Ainda que um vocabulo seja o mesmo quanto ao seu material, isto é, quantô ao som e aos caracteres com que se escreve: é todavia muito diverso, quando é signal de idéas diferentes. Não attender a isto seria confundir o physico dos vocabulos com o que elles tem de logico e espirital, como signaes de nossas idéas. Se houve em algum tempo uma expressão equivalente a esta *Cara-noite*; *noite* seria um adjectivo, porque enuncia essa mesma idéa, a qual hoje se exprime por *escura* ou *negra*. Quando *head* em Inglez significa *cabeça, chefe*, &c. é um nome substantivo, quando significa *superior*, é adjectivo, quando significa *governor*, é verbo; mas quando é nome, não é verbo, e vice versa. A nossa lingua é muito abundante de vocabulos, que no material são o mesmo, porém que tem muita differença segundo as idéas que exprimim: por exemplo: *Tinha, Capa, Rio* são nomes e verbos: *Entre* é verbo e preposição. Quem dirá que um verbo é o mesmo que uma preposição?. Em fim, para dizer que não ha distincção essencial entre as diversas palavras que compõe as Linguas, é necessario provar primeiro que não ha distincção essencial entre as idéas.

(3) Os Nomes proprios enuncião *Idéas singulares*, porque *idéa singular* é a que tem por objecto um só individuo, isto é, uma só pessoa ou couza.

Divide-se o Substantivo Appellativo em *Universal*, e *Parcial* e *Modal*. O *Universal* ou *Geral* exprime a reunião das qualidades essenciaes e communs a muitos individuos, e comprehende tambem em sua significação esses mesmos individuos; e por isso equivale a todos os adjectivos necessarios para nomear essas qualidades. Estes *Substantivos* são signaes de *idéas geraes compostas e abstractas*, e são nomes de classes que arranjão os individuos debaixo de certos generos e especies; não só por não ser possivel dar um nome a cada um; mas tambem porque esses *nomes proprios* seriam inuteis para o raciocinio, pois este depende inteiramente dos nomes de classes, isto é, das *idéas geraes*.

As *Idéas Geraes* se formão quando nosso espirito abstrahе de muitos individuos ou idéas singulares, e *reune em uma só palavra*, as qualidades e propriedades communs a todos elles, sem fazer caso do que é particular a cada um. Estas idéas tornão a ser individuaes, quando se nos apresenta um desses individuos; por isso os *Substantivos Appellativos* que as representam são *nomes individuaes*, quando são applicados a significar um individuo, como: *Este Livro, Essa Casa, Aquella Rua* &c.

Nome Adjectivo é o que ou significa alguma qualidade, existente em um sujeito; ou determina o nome substantivo, como: *Virtuoso, Alegre, Todo, Este, &c.*

Os nomes substantivos são ou *Primitivos*, ou *Derivados*. Primitivo é o que não tem origem de outro da mesma lingua: como *Pedra, Mar*. Derivado é o que nasce de outro nome da mesma Lingua, como: *Pedreira, Pedrez*, derivados de *Pedra*: *Maré, Marezia, Marujó*, derivados de *Mar*.

Os *Nomes Derivados* ou nascem de nomes próprios, ou de nomes appellativos. Os nomes *Gentilicos* ou *Nacionaes*, e os *Patronimicos* são derivados de nomes próprios.

Nomes Gentilicos ou *Nacionaes* são uns adjectivos, que declarão a gente, nação, ou patria, donde cada um é, como: *Brasileiro*, quer dizer *natural do Brasil, Maranhense do Maranhão*.

Nomes Patronimicos são os derivados de nomes próprios de homens, e servem hoje de appellidos hereditarios a certas familias, como: de *Antonio Antunes, de Lopo Lopes*. Estes nomes em outro tempo indicavão filiação como: *Alvares* significava *filho* ou *filha de Alvaro, Lopes de Lopo &c.*

Augmentativo, é o que augmenta a significação do seu primitivo; e *Diminutivo* o que a diminue, como: de *Caixa Caixaão*, de *Homem Homemzarrão*, de *Filho Filhinho*, de *Livro Livrinho*.

Nome Collectivo é o que no singular significa multidão, ou de cousas, ou de pessoas, como: *Familia, Rebanho*. Os *Collectivos* são ou *Geraes* ou *Partitivos*. *Collectivos Geraes*

Substantivos Parciaes e Modaes são os que significão de um modo abstracto uma qualidade só, porém commum a muitos individuos, como: *Brancura, Solidez, Amizade, Prulencia &c.* Estes *Substantivos* são signaes de idéas abstractas; porque *Idéa Abstracta* é a que se forma quando o espirito considera como separado o que na natureza está unido. São estas as causas que subsistem per si no nosso modo de as conceber. Por isso quando um nome significar uma qualidade, porém de um modo abstracto será um *Substantivo*, como: *Brancura*; mas quando significar uma qualidade de um modo concreto, isto é, unida á *substancia*, como está na natureza, será um *Adjectivo*, como: *Papel Branco*.

Substancia é tudo aquillo que subsiste per si mesmo na natureza: ou: *Substancia* é aquillo que no ente está sujeito ás modificações, e supporta as propriedades. *Modos* são as maneiras de existir das substancias, ou as qualidades que percebemos nas cousas.

são os que abrangem toda a multidão, ou indeterminadamente, como: *Nação, Povo*; ou determinadamente, como: *Dezena, Centena, Milhar, &c. Collectivos Partitivos* são os que significação só uma parte da multidão, como o *Terço, o Dizimo, &c.*

Ha tambem *nomes compostos* de duas, e de tres palavras, ou inteiras, ou alteradas, como: *Nortesul, Malmesbury, Fidalgo, &c.*

§ II.

Do Genero dos Nomes Substantivos.

Genero quer dizer *Classe*. *Classe* é o arrançamento de muitos individuos debaixo das qualidades communs a todos.

Genero dos nomes é a differente classe, a que elles pertencem ou de sua natureza, ou por uso arbitrario das Linguas.

Os seres animados estão naturalmente classificados no sexo, a que pertencem; e como os sexos são dois, masculino e feminino, tambem são dois os Generos Naturaes, em que só entrão os seres animados. Todas as outras cousas inanimadas pertencem a um destes Generos, segundo o arbitrio da nossa Lingua, que tem sómente dois Generos, Masculino, e Feminino. Daqui nasce a doutrina seguinte.

São do *Genero masculino* os nomes que significão macho, como; *Pedro, Leão*; os que significão *officios e ministerios proprios do homem*, como: *Imperador, Bispo*: os que significão *Deuses falsos, Anjos, Ventos, Montes, Mares, Rios, e Mezes*, porque se personalizão em figura de homem, como: *Jupiter, Lucifer, Norte, Olimpo, Atlantico, Itapucurú, Janeiro, &c.*

São femininos os nomes que significão *femea*, como: *Ignes, Leão*; os que significão *officios e ministerios proprios da mulher*, como; *Imperatriz, Costureira*: os que significão as *Deusas falsas*, as *Partes principaes da Terra*, as *Sciencias*, e *Artes Liberaes*, as *Virtudes e Paixões*; porque estas cousas se pintão em figura de mulher, como: *Juno, America, Europa, Azia, Africa, Grammatica, Justiça, Soberba, &c.*

Por analogia tambem são femininos os nomes de *Regiões, Províncias, Terras, Ilhas, e Cidades*, como: *Numidia, Bahia, Creta, Olinda, &c.*

Chamão-se *Epícenos* aquelles nomes de animaes, que sem mudar de genero, significão macho e femea, como: *Sabiá, Ja-*

caré, os quaes sempre são masculinos; e *Aguia, Cobra* sempre femininos; por isso quando quizermos falar do macho, ou da femea determinadamente, diremos: o *Sabiá macho*, a *Cobra femea*, o *macho da Cobra* &c.

Os nomes da nossa Lingua, que significão seres inanimados, por mero arbitrio forão classificados uns no *Genero masculino*, e outros no *feminino*, mas pelas regras seguintes poderemos conhecer de que *Genero* são.

São do *Genero masculino* os nomes acabados em *á* agudo, *e, i, o, u, ão, em, im, om, un*, como: *Tafetá, Valle, Bacuri, Ovo, Angú, Pão, Vintem, Brim, Som, Jejum*. Exceptuão-se dos acabados em *á*, e *é, Pé, Sé, Ralé, Mercé, Arte, Neve*, e pela maior parte os que antes de *é* breve tem *d*, como: *Sede, Virtude*, que são femininos. Dos acabados em *i, ó, u, ão*, são femininos *Lei, Grei, Enchó, Filhó, Ilhó, Mó, Teiró, Mão, Multidão, Nau, Tribu*, e pela maior parte os que antes de *ão* tem *i*, ou *s*, ou *ss*, ou *ç*. como: *União, Occasião, Acção*. Dos acabados na syllaba *em*, são femininos *Ordem*, e ordinariamente os que antes de *em* tem *g*, como: *Lavagem, Margem*.

São do *Genero Masculino* os nomes acabados em *l*, e *r*, como; *Arraial, Buril, Amor, Prazer*. Exceptuão-se, *Cal, Colher*, e os acabados em *ôr* de uma syllaba, que ordinariamente são femininos, como: *Dôr, Flôr*.

São tambem do *Genero masculino* os nomes acabados em *s*, e *z*, como: *Herpes, Antraz*. Exceptuão-se *Andas, Arras, Cocegas, Alviçaras, Preces, Culis, Paz, Tenaz, Têz, Rêz, Torquez, Vez, Buiz, Cerviz, Matriz, Raiz, Antroz, Foz, Voz, Cruz, Luz*.

São do *Genero feminino* os nomes acabados em *á* breve, *ã* ou *an*, como: *Redea, Lã*. Exceptuão se *Dia, Diadema, Emblema, Cometa, Enigma, Dilema, Thema, Theorema, Estratagem, Poema, Systema, Problema, Anátema, Sophisma, Prisma, Mappa, Iman*.

§ III.

Da variação dos Nomes.

Numero é a quantidade de individuos ou cousas, que os nomes significão. Os *Numeros* são dois *Singular*, e *Plural*.

Dos nomes da nossa Lingua uns tem só *Singular*, outros só *Plural*; e a maior parte delles tem *Singular* e *Plural*, e ordinariamente varião de terminação, quando passão de um *Numero* para outro. O *Numero singular* indica uma só pessoa ou cousa, o *plural* muitas.

Tem só *Singular*. 1º os nomes proprios, como *Scipião*, *Albuquerque* (4). 2º os de idades, de virtudes, habituaes, de artes, e sciencias, como: *Meninice*, *Caridade*, *Grammatica*, *Milicia*. 3º quasi todos os nomes verbaes, e os nomes de ventos, como: *Amar*, *Norte* (5). 4º os nomes de metaes, e dos quatro elementos, como: *Ouro*, *Terra*, *Agua*, *Fogo*, *Ar*. 5º os de cousas que tem peso e medida; e em fim alguns nomes collectivos como: *Leite*, *Assucar*, *Infanteria*, *Gentilismo* &c.

E tem só *plural* os nomes que significão ou ajuntamentos de cousas da mesma especie, como: *Farelos*, *Cominhos*; ou misturas de cousas diferentes, como: *Fezes*, *Viveres*; como tambem todos os numeros cardeaes de dois para cima, como: *Tres*, *Quatro*; e outros nomes: como: *Alviçaras*, *Cans*, &c.

Tem *singular* e *plural* com uma só terminação os nomes *Alferes*, *Arraes*, *Caes*, *Lestes*, *Ourives*, *Prestes*, *Simples*.

Todos os nomes acabados em vogal, quer seja oral, quer nasal, ou em *Dithongo*, fazem o *plural* accrescentando s á terminação do *singular*, como: *Nó*, *Nós*, *Pé*, *Pés*, *Lan*, *Lans*, *Som*, *Sons*, *Rei*, *Reis*, *Mão*, *Mãos*.

Advirta-se porém que dos nomes acabados em *ão*, alguns fazem o *plural* em *ões*, como: *Sermão*, *Sermões*, outros em *ães* como: *Escrivão*, *Escrivães*.

Os nomes acabados em *r*, *s*, ou *z*, fazem o *plural* accrescentando-se-lhes *es*, como *Logar*, *Logares*, *Deus*, *Deuses*, *Noz*, *Nozes*.

Os nomes acabados em *al*, *ol*, *ul*, fazem o *plural* mudando o *l*, em *es*, como: *Animal*, *Animaes*, *Caracol*, *Caracoês*,

(4) Quando se diz *os Scipiões*, *os Albuquerque*, é porque estes nomes de proprios se fazem communs por meio do artigo, como se dissessemos: *os Conquistadores como Albuquerque* &c.

(5) Tambem se diz *os Teres*, *os Haveres*, *os Nortes*, *Ouros*, *Pratas* &c.; mas estas palavras nestes casos estão em um sentido diferente do da regra acima.

Taful, Tafues. Exceptuão-se *Mal, Cal, Consul*, que fazem o plural *Males, Cales, Consules*.

Os nomes acabados em *el* mudão esta syllaba em *eis*, como; *Fiel, Fieis, Papel, Papeis*. Os acabados em *il*, não agudo, mudão o *il*, em *eis*, como: *Agil, Ageis, Docil, Doceis*; sendo porem o *il* agudo, mudão o *l* em *s*, como; *Subtil, Subtis, Funil, Funis*.

§ IV.

Divisão dos Nomes Adjectivos.

Os *Adjectivos* são ou *Explicativos*, ou *Restrictivos*, ou *Determinativos*; *Adjectivo Explicativo*, é o que significa alguma das qualidades, incluídas na significação do nome appellativo, como: *Homem racional*. (6)

(6) *Adjectivo* é um nome que se ajunta ao substantivo, ou para o explicar e desenvolver, ou para o restringir, isto é, para lhe accrescentar alguma idéa, e limital-o assim a menor numero de individuos; ou para o determinar. A nenhuma outra especie de palavras convem esta definição: pois se o adverbio se ajunta ao sentido do nome, o que se segue daí é que nisso convem o adjectivo com o adverbio: nem isso admira, em razão de haver entre muitos objectos umas propriedades que os fazem semelhantes, e outras que os tornão diferentes; como se observa no *Adjectivo*, que pelas funcções que exerce na oração, muito bem se distingue das outras especies de palavras. Portanto a denominação de *Adjectivo* não é vaga, pois é um termo a que está ligado um certo numero de idéas, que não convem a algum outro elemento da proposição. Ainda se não ensinou que o *Adjectivo* accrescenta sempre uma idéa ás que já tem o substantivo; nem a significação de accrescentar novas idéas está necessariamente ligada ao termo *Adjectivo*. Diz-se, e sempre se dice que *Adjectivo* é um nome que se ajunta a outro para os fins acima ditos. Ora isto sempre acontece, ou o *Adjectivo* signifique uma das idéas incluídas na idéa geral do *Appellativo*, para o explicar, ou lhe accrescente alguma idéa para o limitar e restringir. Portanto o termo *Adjectivo* *nem é vago*, *nem incorrecto*. O termo de *designativo*, com que se pretendeo substituir o de *Adjectivo*, convem a todas as palavras; porque todas ellas designão, todas indicão, todas significão. No sentido de attributo, não convem aos *Adjectivos Determinativos* pois estes não exprimem qualidades. É pois evidente que não ha necessidade de admittir na *Grammatica* as denominações de *designativo*, *abstractivo*, e *distinctivo*, porque nada inteiramente adiantão nossos conhecimentos, nem são mais proprios do que os termos de *Adjec-*

Adjectivo Restrictivo é o que exprime alguma qualidade, não incluída na significação do appellativo, como *Homem virtuoso*. *Adjectivo determinativo* é o que, junto ao appellativo, faz com que elle seja applicado a comprehender ou todos os individuos da sua classe, ou somente alguns, ou um só, ou nenhum, como: *Todo o homem*, *Alguns homens*, *Este homem*, *Nenhum homem*. Bem se vê que o Nome Adjectivo não pode estar sem um substantivo.

§ V.

Dos Adjectivos Determinativos.

Podemos dividir os *Adjectivos Determinativos* em *Artigos*, *Demonstrativos*, e *Determinativos*, de *Quantidade*.

Artigos são uns *Adjectivos Determinativos*, monosyllabos, que antepostos aos nomes appellativos, fazem com que elles se tomem no sentido individual, ou determinadamente, ou de um

tivo, *Explicativo* e *Restrictivo*, que desde tempo immemorial estão de posse de suas idéas, que são por elles muito bem enunciadas. Quando o Adjectivo significa uma qualidade das incluídas no substantivo, é muito claro, e muito exacto chamar-lhe *Explicativo*, porque o explica; quando lhe acrescenta uma idéa para o restringir a menor numero de individuos, assenta-lhe exactamente o nome de *Restrictivo*.

A divisão dos Adjectivos em tres classes funda-se nas seguintes razões. O Adjectivo serve para modificar o substantivo, e porisso quantas forem essas modificações tantas deverão ser as especies de Adjectivos. Como os appellativos são signaes de idéas geraes (vide pag. 22 not. 3), segue-se que o nome appellativo se pôde tomar ou quanto á sua *comprehensão*, isto é, quanto ás qualidades e propriedades, nelle reunidas, ou quanto á sua *extensão*, isto é, quanto aos individuos que elle comprehende em sua significação. Considerado do primeiro modo, pôde ser modificado ou por Adjectivos que os expliquem, significando alguma das propriedades que elle encerra; ou por Adjectivos que lhes acrescentem outras, para os restringir com um maior numero de idéas a um menor de individuos. Os Adjectivos que explicão, são *Explicativos*; os que restringem, são *Restrictivos*. Tomado o appellativo do segundo modo, pôde ser determinado a comprehender ou todos os individuos da sua classe, ou só parte delles. Estes Adjectivos que determinão, são *Determinativos* como: *Todo o homem é racional*, *Alguns homens são prudentes*. *Todo* e *Alguns* são Determinativos: *Racional* é Explicativo; *Prudente* Restrictivo: Os substantivos não podem ser modificados senão por algum dos tres modos acima; portanto não pode haver mais que tres especies de Adjectivos.

modo vago. A nossa Lingua tem dois Artigos, um é o Artigo Definido *O A* para o singular, *Os As* para o plural; outro é o Artigo Indefinido *Um Uma* para o singular, *Uns Umas* para o plural.

O Artigo Definido, anteposto ao appellativo, mostra que elle comprehende determinadamente todos os individuos da sua classe, como: *O homem é racional*. Porem sendo necessario que o appellativo comprehenda um só individuo, ou menos dos da especie, usa-se de alguma circumstancia restrictiva, quando esta se não entende ou do contexto do discurso, ou do sentido mesmo de quem fala, como: *O café do Pará; Viste o homem?* (7)

O Artigo, ou outro *Determinativo*, sempre é anteposto ao appellativo que deve ser sujeito da oração, como: *O estudo aperfeicou a razão*.

O Artigo, anteposto a qualquer elemento da oração, faz delle um nome substantivo, como: *O licito, O amar, O porque &c.*

Os appellativos sem artigo, sendo complementos de outros, ficão adjectivados, como: *Hómem de honra*, que vale tanto como *Homem honrado*.

O Artigo faz de nomes appellativos nomes proprios, como: *A Bahia, O Porto*; e pelo contrario faz de nomes proprios nomes appellativos, como: *Os Camões, Os Albuquerque*; isto vale tanto, como *Os poetas como Camões, Os conquistadores como Albuquerque*.

O Artigo sempre é anteposto ao appellativo, modificado por algum adjectivo restrictivo ou proposição incidente, como: *O criminoso deve ser punido com a pena devida, ou que é devida ao seu crime*.

Os nomes proprios não levão *artigo*, como: *Pernambuco, Olinda*; com tudo muitas vezes usamos do *artigo* antes delles; mas nestes casos o *artigo* concorda com um appellativo da classe, a que pertence o nome proprio, como: *O Brazil*, is-

(7) *Pedro da-me os livros* é manifesto que o artigo não é que restringe a significação do nome *livros*; da-lhe sim um caracter individual, comprehensivo de todos os individuos da classe, e quem limita esta extensão individual é uma circumstancia restrictiva, que se entende do sentido de quem fala, como: *Os livros que te emprestei*, ou outra qualquer.

to é, o *Imperio Brazil*; o *Itapucurú*, isto é, o rio *Itapucurú*.

Tambem se não usa do *artigo* quando o *appellativo* já está individuado por outro determinativo, como: *Este Livro*, *Aquella Casa*; todavia é costume ajuntal-o a *Todo*, e antepol-o aos *Demonstrativos* *Mesmo*, *Qual*, e aos *Ordinaes* *primeiro*, *segundo*, &c. quando precedem o substantivo. Usa se tambem do *artigo* antes dos *Demonstrativos* *meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*, quando queremos indicar uma cousa com mais particularidade.

O *Artigo Indefinido* *Um Uma*, *Uns Umás*, anteposto ao *appellativo*, dá-lhe um sentido individual, isto é, faz com que elle se applique aos individuos da sua classe, porem vagamente, como: *um* filho deve ser obediente a seu pai. No plural é limitado a *uma* parte indeterminada dos individuos, como: *Chegarão hoje uns homens*, *que* &c. Quando falarmos de objectos conhecidos, usaremos do *Artigo Definido* *o a, os as*; e falando de objectos desconhecidos, ou que não queremos dar a conhecer, usaremos do *Artigo Indefinido* *Um, Uma, Uns, Umás*.

§ VI.

Dos Demonstrativos Pessoaes.

Os *Demonstrativos* ou são *Pessoaes*, ou *Puros*, ou *Conjunctivos*. *Demonstrativos Pessoaes* são uns *adjectivos*, que fazem com que os nomes a que se ajuntão, ou a que se referem, se-
jão uma das tres *pessoas*, ou *cousa* que lhes pertença.

Nós temos seis *Demonstrativos Pessoaes primitivos* a saber: dois da primeira *pessoa*, *Eu* para o singular, e *Nós* para o plural; dois da segunda *pessoa*, *Tu* para o singular, e *Vós* para o plural; um directo da terceira *pessoa*, *Elle Ella* para o singular, *Elles Ellas* para o plural; e o reciproco *Si*, que sempre se refere á terceira *pessoa*, tanto do singular, como do plural. Estes *primitivos* fazem com que os nomes a que se ajuntão, ou a que se referem, tenham o caracter de uma das tres *pessoas*.

Tem a nossa lingua cinco *Demonstrativos Pessoaes derivados*, a saber: dois da primeira *pessoa*, *Meu Minha*, para o singular, *Meus Minhas* para o plural, *Nosso Nossa* para o singular, *Nossos Nossas* para o plural; dois da segunda *pessoa*, *Teu Tua* para o singular, *Teus Tuas* para o plural, *Vosso Vos-*

sa para o singular, *Vossos Vossas* para o plural; e um da terceira pessoa, falando-se ou de um só individuo, ou de muitos, *Seu Sua* para o singular, *Seus Suas* para o plural. Estes *Pessoas derivadas* fazem com que os nomes, a que se ajuntão, ou a que se referem, pertençam a uma das tres pessoas.

Os nomes juntos em proposição exprimem os objectos, e ao mesmo tempo as relações em que elles estão uns para com os outros. As mais importantes destas relações tem os nomes seguintes: Sujeito, Attributo, Vocativo, Complemento Restritivo, Complemento Terminativo, Complemento Objectivo, e Complemento Circumstantial. (*Disto se hade tractar na Syntaxe.*)

Casos são a terminação diferente de um nome dentro do mesmo numero. Na Lingua Portugueza os Demonstrativos Pessoaes Primitivos são os unicos nomes que tem *casos*; porque elles varião de terminação dentro do mesmo numero; e por isso mesmo são elles tambem os unicos nomes da nossa Lingua, que varião de terminação, para exprimir aquellas diferentes relações, as quaes nos outros nomes são indicadas ou pela sua posição, ou por meio de certas particulas que se lhes antepõe.

Eu, tem os casos, *me, mim, migo*; Nós, *nos, nosco*; Tu, *te, ti, tigo*; Vós, *vos, vosco*: Elle, tem no singular *lhe*, e no plural *lhes* para complemento terminativo; e *o a* no singular, *os as* no plural para complemento objectivo. (vid. pag. 48, nota 7) Si tem os casos *se, sigo*; e se usa só quando se tracta de uma acção, que um sujeito faz em seu proprio individuo, ou que lhe diz respeito. (*Estude a nota seguinte*) (8).

(8) Expliquemos estes casos. *Me* quer dizer *a mim* e ás vezes *em mim*, como: *Deo-me um livro*, isto é, *Deo a mim um livro*: *Deo-me pancadas*, isto é, *Deo pancadas em mim*. *Mim* sempre tem antes de si uma preposição, como: *de mim, a mim, por mim* &c. *Migo* sempre tem anteposta a preposição *com*, deste modo: *Commigo*. O que se dice de *Me, mim, migo*, se applique a *Te, ti, tigo*.

Nós, quando não é sujeito, leva preposição antes de si, como: de *nós a nós, por nós* &c. Nós quer dizer *a nós*, e ás vezes, *em nós* como: *Deo-nos um livro*, isto é, *Deo a nós um livro*: *Deo-nos pancadas*, isto é, *Deo pancadas em nós*. *Nosco* está sempre unido á preposição *com*, deste modo: *Commusco*. O que fica dito de *Nós, nos, nosco*, se applique a *Vós, vos, vosco*.

Elle, quando não é sujeito, pode ser complemento de varias, preposições. *Lhe, lhes*, querem dizer *a elle* ou *a ella*, *a elles* ou *a ellas*, e ás vezes, *nelle nella, nelles nellas*, e sempre é complemento termina-

§ VII.

Dos Demonstrativos Puros.

Determinativos Demonstrativos Puros são os adjectivos, que fazem com que os appellativos mostrem os objectos no lugar e distancia em que estão: A nossa Lingua tem seis, a saber: *Este Esta Isto, Esse Essa Isso, Elle Ella (Ello antiquado), Aquelle Aquella Aquillo, Mesmo, O mesmo* (9).

Este indica um objecto proximo á quem fala; *Esse* um objecto proximo á pessoa com quem se fala; *Aquelle* indica um

tivo, como: *Deo-lhe um livro, isto é, Deo a elle um livro: Deo-lhe pancadas, isto é, Deo pancadas nelle.* O *a, os as*, significa *a elle a ella, a elles a ellas*, e sempre é complemento objectivo, como: *Abri o livro e li-o todo*, isto é, *li a elle todo*. Estes dois casos de *Elle* sempre são relativos. (vid. not. 7 pag. 19) *Se* quer dizer *a si*, como: *Pedro ferio-se*, isto é, *Pedro ferio a si*. *Sigo* leva antes a preposição *com*, deste modo: *comsigo*. *Si* não póde enunciar as relações de sujeito, nem de vocativo; assim como *Eu, Nós, Elle* a de vocativo, pois não se póde dizer *ó si, ó eu, ó elle*. *Eu* e *Tu* não tem plural: *Nós* e *Vós* não tem singular. Um nosso Classico dice: Em mim ha dois *eus* &c.; isto porém é tomando *eu* noutro sentido. Os Grammaticos chamão pronomes a estes demonstrativos; porem esta denominação de pronome é muito vaga, porque ha palavras que se põe em lugar do nome, e com tudo não são pronomes.

Meu minha, meus minhas, significa de mim ou pertencente a mim, como: *meu livro*, isto é, livro de *mim*, ou, *que me pertence*. *Teu tua, teus tuas* é o mesmo que *de ti*, ou que *te pertence*, como: *teu livro*, isto é, livro de *ti*, ou que *te pertence*. *Nosso nossa, nossos nossas* quer dizer *de nós*, ou que *nos é proprio* &c. como: *nosso livro*, isto é, livro de *nós*, ou que *nos pertence*. *Vosso vossa, vossos vossas*, significa *de vós*, &c. *Seu sua, seus suas* (nunca significa *de si*) quer dizer *delle della, dellas dellas*, ou que pertence *a elle a ella* &c. como. *seu livro*, isto é, livro *delle* &c. Todos estes demonstrativos se chamão tambem *possessivos*.

Meu amor significa o amor que eu sinto; *amor de mim* é o amor que outrem me tem. *Saudades tuas* significa as saudades que tenho de ti. *Tuas saudades* são as que tu tens de outrem: *saudades minhas* significa saudades de mim: e *minhas saudades* as que tenho de outra pessoa. O mesmo é nas outras expressões similhantes, por ex.: *minha pena*, e, *pena de mim; teu medo*, e, *medo de ti*, &c.

(9) Estes Demonstrativos servem quando se fala de um objecto presente, pois falando-se de dois, usa-se de *Estoutro Estoutra. Estoutros Estoutras; Essoutro Essoutra, Essoutros Essoutras, Aquelloutro Aquelloutra, Aquelloutros Aquelloutras*; compostos de *Este* e *Outra* &c. como: *Aquella casa, e aquelloutra* são bem antigas.

objecto presente, maç, remoto da primeira e da segunda pessoa; *Elle* designa um objecto remoto e ausente; *Mesmo*, junto a qualquer dos pessoaes, e demonstrativos, augmenta-lhes a força; *O mesmo* mostra a identidade de algum objecto, indicado antecedentemente.

Tendo nós falado de duas cousas ou pessoas, querendo-as indicar pelos Demonstrativos *Este*, *Aquelle*; *Este* representa o objecto mais proximo, e *Aquelle* o mais remoto, como: *Pedro gosta do estudo e da conversação, porque esta o recrea e aquelle lhe aperfeioa a razão.*

As terminações *Isto*, *Isso*, *Aquillo* podem chamar-se neutras, não porque ellas possuem jamais concordar com nomes neutros, porque os não temos; mas porque se referem sempre ou a cousas, ou a pensamentos, ou acções, que por não terem genero, nem masculino, nem feminino, se podem chamar neutros, isto é, de nenhum genero. (10)

Todos os *Demonstrativos Puros* podem ser *relativos*, isto é, representar nomes antecedentes; mas não podem ser *conjunctivos*, como os seguintes, que são relativos e ao mesmo tempo conjunctivos.

§ VIII.

Dos Demonstrativos Conjunctivos.

Demonstrativos Conjunctivos são os que mostram ou o sujeito, ou o attributo de uma oração antecedente e unem ao mesmo tempo as orações parciaes com as de que são parte, como: *Qual é a cousa, que pôde faltar a quem tem por seu um Deus, cujo é tudo, quanto ha no Ceo e na Terra?*

Nós temos quatro Demonstrativos Conjunctivos, a saber: *o Qual a Qual, os Quaes as Quaes, Que* para ambos os numeros e generos, *Cujo Cuja, Cujos Cujas*, e *Quem* para ambos os numeros e generos.

O Demonstrativo *Qual* pôde concordar com o seu antecedente, como: *Dize-me a cousa, a qual cousa pôde faltar &c.*

(10) Note-se que sempre tomamos o termo *neutro no sentido restricto*, isto é, *nem um, nem outro genero*; pois não admittimos generos neutro na nossa Lingua.

É preciso não o confundir com o comparativo *Qual*, pois este nunca leva artigo, e tem antes de si *Tal* claro ou occulto; como: *Qual o Leão quando arremete*, isto é, *tal qual* o Leão &c.; pelo contrario o *Qual* conjunctivo sempre leva artigo claro, ou occulto quando interrogativo. (11)

O Demonstrativo Conjunctivo *Que* é invariavel, e pode referir se a nomes de todos os generos e numeros, e mesmo a sentidos antecedentes, os quaes não tem genero, nem o podem ter, e neste caso tambem é neutro, como: *O que temos ensinado, é extrahido dos melhores Grammaticos.*

Não havendo equivoco, nem repetição fastidiosa, é o *Que* preferivel a *Qual* para sujeito das orações incidentes, e tambem para complemento objectivo, como: *A nobreza que vem do nascimento, é muito inferior á que o proprio merecimento nos adquire.*

Quem ordinariamente se diz de pessoas, e como é invariavel, serve para todos os generos e numeros.

Cada uma das terminações *Cujo Cuja, Cujos Cujas*, em diferentes logares, pode equivaler a todas estas *do qual da qual, dos quaes das quaes*, e sempre se deve empregar na relação do complemento restrictivo, concordando com a cousa possuida, e representando o possuidor de alguma cousa, seja elle de que genero e numero for, como: . . . «*com as condições, cujo principal capitulo era*» &c. (Couto); neste exemplo, *cujo*, na terminação masculina do singular, representa *condições* do genero femenino e do numero plural; pois é o mesmo que dizer: . . . *com as condições, das quaes o principal capitulo era* &c.

(11) Ha outro *qual* differente dos antecedentes, e designa pessoa ou cousa indeterminada, e póde ser substituido por *este, aquelle, um, outro*, como: *Todos tem amor proprio qual mais, qual menos*; é o mesmo que dizer, *uns mais, outros menos*. Nestes versos:

« Qual do cavallo rôa que não desce;

« Qual do cavallo em terra dando gemo.

O primeiro *Qual* póde ser substituido com *Este*, o segundo com *Aquelle*. Nos seguintes podem supprir-se com *Um Outro*:

« Qual vermelhas as armas faz de brancas;

« Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.

Quem vem de *Quem* Latino, com o qual bem se parece, e não é contracção de *que homem*; assim como *Alguem* vem de *Aliquem*, e não é contracção de *algum homem*.

Todos os *Demonstrativos Coniunctivos* podem ser *Interrogativos*, mas nem por isso deixão de ser os mesmos *Coniunctivos*, como se pôde vêr, pondo-se-lhe claro o seu antecedente, que então se acha occulto, como: *Que hei de fazer?* isto é, *Dizei-me a cousa que eu hei-de fazer.* (12)

§ IX.

Dos Determinativos de Quantidade.

Determinativos de Quantidade são os que fazem com que os appellativos, a que se ajuntão, comprehendão ou tôdos os individuos da classe, ou sómente alguns, ou nenhum, para sobre elles, ou sobre nenhum recair o attributo da oração, como: *Todo o homem, é mortal; Alguns homens são virtuosos, Nenhum homem é infallivel;* no primeiro exemplo o attributo é applicado a todos os homens, no segundo a alguns, e no terceiro a nenhum.

Dividem-se os *Determinativos de Quantidade* em *Universaes*, e *Partitivos*, uns e outros são ou *Collectivos*, ou *Distributivos*; *Positivos*, isto é, *Affirmativos*, ou *Negativos*. São *Determinativos Universaes Collectivos* os que applicão os appellativos a comprehenderem *todos* os individuos da sua classe juntamente, isto é, na sua totalidade. São *Affirmativos*, quando affirmão, e *Negativos*, quando negão. A nossa *Lingua* tem só dois *Determinativos Universaes Collectivos Positivos*, que são: *Todo Toda Tudo, Todos Todas;* e o artigo definido *O A, Os As;* como: *Todo o homem é mortal: O homem é mortal.* O primeiro é mais expressivo.

Todo sempre deve preceder o appellativo porque indo depois d'elle significa *inteiro* ou *total;* e porisso comprehende todas as partes do individuo; razão por que uma proposição verdadeira pôde ser falsa pela simples proposição de *Todo*, como:

(12) Ha quem se opponha a que os *Interrogativos* sejam *Demonstrativos Coniunctivos*: nós porem somos de sentimento de que o são. Neste exemp: *Dize-me, que navios entrárão hoje?* é o mesmo que: *Dize-me o numero e nome dos navios que entrárão hoje.* Em ambas estas proposições se exprime o desejo de saber, e ambas são *linguagem corrente.*

Todo o homem é mortal esta proposição é verdadeira: *O homem todo é mortal*, esta é falsa.

A terminação *Tudo* se chama neutra, porque sempre se diz de cousas que não tem genero, como: *Tudo está bom*; e nestes casos, referindo-se lhe algum objectivo, tambem este está no mesmo sentido. (vede not. 10 pag 33).

Determinativos *Universaes Distributivos* são os que applicão os appellativos a significarem os individuos da sua classe separadamente, isto é, um a um, por exempl: *Cada* homem tem seu genio. Temos tres *Distributivos Universaes Affirmativos*, a saber: *Qualquer Quaesquer*, e os invariaves *Quemquer*, e *Cada*. *Qualquer* e *Cada* se dizem de pessoas e de cousas, *Quemquer* só se diz de pessoas. Se qualquer dos antecedentes Determinativos modifica o sujeito, a proposição é *Universal Affirmativa*.

Temos os seguintes *Distributivos Universaes Negativos*; Nenhum Nenhuma, Nenhums Nenhumas, Nada, e Ninguem. A proposição é *Universal Negativa*, quando algum destes *Distributivos Universaes Negativos* modifica o sujeito.

Nenhum é composto de *nem* e *hum*. Estas expressões são o mesmo; porem no uso presente da Lingua. *Nem um*, a que ás vezes se ajunta só affirma com maior força, como: *Nenhum* homem é infalivel: Não ha, *nem um só* homem que seja infalivel.

Ninguem só tem singular, e se diz de pessoas. Vindo antes do verbo, não admite outra negação, mas depois d'elle não a exclue, como: *Ninguem é perfeitamente feliz*. *Nada* diz-se de cousas indeterminadas, e sem genero, como: *O homem virtuoso nada teme*. Tambem se diz substantivamente: *O nada, Uns nada, Uns ninguens*.

Determinativos Partitivos são os que fazem com que os appellativos, a que se ajuntão, comprehendão só uma parte, ou indeterminada, dos individuos da sua classe; e por isso fazem as *orações particulares*, como: *Alguns homens escaparão do naufragio, e quatro morrerão afogados*. *Alguns* homens comprehende só uma parte indeterminada dos individuos da classe, e *quatro* comprehende uma parte determinada. Nós temos os seguintes *partitivos indeterminados*.

Alguem, Outrem invariaveis, e valem o mesmo que *algum homem, alguma pessoa, outro homem, outra pessoa*,

Fulano Fulana, Sicrano Sicrana, o Qual Ambos Ambas, Outro Outra al, terminação que quer dizer *outra cousa*, *Muitos Muitas, Os Mais As Mais* sempre com o artigo, *Algum Alguma, Algo* (antiquado), *Alguns Algumas*.

Quando se diz *Homens ha, Ha dias*, entende se *alguns*, como: *Alguns Homens ha, Ha alguns dias*; e o mesmo se fará em casos semelhantes. Nestas expressões *Delles mortos, Delles mal feridos*, também se entende *alguns*, como, *Alguns delles mortos &c.*

Certo Certa, Certos Certas, sempre se antepõe ao appellativo, como: *Ha certas cousas, Certo homem &c.*; porque posto depois não é *Determinativo*, pois significa cousa verdadeira, como: *Cousa certa. Tal taes*, como: *Tal semêa que não colhe; Não fuças tal.*

Os *Partitivos de Quantidade*, que determinão ao certo o numero dos individuos, são os *Númeraes*. Estes são ou *Cardiaes*, ou *Ordinaes*, ou *Multiplicativos*, ou *fraccionarios*. Os *Cardiaes* significão simplesmente o numero das unidades, como: *um, dois &c.* O numeral *um* não tem plural, e os númeraes de *dois* para cima não tem singular.

Os *Ordinaes* significão numero por ordem, como: *Primeiro, Segundo, Terceiro*: estes varião de terminação para os generos e numeros.

Os *Multiplicativos* designão a quantidade que resulta da multiplicação de individuos, como: *Duplo*, ou *Dobrado*, *Tripulo* ou *Triplicado*, ou *Tresdobrado &c.*

Finalmente os *Númeraes Fraccionarios* significão as partes ou fracções, em que se divide um todo ou unidade concreta; elles só tem terminação feminina, porque concordão com *parte* ou *fracção* claro ou occulto, e levão artigo antes, ou *cardiaes*, como: *a quarta, a quinta, a sexta parte, &c. uma quarta, duas sesmas, quatro decimas partes &c.*

§ X.

Dos Adjectivos Explicativos, e Restrictivos.

Todo o *Adjectivo Explicativo*, posposto ao appellativo, pôde ser substituido por uma oração incidente causal com *que* ou *porque*; e o *Restrictivo* por uma condicional com *que, se, ou*

quando, como: Deus *justo* premea os bons, equivale a esta: Deus, *que he justo*, ou *porque é justo* premea os bons: O homem *sabio* aborrece os vícios, equivale a esta: O homem, *que é*, ou *se é sabio*, aborrece os vícios.

Daqui vem que os *Adjectivos Explicativos*, appostos nenhuma influencia tem na verdade das proposições, e por isso podem se tirar dellas; e os *Restrictivos* não, porque posso dizer: *Deus premea os bons*; mas não posso dizer: *O homem aborrece os vícios*.

É indifferente pôr os *Adjectivos Explicativos* antes ou depois do appellativo, porque tanto faz dizer *Marmore duro* como: *Duro marmore*. Os *Restrictivos* porem ordinariamente devem ir depois do appellativo; porque indo antes podem ás vezes mudar o sentido, como: *O homem pobre*, e *O pobre homem*, são sentidos differentes. Pertencem a classe dos *Adjectivos Restrictivos* alguns dos nomes que significão varios estados accidentaes do homem, como: *Velho, Moço, Martir, Virgem &c.*, &c: porem estes mesmos, assim como outros muitos, se usão a cada passo como substantivos, v. g.: *Um moço, um velho &c.*

§ XI.

Dos Graus de augmento na significação dos adjectivos.

Os adjectivos quanto ao augmento de sua significação podem ser, ou *Positivos*, ou *Augmentativos*, ou *Superlativos*; e todos estes graus podem ser ou absolutos, ou comparativos.

Positivos são os adjectivos explicativos, e restrictivos, considerados como base do augmento, que podem receber na sua significação, ou absolutamente sem fazer comparação, ou comparativamente fazendo a.

São *Positivos Absolutos* os adjectivos, susceptiveis de augmento na sua significação, quando qualificação objectos sem os comparar com outros, como: *O Sol está brilhante*.

São *Positivos Comparativos* os adjectivos, quando qualificação objectos e os comparão com outros, como: *Annibal foi tão valoroso como Scipião*.

São *Positivos Comparativos* os que indicão ou similitude entre objectos, como: *Tal, Qual*; ou igualdade, como: *Tan-*

to, Quanto, Tama^ozo, e todos os *Positivos Absolutos* feitos *Comparativos* pelos adverbios *Tão, Quão, Como*, v. g.: *Camões foi tão grande como Virgilio*.

Augmentativos são os *Positivos*, cuja significação recebe algum augmento, quer para mais, quer para menos, ou fazendo a comparação, como: *Menos virtuoso*; ou sem a fazer, como: *Muito sabio*.

São *Augmentativos Absolutos* para menos os *Positivos*, a que se ajunta o adverbio *Pouco*, como: *Pouco saudavel*; e são *Augmentativos Absolutos* para mais os *Positivos*, a que se ajunta o adverbio *Muito*, como: *Muito difficil*.

Temos seis *Augmentativos Comparativos* de uma só palavra cada um, a saber: *Maior, Menor, Melhor, Peor, Mais, Menos* quando são adjectivos do singular. Os outros *Aumentativos Comparativos* fazem se, pondo antes do *Positivo* o adverbio *Mais*, ou *Menos*, e depois o conjunctivo *Que* para unir os objectos que se comparão, como: *O ouro é mais precioso que a prata, e esta menos que a sabedoria*.

Superlativos são os que significação no maior auge possível, ou para mais, ou para menos, as qualidades de alguma cousa, ou comparando a com outra, e então se chamão *Superlativos Comparativos*, ou sem fazer comparação, e então se dizem *Superlativos Absolutos*.

Os *Superlativos Comparativos* são os mesmos *Augmentativos Comparativos*, que se fazem *Superlativos*, pondo se lhes antes o artigo, e depois a proposição *De*, ou *Entre*, como: *Cicero foi o mais eloquente orador dos do seu tempo; O conselho prudente é o melhor de todos*.

Alem de outros recebemos dos Latinos estes *Superlativos*: *Maximo, Minimo, Optimo, Pessimo, Summo, Infimo*; elles para nós são *Absolutos*, e para serem *Comparativos* é necessario que sejam precedidos do artigo, como fica dito.

São *Superlativos Absolutos* todos os adjectivos acabados em *issimo*, ou *errimo* como: *Sapientissimo, Accerrimo*. Estes *Superlativos* ou se tomão mesmo como estão na Lingua Latina, sò com a mudança do *us* final em *o*; ou os formamos à Portugueza, accrescentando *issimo* à ultima consoante final do adjectivo Portuguez, como *Justo, Justissimo*; ou se acaba em *m*, ou *ão*, mudando estas terminações em *n*, como: *Vão, Vanissimo, Commum, Communissimo*. Os que acabão

em *z*, mudão no em *c*, como *Feliz Felicissimo, Veloz Velocissimo*.

§ XII.

Das Terminações dos Adjectivos.

Os nossos adjectivos são ou de uma só terminação ou de duas, ou de tres.

Tem uma só terminação 1º os adjectivos acabados em *e* e *a* como: *Prudente, Cada*. 2º os acabados em *al, el, il, ul*, como: *Liberal, Amavel, Docil, Azul*. 3º os acabados em *ar, az, iz, oz*, como: *Exemplar, Capaz, Feliz, Veloz*.

Tambem são de uma só terminação *Affim, Cortez, Montez, Ruim, Grão por Grande, e Commum* se usa tambem hoje, como antigamente, com uma só terminação. (13)

São de duas terminações. 1º os adjectivos acabados em *o*, mudando se este em *a*, como: *Virtuoso, Virtuosa*. 2º os que acabão em *ez, ol, ór, ù* e *um*, como: *Portuguez Portuguesa, Hespanhol Hespanhola, Lavrador Lavradora, Cru Crua, Um Uma*. (14)

São irregulares *Judeu Judia, Meu Minha, Teu Tua, Seu Sua, Bom Boa, Mau Má*.

São de tres terminações, *Este Esta Isto, Esse Essa Isso, Aquelle Aquella Aquillo, Todo Toda Tudo, Nenhum Nenhuma Nada, Alguns Alguma Algo, Outro Outra Al*.

Os adjectivos de uma só terminação servem com ella só para todos os generos, como *Homem prudente, Accção prudente*. Os de duas terminações, a primeira serve para os nomes masculinos, e a segunda para os femininos, como: *Homem virtuoso, Mulher virtuosa*.

Os que tem tres terminações, a primeira serve para os nomes masculinos, a segunda para os femininos, e a terceira para

(13) Os Antigos terminavão em *e* os adjectivos que hoje acabão em *il* breve, em *az, iz, oz*, e dizião: *Fecile, Contumace &c.*

(14) Nisto ha variedade, porque se diz: *Formosura superior, e tambem ha quem diga: Cabra monteza*. Os Antigos dizião: *Linguagem Portuguez, Nação Hespanhol, Vara destruidor &c.* porque então os adjectivos em *ez, ol, e ór* tinhão uma só terminação.

modificar ideas, discursos, ou sentidos, que não tem genero, nem o podem ter, e por isso a terceira terminação de taes adjectivos chama se neutra; advertindo que os adjectivos de uma só terminação, e a masculina dos que tem duas, tem muitas vezes este mesmo sentido neutro.

§ XIII.

Do Verbo.

Verbo é a palavra que anima os *termos* da proposição, e por diferentes *modos, tempos, e pessoas* exprime a união de um attributo com um sujeito, como: *Deus é justo: O homem não he infalivel: Applico-me ao estudo.* (15)

(15) Verbo é a *palavra* que anima os termos da proposição, e que por diferentes *modos, tempos, e pessoas*, exprime a relação de conveniencia entre um attributo, ou modo de existir, e um sujeito; como: *Deus é justo; O homem não é infalivel: Applico-me ao estudo.* Esta definição, que vem a ser mesma do texto, é fundada nos princípios seguintes. A definição do Verbo deve tirar-se de sua natureza. O Verbo é um dos elementos da proposição: esta é um juizo enunciado: juizo é a percepção ou conhecimento da relação de conveniencia, isto é, concordancia, ou discordancia entre duas idéas. Não tem portanto um juizo, mais que dois termos de comparação, isto é, duas idéas, uma das quaes necessariamente é a principal, e a outra de uma propriedade ou modificação, que nosso espirito examina se convem ou não á principal. Conhecida sua conveniencia ou discordancia, o juizo está feito, sem que nelle haja nem affirmação, nem negação alguma. Fazemos agora de um juizo uma proposição. Para que uma oração tenha tudo expresso, deve ter um termo que signifique a idéa principal; outro que designe a idéa de uma propriedade ou modificação; e deve ter uma palavra que enuncie o conhecimento da relação entre os dois termos. O primeiro termo é o *sujeito*; o segundo é o *attributo*. Não é evidente que o Verbo é quem exprime a percepção da relação entre os dois termos? Isto é incoutestavel.

Ora as palavras não tem outro valor, nem outra natureza, se não a das idéas que ellas enuncião; logo a essencia do Verbo está na enunciação da relação de conveniencia de um attributo com um sujeito. Como a idéa de relação sem dois termos é nada, inteiramente nada; segue-se que definindo-se o Verbo, é necessario consideral-o em relação ao attributo e ao sujeito; pois se a idéa de relação sem dois termos é uma quimera, o que será o Verbo sem o attributo e o sujeito? Porisso tem razão um abalizado Philologo para dizer que é um erro crasso « o suppor que em uma lingua qualquer os homeus começarão por inventar um termo para exprimir a existencia abstracta. » Mas não será

A essência do Verbo consiste em animar os termos da proposição, e ao mesmo tempo enunciar a relação de conveniência entre um e outro. Mas attendendo não só á essência do

outro igual o pensar que os homens começarão por inventar palavras que exprimissem *acções*, *actos* ou *estados* abstractos? O que é uma *acção*, *acto* ou *estado*, sem um sujeito determinado ou indeterminado em quem exista? De certo que isto não he menos quimerico do que a idéa de existencia separada dos entes.

Portanto dizer que o Verbo é o termo que exprime *estado*, *acto* ou *acção*, é o mesmo que não dizer uma só palavra, que convenha ao Verbo; não só pelas razões expendidas, mas tambem porque essa definição convem só aos attributos das proposições; pois estes é que significão os diversos estados, actos, ou acções, isto é, os diversos modos de existir dos sujeitos, porque os modos são significados por nomes que exprimem as propriedades e modificações que nós conhecemos nos individuos, que tem ou uma existencia real na natureza, ou somente abstracta no pensamento. Alem disto, um *estado*, *acto* ou *acção* é um modo de existir de um sujeito, e pôde envolver uma idéa composta, isto é, uma reunião de idéas; mas o Verbo exprime a idéa simples de relação; logo elle per si só não pode exprimir *acção* *acto* ou *estado*.

Não se pôde duvidar de que estes termos enunciem os attributos ou modos de existir dos sujeitos; porque no pensamento não ha senão idéas de cousas (reaes ou abstractas), e idéas das propriedades e modificações das cousas; isto é; no pensamento ha somente idéas principaes e accessorias, e o conhecimento das relações, que nosso espirito descobre entre umas e outras, quando as compara e combina. Ora ninguem dirá que os diversos *estados* *actos* e *acções*, ou modos de existir das cousas, são idéas principaes, nem tambem conhecimentos de relações. Logo são termos que significão attributos, propriedades, numa palavra, modos de existir das cousas.

Portanto os verbos que significão esses modos de existir dos sujeitos, tem concentrados em si os termos que os significão: *Durmo*, *Chove*, *Geme*, *Passêa*, *Come* &c., são orações perfectas. Logo se estes verbos não tem incluído em si o attributo, uma proposição não é um juizo enunciado, ou em um juizo não ha dois termos, e o conhecimento da relação entre elles. Ora isto é um absurdo.

Muitas vezes exprimimos a relação de conveniencia pela simples concordancia dos dois termos, como: *Deus é justo*, *Homem fragil*, *trabalhador*, *agricultor*, *destruidor*, *Leão rugidor* &c. Isto mesmo nos faz conhecer o quanto é simples a idéa que o verbo exprime, pois não é outra cousa mais do que um mero aspecto, com que nosso espirito vê os dois termos de um juizo.

Assim como as idéas recebem uma especie de movimento e vida quando o espirito humano as compara e combina de todos os modos possíveis, para augmentar seus conhecimentos: assim tambem o Verbo, que é signal da idéa de relação, consequencia dessas comparações, é a palavra animada, que dá força e vida aos termos da proposição. Por isso os Latinos lhe chamarão *Verbum*, a palavra por excellencia.

Verbo, e ao emprego que se lhe dá, mas também ás idéas accessorias, nelle muitas vezes concentradas; podêmos dividir o Verbo em tres especies, a saber: *Verbo Substantivo*, *Verbos Auxiliares*, e *Verbo Adjectivo*.

Verbo Substantivo é o que não tem concentrado em si attributo algum, e serve de copula ou nexa que une os termos da proposição, isto é, o attributo e o sujeito. Tal é na Lingua Portugueza o Verbo *Ser*; como *Pedro é sabio*.

Tem a nossa Lingua dois Verbos que exprimem a *existencia*; o Verbo *Ser*, que significa *uma existencia habitual e permanente*; o Verbo *Estar*, que enuncia *uma existencia actual e temporaria*. Isto se dá bem a conhecer nos exemplos seguintes: *Eu sou doente: Eu estou doente*. (16)

Se na definição do Verbo não fizemos caso da relação de discordancia que pôde haver em um juizo; foi porque as proposições negativas se reduzem a affirmativas, como todos sabem; pois a negação não modifica o Verbo mas sim o attributo, como: *O homem não é infallivel*; é o mesmo que: *O homem é não infallivel*, isto é, *fallivel*. O verbo sempre enuncia a relação de conveniencia de um attributo, que a negação exclue do sujeito nas proposições negativas.

(16) O dizermos nós que a Lingua Portugueza tem dois Verbos que enuncião a existencia, não quer dizer que os outros a não exprimem; notamos só em *Ser* e *Estar* a significação de um modo muito mais expresso, por serem os de que se usa, quando se enuncia um attributo por uma idéa concreta, como: *Eu sou amador da virtude*. *Eu estou doente*. Os outros exprimem também a existencia de um attributo em um sujeito; pois que não pôde haver relação de conveniencia entre os dois termos da proposição, sem que o segundo exista no primeiro: mas a Lingua serve-se ordinariamente de outros Verbos, quando enuncia os attributos por um modo abstracto, como: *Eu tenho amor á virtude*: *Eu amo a virtude*: *Eu tenho doença*. Todos estes Verbos, ainda que menos expressamente, enuncião a existencia de uma idéa accessoria em uma principal: *Amar* a virtude, *Ter* amor á virtude, *Possuir* amor á virtude, *Gozar do amor* á virtude, *Ser amante* da virtude, *Ser amador* da virtude, tudo é o mesmo, pois as idéas são as mesmas, e só ha differença em as enunciar por nomes que significão ou qualidades concretas, ou abstractas, ou por palavras que reúnem em si o attributo e o verbo.

Estas reflexões nos conduzem a notar que os Verbos *Ser*, *Estar*, *Existir* significão *Ter*, *Haver*, *Possuir*, *Gozar*; e que *Ter*, *Haver*, *Possuir*, *Gozar*; significão *Ser*, *Estar*, *Existir*. Essa identidade de significação nasce mesmo da essencia do verbo, porque para um attributo existir ou estar em um sujeito, é necessario que o sujeito o possua, que goze delle, que o tenha; e para que o tenha, é necessario que exista ou esteja nelle.

O Verbo *Ser* toma diferentes formas para indicar as diferentes epochas da existencia, mas não tem fórmãs que per si sós mostrem o estado desta mesma existencia; por esta razão elle é ajudado pelos verbos *Auxiliares*, que são os que auxilião o Verbo *Ser* e todos os outros, para tomarem todas as fórmãs compostas e combinações necessarias ao discurso. Taes são os Verbos *Estar*, *Haver* e *Ter*, conjugados com o infinito impessoal, e participios do Verbo *Ser* e dos outros; e é só nestes casos que elles são *Auxiliares*. (17)

Conjugação é a serie das terminações diferentes, que a forma primitiva de qualquer verbo toma, para enunciar de dif-

Se o que temos exposto é conforme á razão, segue-se: 1º que se o Verbo *Ser* não tem incluído em si attributo algum, tambem os Verbos *Estar*, *Existir*, *Ter*, *Haver* o não tem: 2º se o Verbo *Ser* é substantivo, porque não tem incluída em si idéa alguma adjectiva, e porque serve de nexo entre os dois termos; porque o não são *Estar*, e *Existir*? Tanto se diz: *Eu sou feliz*, como: *Eu estou bom*. Em ambos os exemplos o attributo é enunciado por uma qualidade concreta, e os Verbos servem de nexo em ambos.

Parece-nos desacerto dizer-se que *Ser* é o unico Verbo necessario á enunciação: que se podem fazer com elle todas as proposições, e sem elle nenhuma: numa palavra, que *Ser* é o unico Verbo. Não somos deste parecer: 1º porque *Ser* necessita dos Verbos auxiliares: 2º porque muitas vezes depende dos participios imperfeitos e nomes verbaes, que supõe a existencia dos *Verbos adjectivos*: 3º porque, sendo muitas vezes necessario enunciar o attributo por meio de uma qualidade abstracta, o Verbo *Ser* nem sempre serve para exprimir a relação de conveniência com o sujeito.

(17) *Ter* e *Haver* são *auxiliares* do Verbo *Estar*, *Ter* é muitas vezes *auxiliar* de si mesmo, como, *tenho tido*, &c. *Estar*, *Haver*, e *Ter* são *auxiliares* de *Ser*, e de todos os mais verbos. *Ser* nunca é *auxiliar*, porque na voz passiva dos *Verbos adjectivos*, elle é somente o nexo entre dois termos, assim como o é em quaesquer proposições, onde elle está, como: *Eu sou amado por Antonio*. Aqui não ha mais do que a relação de conveniência entre o *amor de Antonio* e sujeito *eu*, relação que é enunciada pelo Verbo *sou*.

Alem de *Estar*, *Haver*, e *Ter*, temos mais tres Verbos auxiliares que são *Andar*, *Ir*, e *Vir*, quando se ajuntão aos infinitos e participios de outros verbos. Elles, e tambem o Verbo *Estar*, mostrão continuação e prolongação de algum modo de existir, como: *Ando escrevendo*, *Andando passeio*, *Vou vivendo*, *Indo lendo*, *Venho conversando*, *Vindo comendo*, &c. Antepostos aos infinitos de outros Verbos, mostrão ou preterito ou futuro proximo, como: *Venho de escrever*; *Vou escrever*. É falso que todos os *gerundios* (participios imperfeitos) usados juntamente, indiquem duração e continuação.

ferente modo a *relação de conveniencia*, os diferentes tempos desta relação, e para indicar o caracter e o numero da pessoa, que lhe serve de sujeito.

A Conjugação é ou *Simples*, ou *Composta*, *Regular* ou *Irregular*. A *Simples* consta de uma só palavra, como: *Sou*, *Fui*, *Serei*; e a *Composta* de duas até tres, como: *Tenho sido*, *Hei de ser*. A Conjugação é *Regular* quando segue a regra geral da formação dos tempos, e *Irregular*, quando se aparta della. O Verbo Substantivo, e todos os seus Auxiliares são *Irregulares*.

Modo do Verbo é a differente maneira de enunciar a concordancia do attributo com o sujeito, segundo a ordem e graduação das proposições. Os *Modos* são tres, *Infinito*, *Indicativo* e *Subjunctivo*. (18)

O *Modo Infinito* enuncia indeterminadamente a conveniencia de um attributo com um sujeito qualquer, abstrahindo de *Affirmação*, de *Tempos* e ainda de *Pessoas*; porque as suas Linguagens Imperfeitas, Perfeitas, e Porfazer, são de todos os tempos e pessoas, a que são determinadas por outro Verbo no *Modo* finito, como *Ser*, *Sendo*, *Sido*.

O *Modo Infinito* é fôrma primitiva e original de qualquer Verbo, e o formativo principal de todas as mais linguagens do Verbo.

A Linguagem Portugueza tem dois *Infinitos*, um *Impessoal*, e outro *Pessoal*. Nenhum delles significa tempos, e ambos tem o nome de *substantivos verbaes*, porque á maneira

(18) Alguns Grammaticos admittem seis *Modos* dos verbos, a saber: Infinito, Indicativo, Interrogativo, Optativo, Condicional, Subjunctivo, e o Imperativo; outros ainda contão mais. Basta porem admittir os *Modos* Infinito, Indicativo, e Subjunctivo; porque os *Modos* são destinados a enunciar o emprego e graduação de cada proposição no corpo do *periodo*. *Periodo* é um todo, composto de proposições, uma das quaes necessariamente é a principal, a quem as outras, por causa da ordem, estão subordinadas, e que lhes serve de centro de união. Para enunciar a proposição principal temos o *Modo Indicativo*; e o *Subjunctivo* para as totaes subordinadas, em que nós incluímos as incidentes ou parciaes, pela razão de que a parte se considera incluída no todo. Porem o sujeito, e o attributo, assim da proposição principal, como das subordinadas, podem demandar e pedir, isto é, reger outras proposições. Temos para estas proposições regidas o *Modo Infinito*. Este systema, que admittre só tres *Modos* é muito singelo e facil, e porisso mêmso preferivel.

de qualquer outro nome appellativo podem ser sujeitos e attributos de proposições, complementos objectivos de outros Verbos, e tambem complementos de varias proposições.

O Infinito Pessoal é uma das grandes bellezas da nossa lingua, pois nos dispensa das circumlocações, de que usão as outras linguas que o não tem. Sempre usamos do Infinito Pessoal quando o seu sujeito é differente do sujeito do Verbo que o determina, como: *Julgo seres sabedor.*

Participios são uns *adjectivos verbaes*, que participão do nome adjectivo a propriedade de poderem modificar nomes substantivos; e participão do Verbo o enunciarem a relação de conveniencia de um attributo em um sujeito. Donde se vê que os Participios são adjectivos, porque modificão nomes substantivos; e são Verbos, porque tem toda a sua força e regime.

O *Modo Infinito* tem quatro *Participios*, tres são Activos nos Verbos Activos, e Intransitivos nos Verbos Intransitivos, e um Passivo nos Verbos Activos; porque os Verbos Intransitivos não podem ter Linguagem alguma activa, nem passiva.

Os *Participios Activos* Portuguezes são uns adjectivos invariaveis, que significão algum attributo, e tem o regime dos Verbos donde se derivão.

Segundo fica dito, nós temos tres Participios Activos. O 1º é o Participio Imperfeito que modifica um substantivo, e exprime a relação de conveniencia de um estado ou acção incompleta em um sujeito. Acaba em *ando*, *endo*, *indo*, como: *Amando*, *Movendo*, *Unindo*. (19)

(19) Os Participios Imperfeitos (a que alguns chamão gerundios, crendo-os derivados da terminação *ndo* dos Latinos) são adjectivos verbaes, sem deixarem de ser como outra qualquer variação do verbo; pois tem a mesma força daquelles a que pertencem, e porisso mesmo podem fazer proposições, como elles; v. g.: *Entrando o Governador em Gôa.* *Entrando* modifica o nome *Governador* que é seu sujeito e alem disso tem o termo de sua relação *em Gôa*. Isto não tem duvida alguma; porem mostre-se mais claramente *substituindo* aquella proposição com outra perfeitamente igual: *Quando o Governador entrou em Gôa.* Outro exemplo: *Sendo eu feliz*, terei muitos amigos: *Sendo* modifica o sujeito *eu*, e ao mesmo tempo é o nexu ou copula que une o attributo *feliz* com o sujeito *eu*, enunciando a relação de conveniencia entre ambos os termos da proposição. Estas mesmas reflexões sobre os Participios Imperfeitos, se applicuem aos Participios Perfeitos, e Porfazer; assim como aos Infinitos Impessoal, e Pessoal, com a differença de que estes não são adjectivos.

O 2º é o Participio Perfeito, que modifica um substantivo, e exprime a relação de conveniencia de um estado ou acção completa em um sujeito. Acaba em *ado, ido*, como: Amado, Movido, Unido. Anda sempre junto com o auxiliar Ter, ou Haver como: *Tendo amado, Havendo estudado, &c.*

O 3º é o Participio Porfazer, que exprime a existencia de uma acção, ou estado começado só na tenção e preparos, e por fazer quanto á execução. Este Participio é composto do Auxiliar Haver, e do infinito do Verbo, de que elle é Participio, como: *Havendo de ser, Havendo de amar, &c.*

Os nossos Participios Passivos são uns adjectivos Verbaes, que participão do Verbo a sua significação activa (empregada no sujeito da oração), e do nome adjectivo participão a propriedade de significar um attributo, e de concordar com nomes appellativos em genero, e numero, como: *Amado Amada, Movido Movida, Unido Unida.*

Estes Participios tambem se conjugão com o Verbo Ser, para fórmar a Voz Passiva dos Verbos activos, como adiante veremos.

As proposições de Participios Imperfeitos sempre são ou totaes subordinadas, ou parciaes; e designão ou o tempo, ou o modo, ou condição, ou causa e razão, ou alguma outra circumstancia. Quando estas proposições tem sujeito diverso do da oração principal, é necessariõ pôr-lho claro; v. g.: *Conhecendo todos o merecimento da virtude poucos a praticão.*

A Língua Portugueza usa tambem dos Participios Imperfeitos, conjugando-os com os verbos *Estar, Andar, e Ir.* O Verbo *Estar*, quando é conjugado com Participios Imperfeitos, chama-se *Continuativo*, porque exprime continuação do mesmo modo de existir, como: *Estou crescendo.* O Verbo *Andar*, conjugado com os mesmos Participios, faz Verbos *Frequentativos*; como: *Ando escrevendo.* O Verbo *Ir*, no mesmo uso, faz Verbos *Inchoativos*, como: *Vão melhorando.*

Ha uns adjectivos verbaes, acabados em *ante, ente, inte*, como: *Amante, Temente, Ouvinte*, os quaes forão Participios no tempo de nossos antigos Escriptores, como: *Annibal passante os montes Alpes.* Nós ainda dizemos: *Temente a Deus, Logartenente &c.* Agora estes adjectivos verbaes não tem o regime dos Verbos donde se derivão, e por consequencia não são Participios, porque se dizemos: *Temente a Deus; já não dizemos: Temente a justiça, Ouvinte os conselhos.*

Quanto aos Participios Perfeitos, nossos antigos Classicos usavão muitas vezes delles variando-os por generos e numeros. como: *Aqual obra será posta no catalogo das merces, que este Reino delle tem rebedidas (Barros).*

Muitos dos nossos Verbos tem dois *Participios Passivos*, um regular, e outro contrahido, como: *Acceitado* e *Acceito*, *Affeçoado* e *Affecto*, *Accendido* e *Acceso*, *Affligido* e *Afflicto*, e outros muitos. (20)

O *Modo Indicativo* é a maneira de enunciar affirmativa, directa, e independente de outra qualquer, para poder figurar per si só no discurso, como: *Eu Sou, Estou sendo; Tenho sido, Hei de ser.*

O *Modo Subjunctivo* é a maneira de enunciar affirmativa sim, mas indeterminada, e dependente de outra que a determine, como: *Eu seja, Estéja sendo, Tenha sido, Haja de ser.*

As *Linguagens Condicionaes*, e as *Imperativas* pertencem ao *Modo Indicativo*, porque são directas e independentes.

Tempo é uma parte da duração ou existencia. O *Tempo* é relativo ao acto mesmo de quem está falando: de maneira que os Tempos são tres, *Presente, Preterito, e Futuro.* *Presente* é o tempo em que se está falando; *Preterito* é todo o tempo que precedeo ao *Presente*; e *Futuro* é todo o tempo que se ha de seguir ao *Presente.*

Mas cada um destes Tempos se subdivide em *Imperfeito, Perfeito e Porfazer.* Tempos *Imperfeitos* são os que exprimem durações continuadas e não acabadas; *Perfeitos* os que exprimem durações não continuadas e acabadas; e os Tempos *Porfazer* são os que exprimem uma existencia, começada só na tenção e preparos, sem ser dada a execução. (21)

(20) Tem a nossa Lingua alguns Participios que são *Passivos*, applicados a cousas, e *Activos*, falando-se de pessoas, v. g.: *Acreditado*, que merece credito; que tem credito. *Determinado*, que se determina; que determina. *Moderado*, que se modera; que tem moderação, &c.

(21) Nenhuma das formulas em que depois de Verbo *Ter* e *Haver* e suas variações, se segue o infinito de algum Verbo, precedido da preposição *de*, é propriamente Linguagem composta do Verbo, mas sim umas verdadeiras proposições, a que por ellipse falta o complemento objectivo, v. g.: *Haver* ou *Ter de ser, de estudar, Hei* ou *Tenho de ser, de estudar*, é o mesmo que dizer, *Ter, ou Haver tenção, resolução &c., de ser, de estudar &c.* e assim em todos os casos semelhantes.

Notemos aqui de passagem que parece haver alguma differença no sentido destas proposições, segundo nellas se usa do Verbo *Haver*, ou do Verbo *Ter.* *Haver de, Hei de, Haveréi de, &c.* enuncia vontade, tenção, resolução espontanea, como: *Hei de estudar este livro, é o mesmo que dizer: Hei ou tenho resolução, ou tenção de estudar este livro.*

Eu mostra a primeira pessoa do singular; *Nós* a primeira pessoa do plural; *Tu* mostra a segunda pessoa do singular, e

Mas o Verbo *Ter*, no mesmo uso, parece exprimir necessidade e obrigação, como: *Tenho de estudar este livro*; é o mesmo que *Tenho necessidade, obrigação &c.*, de estudar este livro.

Não obstante porem o não serem estas expressões tempos compostos dos Verbos, figurão como taes no discurso. Attendendo a isto, as incluiremos no systema das *Conjugações*, e lhe chamaremos *Tempos Imperfeitos* Porfazer, pois enuncia a relação de conveniencia de um attributo em um sujeito começada só na tenção, e futura na execução.

Dos tempos Imperfeitos e Perfeitos, uns são *Absolutos* outros *Relativos*. São *Absolutos* os que notão um só tempo, ou Presente, ou Passado, ou Futuro, como: *Eu Sou*, *Eu Fui*, *Eu Serei*. Tempos Relativos são os que se referem a outros tempos, v. g.: o Presente Imperfeito Porfazer, *Hei de ser*, enuncia o Presente na tenção, e o Futuro para a execução; o Imperativo exprime o Presente no mandado (ou *permissão*), e o Futuro para a execução: *Tenho amado*, nesta Linguagem se considera o Passado como reunido em um ponto presente na epocha da palavra, e alem disto completo e acabado na mesma epocha; v. g.: *Toda esta semana tenho passado muito mal*. *Tenho escripto hoje quatro cartas*: *Toda esta semana* e *hoje* se tomão por um todo presente, e ao mesmo tempo completo no momento da palavra. Porisso mesmo é que se não pôde usar da mesma Linguagem para exprimir um tempo, considerado como passado. Ninguém pôde dizer *A semana passada tenho passado muito mal*, *Tenho passado hontem muito mal*. Eis-aí a razão porque chamamos a esta Linguagem *Presente Perfeito*; pois nos parece um absurdo dar o nome de *Preterito* ao que se toma como presente, e no presente se acaba e completa. A opinião de que é uma variação do *Preterito*, fez com que alguns de nossos Classicos, como João de Barros e Vieira, a empregassem algumas v. zes indevidamente: como: *aqui não ha novidade mais que a do Governo, em que succedeo Antonio de Sousa de Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia se tem embarcado mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião*, &c. (Vieira); devia dizer *se embarcou*.

Esta Linguagem com um attributo de ordinario significa uma serie successiva de estados ou accões da mesma especie desde um tempo determinado ou indeterminado, até ao Presente em que se une, acaba e completa. Esta serie se considera collectivamente, isto é, como um todo ligado ao Presente. Pelo que não pôde convir-lhe senão a denominação de *Presente Perfeito*; pois não se pôde negar que *Tenho sido feliz até agora* significa a posse actual de uma serie de felicidades; assim como *Tinha sido feliz* exprime uma posse *Preterita*, e *Terei sido* uma *Futura*.

Consegui o acabamento desta obra, em tempo anterior ao presente, equivale a esta proposição: *Acabei esta obra*, e não a estoura: *Tenho acabado esta obra*.

Os Grammaticos não duvidão já de que sejam do Presente as Linguagens *Hei de ser*, *Hei ou tenho de amar*, &c., que erão tidas por Fu-

Vós a segunda pessoa do plural. Todos os outros sujeitos a fóra estes são da terceira pessoa. O Verbo tem variações próprias de cada uma das tres pessoas tanto do singular, como do plural, v. g.; *Eu Sou, Tu és, Elle é, Nós Somos, Vós So-*

turos Imperfeitos. Os que pensarem sufficientemente nesta materia virão a convencer-se de que *Tenho sido, tenho amado* &c., são fórmulas do Presente, (como indicão os Verbos *Hei, e Tenho*) não obstante o referirem-se ao Preterito, assim como *Hei ou Tenho de amar*, não deixa de ser do Presente, apezar de se referir ao Futuro.

O Preterito Perfeito relativo, *Tinha amado* mostra o Passado acabado, não só em si, mas tambem relativamente a outra epocha Passada; v. g. Quando tu chegaste, já *eu tinha concluido* esta obra.

SUBJUNCTIVO.

O Subjunctivo tem Linguagens não só do Preterito e do Futuro, mas tambem do Presente, como: *Ainda que tu sejas bom, não se segue que sempre o hajas de ser: sejas e hajas* são do Presente. Não se confunde o tempo significado per uma Linguagem com o outro tempo a que elle póde referir-se, nem o distincto principal de uma variação do Verbo com o que muitas vezes toma em razão do sentido do discurso. É por isto mesmo que as fórmulas do Presente Imperfeito muitas vezes parecem indicar um Futuro proximo ou remoto, como: *Dize-lhe que estode, que venha já, ou de hoje a dez annos: Querem que eu parta já, ou para o anno que vem.* Estes Futuros vem da força dos Verbos *Dizer e Querer*, como succede nestas orações: *Dizem que elle vem já, ou de hoje a dez annos: Julga-se que elle parte já, ou para o anno que vem.* Doude se vê que a esses Futuros tambem se prestão as variações do Presente Imperfeito do Indicativo, principalmente quando são subordinadas, e que tal sentido é o resultado não da Linguagem só, mas da phrase toda e da natureza do discurso. Portanto, assim como seria desaccertado denominar Futuro ao Presente do Indicativo, por concorrer ás vezes para indicar aquelle tempo; assim tambem é muito improprio dar o nome de Futuro Proximo ou Optativo ao Presente Imperfeito do Subjunctivo.

Respeito ao Presente Perfeito *Tenha amado, movido, unido* &c., como: *Ainda que tenhas estudado muito, não se segue que saibas tudo;* a esta Linguagem se applica o expellido sobre a mesma do Indicativo. Dizer que esta fórmula de Subjunctivo é do Futuro, por as vezes (e não sempre) contribuir para indicar esse tempo, é confundir o destino primario de uma variação do Verbo com o que é obrigada a tomar pela força dos Verbos que a determinação, ou pela do sentido. Dizer que são do Preterito, porque se referem a elle, e não fazer distincção entre o tempo enunciado pela Linguagem, e o outro tempo com que ella tem relação; Em fim, dizer que uma Linguagem exprime já o Preterito, já o Futuro, é asseverar que ella não significa tempo algum, mas se presta (como as variações do infinito) a todos os tempos a que é determinada por outros Verbos.

is, Elles São: assim, vem o Verbo a ter dois numeros, e tres pessoas em cada numero, como se pôde ver nas conjugações seguintes. (22)

Expozemos aqui estas reflexões, porque nos parece necessario mostrar a falta de exactidão no que a este respeito diz na sua Grammatica um Philólogo distincto, o qual dá tambem como erro o chamar Preterito Imperfeito Condicional ás Linguagens *Eu seria, amaria &c.* Ellas no entanto são do Preterito Imperfeito e não do Futuro, como sua significação pôde mostrar evidentemente.

(22) *Adverta-se que o Verbo não tem pessoas, mas variações que disignão o character dellas, isto é, se são da primeira, se da segunda, se da terceira pessoa, doutrina esta que bem clara fica na regra acima.*

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS

SER, ESTAR, HAVER, E TER.

MODO INFINITO IMPESSOAL.

Imperfeito.

Ser. (23) Estar. Haver. Ter.

Imperfeito Porfazer.

Haver ou ter de ser.	Haver ou ter de estar.	Ter de haver.	Haver de ter.
----------------------	------------------------	---------------	---------------

Perfeito.

Haver ou ter sido.	Haver ou ter estado.	Ter havido.	Haver ou ter tido.
--------------------	----------------------	-------------	--------------------

INFINITO PESSOAL.

Imperfeito.

Singular.	S.	S.	S.
Ser eu.	Estar eu.	Haver eu.	Ter eu.
Seres tu.	Estares tu.	Haveres tu.	Teres tu.
Ser elle.	Estar elle.	Haver elle.	Ter elle.
Plural.	P.	P.	P.
Sermos nós.	Estarmos nós.	Havermos nós.	Termos nós.
Serdes vós.	Estandes vós.	Haverdes vós.	Terdes vós.
Serem elles.	Estarem elles.	Haverem elles.	Terem elles.

Pessoal Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Haver ou ter eu de ser.	Haver ou ter eu de estar.	Ter eu de haver.	Haver eu de ter.
Haveres ou teres tu de ser.	Haveres ou teres tu de estar.	Teres tu de haver.	Haveres tu de ter.
Haver ou ter elle de ser.	Haver ou ter elle de estar.	Ter elle de haver.	Haver elle de ter.

(23) Cada um destes Verbos deve ser conjugado só, e não juntamente com os outros. Primeiro se conjuga o Verbo *Ser* até ao fim do modo Subjunctivo; e assim os outros.

(SER)	(ESTAR)	(HAVER)	(TER)
P.	P.	P.	P.
Havermos ou termos nós de ser.	Havermos ou termos nós de estar.	Termos nós de haver.	Havermos nós de ter.
Haverdes ou terdes vós de ser.	Haverdes ou terdes vós de estar.	Terdes vós de haver.	Haverdes vós de ter.
Haverem ou terem elles de ser.	Haverem ou terem elles de estar.	Terem elles de haver.	Haverem elles de ter.

Pessoal Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Haver ou ter eu sido.	Haver ou ter eu estado.	Ter eu havido.	Haver ou ter eu tido.
Haveres ou teres tu sido.	Haveres ou teres tu estado.	Teres tu havido.	Haveres ou teres tu tido.
Haver ou ter elle sido. &c.	Haver ou ter elle estado. &c.	Ter elle havido. &c.	Haver ou ter elle tido.

Participio Imperfeito.

Sendo. Estando. Havendo. Tendo.

Participio Imperfeito Porfazer.

Havendo ou tendo de ser.	Havendo ou tendo de estar.	Havendo ou tendo de haver.	Havendo de ter.
--------------------------	----------------------------	----------------------------	-----------------

Participio Perfeito.

Havendo ou tendo sido. (24)	Havendo ou tendo estado.	Tendo havido.	Havendo ou tendo tido.
-----------------------------	--------------------------	---------------	------------------------

(24) *Ser e Estar* tem os Participios *Sido, Estado*, os quaes nunca estão sós na oração; pois sempre andão acompanhados de uma das Linguagens dos auxiliares *Ter ou Haver*; como: *Tendo sido, Havendo estado, Tenho sido, estado &c.*

(SER) (ESTAR) (HAVER) (TER)

Participio Passivo.

Havido. Tido. (25)

MODO INDICATIVO.

Tempo Presente Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu sou. Tu és. Elle é.	Eu estou. Tu estás. Elle está.	Eu hei. Tu has. Elle ha.	Eu tenho. Tu tens. Elle tem.
P.	P.	P.	P.
Nós somos. Vós sois. Elles são.	Nós estamos. Vós estaes. Elles estão.	Nós havemos. Vós haveis. (26) Elles hão.	Nós temos. Vós tendes. Elles tem.

Presente Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu hei ou tenho de ser Tu has ou tens de ser. &c.	Eu hei ou tenho de estar. Tu has ou tens de estar. &c.	Eu hei ou tenho de haver. Tu has ou tens de haver. &c.	Eu hei ou tenho de ter. Tu has ou tens de ter. &c.

Presente Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu hei ou tenho sido. Tu has ou tens si- do. Elle ha ou tem si- do. &c. (27)	Eu hei ou tenho estado. Tu has ou tens estado. Elle ha ou tem es- tado. &c.	Eu tenho havido. Tu tenshavido. Elle temhavido.&	Eu hei ou tenho tido. Tu has ou tens ti- do. Elle ha ou tem ti- do. &c.

(25) *Havido*, e *Tido* são Participios Passivos, quando vem de *Haver* e *Ter*, não como verbos auxiliares, mas como verbos activos; como: *Tu és tido*, ou *havido em conta de homem de bem*, *Elles forão tidos por homens de valor*.

(26) *Havemos*, *Haveis* se contraheem muitas vezes *Hemos*, *Heis*.

(27) *Hei sido*, *Hei amado*, &c. tem presentemente pouco uso. *Nós*

(SER)

(ESTAR)

(HAVER)

(TER)

Presente Imperfeito Imperativo.

S.	S.	S.	S.
Sê tu. (28)	Está tu.	Ha tu.	Téu tu.
P.	P.	P.	P.
Sêde vós.	Estai vós.	Havei vós.	Tende vós.

Preterito Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu era.	Eu estava.	Eu havia.	Eu tinha.
Tu eras.	Tu estavas.	Tu havias.	Tu tinhas.
Elle era.	Elle estava.	Elle havia.	Elle tinha.
P.	P.	P.	P.
Nós eramos.	Nós estávamos.	Nós havíamos.	Nós tínhamos.
Vós eréis.	Vós estaveis.	Vós haveis.	Vós tinheis.
Elles erão.	Elles estavam.	Elles havião.	Elles tinhão.

Preterito Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu havia ou tinha de ser.	Eu havia ou tinha de estar.	Eu havia ou tinha de haver.	Eu havia ou tinha de ter.
Tu havias ou tinhas de ser.&c.	Tu havias ou tinhas de estar.&	Tu havias ou tinhas de haver.&	Tu havias ou tinhas de ter.&c.

porém nas Conjugações não ommittimos esta fórma de expressão, por ser muito usual em nossos classicos, e porque é digna de o ser entre nós.

(28) *Seja elle, Sejão elles, Esteja elle, Estejão elles, Ame elle A-mem elles*, e assim nos outros verbss, são Linguagens do Subjunctivo, e porisso dependentes de outra do Indicativo, como: *Mando, Ordeno*, que *ca*, que *seja* &c.; porque o Imperativo só convem ás segundas pessoas. ~~Então~~ nestas expressões *Leia V. Mee.*, *Leião V. Mees.*, as terceiras

(SER)

(ESTAR)

(HAVER)

(TER)

Preterito Perfeito Absoluto.

S.	S.	S.	S.
Eu fui. Tu foste. Elle foi.	[Eu estive. Tu estivestes. Elle esteve.	[Eu houve. Tu houveste. Elle houve.	[Eu tive. Tu tiveste. Elle teve.
P.	P.	P.	P.
Nós fomos. Vós fostes. Elles forão.	[Nós*estivemos. Vós estivestes. Elles estiverão.	[Nós Houvemos. Vós Houvestes. Elles Houverão.	[Nós tivemos. Vós tivestes. Elles tiverão.

Preterito Perfeito Relativo.

S.	S.	S.	S.
Eu fora; tinha ou tivera sido.	[Eu estivera; tinha ou tivera estado.	Eu houvera; tinha ou tivera havido.	[Eu tivera; ou tivera tido.
Tu foras; tinha ou tiveras sido.	[Tu estiveras; tinha ou tiveras estado.	Tu houveras; tinha ou tiveras havido.	Tu tiveras; ou tiveras tido.
Elle fôra; tinha ou tivera sido.	[Elle estivera; tinha ou tivera estado.	Elle houvera; tinha ou tivera havido.	Elle tivera; ou tivera tido.
P.	P.	P.	P.
Nós fôramos; tínhamos ou tiveramos sido.	[Nós estiveramos; tínhamos ou tiveramos estado.	Nós houveramos; tínhamos ou tiveramos havido.	Nós tiveramos; ou tínhamos tido.
Vós foreis; tinheis ou tivereis sido.	[Vós estivereis; tinheis ou tivereis estado.	Vós houvereis; tinheis ou tivereis havido.	Vós tivereis; ou tinheis tido.
Elles forão; tinham ou tiverão sido.	[Elles estiverão; tinham ou tiverão estado.	Elles houverão; tinham ou tiverão havido.	Elles tiverão; ou tinham tido.

peçoas são imperativas; porque estes e outros tractamentos, em lugar de Tu e Vós, são idiotismos da nossa Lingua,

(SER) (ESTAR) (HAVER) (TER)

Ou

Ou

Ou

S.

S.

S.

Eu havia ou hou- vera sido.	Eu havia ou hou- vera estado.
Tu havias ou hou- veras sido. &c.	Tu havias ou hou- veras estado. &c.

Eu havia ou hou- vera tido.
Tu havias ou hou- veras tido. &c.

Preterito Imperfeito Condicional. (29)

S.

S.

S.

S.

Eu seria.
Tu serias.
Elle seria.

Eu estaria.
Tu estarias.
Elle estaria.

Eu haveria.
Tu haverias.
Elle haveria.

Eu teria.
Tu terias.
Elle teria.

P.

P.

P.

P.

Nós seríamos.
Vós serieis.
Elles serião.

Nós estaríamos.
Vós estaríeis.
Elles estarião.

Nós haveríamos.
Vós haveríeis.
Elles haverião.

Nós teríamos.
Vós teríeis.
Elles terião.

Preterito Imperfeito Condicional Porfazer.

S.

S.

S.

S.

Eu haveria ou te- ria de ser.	Eu haveria ou te- ria de estar.	Eu haveria ou te- ria de haver.	Eu haveria ou te- ria de ter.
Tu haverias ou te- rias de ser. &c.	Tu haverias ou te- rias de estar &c.	Tu haverias ou te- rias de haver &c.	Tu haverias ou te- rias de ter. &c.

Preterito Perfeito Condicional.

S.

S.

S.

S.

Eu teria ou tivera sido; ou fora.	Eu teria ou tive- ra estado; ou estivera.	Eu teria ou tivera havido; ou hou- vera.	Eu teria ou tive- ra tido; ou ti- vera.
Tu terias ou tive- ras sido; ou fo- ras &c.	Tu terias ou tive- ras estado; ou estiveras. &c.	Tu terias ou tive- ras havido; ou houveras. &c.	Tu terias ou tive- ras tido; ou ti- veras. &c.

(29) Pareceo-nos muito mais claro e melhor pôr as Linguagens Condicionaes á parte, e porisso não as misturamos com as outras.

Ou S.	Ou S.	Ou S.
Eu haveria ou hou- vera sido. Tu haverias ou houveras sido. &c.	Eu haveria ou hou- vera estado. Tu haverias ou houveras esta- do. &c.	Eu haveria ou houvera tido. Tu haverias ou houveras tido. &c.

Fucturo Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu serei. Tu serás. Elle será.	Eu estarei. Tu estarás. Elle estará.	Eu haverei. Tu haverás. Elle haverá.	Eu terei. Tu terás. Elle terá.
P.	P.	P.	P.
Nós seremos. Vós sereis. Elles serão.	Nós estaremos. Vós estareis. Elles estarão.	Nós haveremos. Vós havereis. Elles haverão.	Nós teremos. Vós tereis. Elles terão.

Fucturo Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu haverei ou te- rei de ser. Tu haverás ou te- rás de ser. &c.	Eu haverei ou te- rei de estar. Tu haverás ou te- rás de estar. &c.	Eu terei de ha- ver. Tu terás de ha- ver. &c.	Eu haverei ou te- rei de ter. Tu haverás ou te- rás de ter. &c.

Fucturo Perfetto.

S.	S.	S.	S.
Eu haverei ou te- rei sido. Tu haverás ou te- rás sido. &c.	Eu haverei ou te- rei estado. Tu haverás ou te- rás estado. &c.	Eu terei havido. Tu terás havido. &c.	Eu haverei ou te- rei tido. Tu haverás ou te- rás tido. &c.

MODO SUBJUNCTIVO.

Tempo Presente Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu seja. Tu sejas. Elle seja.	Eu esteja. Tu estejas. Elle esteja.	Eu haja. Tu hajas. Elle haja.	Eu tenha. Tu tenhas. Elle tenha.

(SER) (ESTAR) (HAVER) (TER)

P. P. P. P.

Nós sejámos. Vós sejaes. Elles sejião.	Nós estejámos. Vós estejaes. Elles estejião.	Nós hajámos. Vós hajaes. Elles hajão.	Nós tenhamos. Vós tenhaes. Elles tenham.
--	--	---	--

Preterito Imperfeito Porfazer.

S. S. S. S.

Eu haja ou tenha de ser.	Eu haja ou tenha de estar.	Eu tenha de ha- ver.	Eu haja ou tenha de ter.
Tu hajas ou te- nhas de ser. &c.	Tu hajas ou tenhas de estar. &c.	Tu tenhas de ha- ver.	Tu hajas ou te- nhas de ter. &c.

Presente Perfeito.

S. S. S. S.

Eu haja ou tenha sido.	Eu haja ou tenha estado.	Eu tenha havido.	Eu haja ou tenha tido.
Tu hajas ou te- nhas sido. &c.	Tu hajas ou te- nhas estado &c.	Tu tenhas havi- do. &c.	Tu hajas ou te- nhas tido. &c.

Preterito Imperfeito.

S. S. S. S.

Eu fosse.	Eu estivesse.	Eu houvesse.	Eu tivesse.
Tu fosse.	Tu estivesses.	Tu houvesses.	Tu tivesses.
Elle fosse.	Elle estivesse.	Elle houvesse.	Elle tivesse.

P. P. P. P.

Nós fossemos.	Nós estivessemos	Nós houvessemos	Nós tivéssemos.
Vós fosseis.	Vós estivesseis.	Vós houvesseis.	Vós tivésseis.
Elles fossem.	Elles estivessem.	Elles houvessem.	Elles tivessem.

Preterito Imperfeito Porfazer.

S. S. S. S.

Eu houvesse ou tivesse de ser.	Eu houvesse ou ti- vesse de estar.	Eu tivesse de ha- ver.	Eu houvesse ou tivesse de ter.
Tu houvesse ou tivesses de ser. &c.	Tu houvesse ou tivesses de es- tar.	Tu tivesses de ha- ver. &c.	Tu houvesse ou tivesses de ter. etc.

(SER) (ESTAR) (HAVER) (TER)

Preterito Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu houvesse ou tivesse sido. Tu houvesse ou tivesses sido. etc.	Eu houvesse ou tivesse estado. Tu houvesse ou tivesses estado. etc.	Eu tivesse havido. Tu tivesses havido. etc.	Eu houvesse ou tivesse tido. Tu houvesse ou tivesses tido. etc.

Fucturo Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu for. Tu fores. Elle for.	Eu estiver. Tu estiveres. Elle estiver.	Eu houver. Tu houveres. Elle houver.	Eu tiver. Tu tiveres. Elle tiver.
P.	P.	P.	P.
Nós formos. Vós fordes. Elles forem.	Nós estivermos. Vós estiverdes. Elles estiverem.	Nós houvermos. Vós houverdes. Elles houverem.	Nós tivermos. Vós tiverdes. Elles tiverem.

Fucturo Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu houver ou tiver de ser. Tu houveres ou tiveres de ser. etc.	Eu houver ou tiver de estar. Tu houveres ou tiveres de estar. etc.	Eu tiver de haver. Tu tiveres de haver. etc.	Eu houver ou tiver de ter. Tu houveres ou tiveres de ter. etc.

Fucturo Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu houver ou tiver sido. Tu houveres ou tiveres sido. etc.	Eu houver ou tiver estado. Tu houveres ou tiveres estado. etc.	Eu tiver havido. Tu tiveres havido. etc.	Eu houver ou tiver tido. Tu houveres ou tiveres tido. etc.

Do Verbo Adjectivo.

Verbo Adjectivo é a concentração do attributo e o Verbo em uma só palavra, como: *Ei amo*, em lugar de *Eu tenho amor*, ou *Ei sou amante*. (30)

(30) Dizem os Grammaticos modernos que Verbo Adjectivo é a redução e concentração, ou expressão abbreviada, do sujeito, do verbo substantivo, e do attributo verbal em uma só palavra, como: *Amo*, em lugar de *Eu sou amante*; *Durmo*, em lugar de *Eu sou dormente* etc. Parece-nos que nisto há falta de reflexão, e que nem o sujeito, nem o verbo substantivo, nem o attributo verbal estão concentrados no Verbo Adjectivo. Em quanto ao sujeito, elle não está concentrado no Verbo Adjectivo, nem as desinencias (terminações) dos verbos são os demonstrativos pessoais primitivos pospostos e tornados inseparaveis; porque o Verbo Adjectivo consta de duas partes, a primeira é o attributo, e por tanto não é o sujeito; a segunda é o verbo que vai sempre tomando varias fórmãs, para exprimir não só a relação de conveniencia, mas tambem os differentes modos, tempos, numeros, e caracteres das pessoas. Em *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*, por exemplo, a primeira parte, dizem todos, é o attributo; logo não é o sujeito; a segunda *ar*, *er*, *ir*, é o verbo, e portanto não é o sujeito. Em *Am-o*, como a terminação *o* póde ser o verbo, e ao mesmo tempo o demonstrativo *eu*? Em *Am-a*, *a*, que é um som simples, breve, e representado com uma só letra, como póde ser o verbo, e tambem ao mesmo tempo o demonstrativo *elle ella*? Ou é uma cousa, ou outra. O que nós vemos e ouvimos é o verbo, e nada mais. Concluimos portanto que o Verbo Adjectivo não tem incluídos em si os sujeitos, mas tem variações que mostram o caracter delles. Um Grammatico moderno, diz que *am-o*, *devo-o*, *applaud-o*, equivale a *amor*, *dever*, *applauso*, *eu*, com o verbo *tenho* occulto; de sorte que nesta opinião, *amo*, *devo*, *applaudo*, são verbos, pois não se póde negar que o são; e não o são, porque aí só está a parte radical ou attributo, e o sujeito, pois o verbo fica occulto. Ora isto não tem cabimento algum.

Respeito ao attributo verbal, repugna que elle esteja concentrado no Verbo Adjectivo: 1º porque em *Amar* a idéa que todos tem na mente é *amor*, e essa mesma é a que deve estar no verbo, 2º porque para o verbo *Amar* ser composto de *Ser* e *Amante*, seria necessario que *Amante* existisse antes do verbo *Amar*, o que é impossivel; pois ao verbo *Amar* é que *Amante* deve sua existencia. Portanto o attributo concentrado no verbo adjectivo não póde ser um nome verbal; e por consequencia é absurdo dizer que em *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*, *Am* e *Amante*, *Tem Temente*, *Ouv Ouvinte*. É muito mais natural, e conforme ás idéas que há no pensamento, e até escriptas no verbo, o dizer-se que os attributos, incluídos nos verbos antecedentes, são *Amor*, *Temor*, *Ouvido*, e assim nos mais.

Todo o *Verbo Adjectivo* pôde ser dividido em duas partes, de maneira que as terminações *ar*, *er*, *ir*, fação uma parte, e as syllabas que as precedem outra, como: *Am-ar*, *Tem-*

Do que fica dito sobre o attributo verbal, se dedaz que o verbo substantivo não está concentrado no Verbo Adjectivo, porque este para ser substituido pelo verbo *Ser*, necessita de ter incluído em si um attributo verbal. Para se poder dizer que *Amo* é expressão abbreviada de *Eu sou amante*, era necessario que *Amante* ou outro nome verbal estivesse concentrado no verbo *Amo*; pois a estar outro attributo, o verbo *Ser* não pôde lá estar: porque se não pôde dizer *Eu sou amor*. Ista bastaria, porem demonstremos com toda a evidencia essa verdade. Ninguém duvida de que do nome *Olho* se fez o verbo *Olhar*, de *Prego Pregar*, de *Mão Manear*, e de que por consequencia os attributos, incluídos nestes verbos, são *Olho*, *Prego*, *Mão*: logo estes mesmos são os que devem apparecer na decomposição desses verbos, e tambem o verbo *Ser*, se é que elle está lá concentrado. Vejamos: *Eu sou olho*, *Eu sou prego*, *Eu sou mão*. Ora bem se vê que isto é falso e ridiculo, assim como tambem o é dizer: *Eu sou olhante* ou *olhador*, *Eu sou pregante* ou *pregador*, *Eu sou maneante* ou *maneador*; pois não foi destes attributos que se fizerão aquelles verbos, e alem disto elles são nomes verbaes, e porisso não podião existir antes dos seus verbos. Isto mesmo prova que todos os verbos não são outra coisa mais do que nomes mais ou menos alterados, a que se ajuntarão vozes, significativas da relação de conveniencia desse mesmo attributo em um sujeito, as quaes vozes na nossa Lingua são: *ar*, *er*, *ir*. Muitas vezes não podemos pôr em separado esse attributo, porque os verbos em que elles estão, nos vierão de outras linguas, que já os receberão de outras, e porisso muitos desses nomes se achão muito demudados de seu estado primitivo; pelo que nos contentamos com dizer o que o verbo significa, quando o attributo nelle incluído não é um nome adoptado na nossa Lingua.

Parece-nos que fica provado que no verbo adjectivo nem está concentrado o sujeito, nem o verbo substantivo, nem o attributo verbal. Qual é pois o verbo que está unido ao attributo? Basta acreditar o testemunho dos sentidos e da razão, para conhecer que na 1ª conjugação é *ar*, na 2ª *er*, e na 3ª *ir*; verbos tão simples como a relação de conveniencia que elles exprimem; verbos que nunca andão sós, mas sempre unidos a seus attributos, porque sós nada significão, pela mesma razão, porque a relação que elles significão, per si só é inteiramente nada, como já mostramos. Estes verbos vão crescendo em sons, á medida que se vão encarregando de exprimir as ideas accessorias de tempos, numeros, e o caracter dos sujeitos.

Estes verbos exprimem a mesma coisa, isto é, a relação de conveniencia; mas disto não se segue que sejam um só verbo; assim como por tres pessoas se empregarem cada qual em fazer uma coisa igual, se não segue que ellas não sejam tres individuos distinctos. Se os Grammaticos tivessem feito esta distincção; se tivessem attendido á differença que ha entre os individuos, e seu emprego; se não tivessem con-

er, *Ouv-ir*. A primeira parte é a *Radical*, e exprime o attributo; porisso esta parte *Radical* é sempre a mesma e invariavel em todos os modos, tempos, e pessoas dos Verbos regulares. A segunda porem é o Verbo que na conjugação vai tomando fôrmas diferentes.

Daqui se vê que os Verbos Adjectivos e suas Linguagens se podem dividir, pondo em separado as partes que nelles estão unidas, isto é, o verbo e o attributo, deste modo: *Eu amo*, isto é, *Eu tenho amor*, ou *Eu sou amante*; *Ea tenho amado*, isto é, *Ea tenho tido amor*, ou *Eu tenho sido amante*; *Eu hei de amar*, isto é, *Eu hei de ter amor*, ou *Eu hei de ser amante*. (31)

fundido o material do vocabulo *Ser* com o que elle significa; não terião caído no erro de dizer que *Ser* é o unico verbo, e que se acha concentrado nos outros, contrahido e transformado. Virão elles que *Ser* enuncia a relação de conveniência, e que os outros verbos a enunciação também, e assentarão logo em que o verbo *Ser* estava concentrado em todos os outros verbos; como se fosse impossivel haverem outras palavras que exprimissem a mesma relação, ou se o verbo *Ser* tivesse obtido algum privilegio, para elle só a enunciar. O verbo *Ser* tem seu uso no discurso, do mesmo modo que os outros o tem.

(31) Isto são traducções ou substituições de umas palavras por outras, pois que nem o verbo *Ter* ou *Haver*, nem *Ser*, nem o attributo verbal estão concentraes no Verbo Adjectivo, como já mostramos a cima, onde tambem demos a razão, por que muitas vezes não podemos pôr em separado o attributo que se acha unido.

Quando reflexionamos sobre o sentido dos verbos *Ser*, *Estar*, *Haver*, *Ter*, etc., e mostramos que sua significação essencial é semelhante, dicemos que se o primeiro não tinha em si attributo, tambem os outros o não tinham; mas não asseveramos que o não tinham; pois estamos bem certo em que todos elles tem sua parte radical, e em que esta alguma coisa significa. Em quanto ao verbo *Ser*, seu radical significa existencia, e bem se vê que ella se deve considerar uma mesma coisa com a idéa do verbo, o qual tambem lhe dá um sentido concreto. Esta significação de existencia dá-se bem a conhecer tomando-o abstractamente, como: *Ser é melhor que não ser*, equivale a *A existencia é melhor que a não existencia*. Da unidade de sentido da parte radical e do verbo procede o dizer-se que elle não tem incluído em si attributo algum, e porisso mesmo sempre o pede na proposição, porque seu emprego é unil-o com o sujeito. Se alguém dicer *Eu sou*, todos lhe perguntarão: *o que?* Será obrigado a responder com um attributo, v. g. *Eu sou estudante*. Nós não podemos dizer como os Latinos: *Cogito*, ergo *sum*; mas dizemos: *Cogito*, logo *existo*.

Porque o verbo Latino *Edo* tem algumas variações iguaes ás de *Sum*, não se segue que *Sum es fui* signifie *comer*; assim como por o

A parte *Radical* do Verbo *Adjectivo*, isto é, o attributo nelle incluído, pode ter uma significação, ou *absoluta*, ou *relativa*, e porisso ou demandar complementos, ou não os demandar. Daqui nasce a divisão do Verbo *Adjectivo* em *Intransitivo*, e *Transitivo*.

Verbo *Intransitivo* é o que não só exprime a relação de conveniencia; mas tambem tem incluído em si um attributo, que significa um estado ou acção absoluta e inseparavel do sujeito, e porisso não pede complemento algum; como: *Pade-cer*, *Chorar*, *Gemer*, *Suspirar*.

Verbo *Transitivo* é o que alem de exprimir a relação de conveniencia tem incluído em si um attributo, que significa um estado ou acção incompleta e suspensa, e porisso pede um ou mais complementos; como *Servir a Deus*, *Dar esmolas aos pobres*.

O Verbo *Transitivo* divide se em *Relativo*, *Activo*, *Activo* é ao mesmo tempo *Relativo*, *Passivo*, *Médio* e *Reflexo*. Verbo *Relativo* é o que pede uma preposição com seu consequente, para lhe servir de termo da relação que elle significa; como: *Venho de casa*.

Verbo *Activo* é o que, em razão do attributo nelle incluído, significa uma acção que deve ser exercitada pelo sujeito do mesmo Verbo, e empregada em um objecto, o qual pôde ser o mesmo sujeito; como: *Eu amo a Deus*, *Pedro ama-se*. Verbo *Activo* e ao mesmo tempo *Relativo* é o que, em razão do attributo nelle incluído, pede não só um objecto em que se

verbo *Amassar* ter algumas fórmás iguaes ás do verbo *Amar*, não se segue que *Amar* signifique *amassar*. *Esse comer*, não é *Esse ser* ou *estar*; são dois verbos distinctos.

O radical de *Haver* significa *posse* ou outra cousa que tenha analogia com esta idéa, e porisso pede um objecto, complemento de seu radical ou attributo. *Haver* ou *ter saude* equivale a *Estar de posse de saude*. Mesmo no impessoal este verbo não perde sua natureza, porque significa *existir*, que é mesmo que *ter existencia*, ou *estar de posse da existencia*. Os verbos *Ser* e *Estar* demandão um attributo, porque são verbos de nexo. *Existir* não pede cousa alguma, porque já em si tem o attributo vago *existencia*. *Haver* e *Ter* pedem os complementos de seus radicaes. Sirva isto de esclarecer e completar o que fica dito pag. 43, not. 16, onde consideramos o attributo ou radical do verbo *Existir* como sendo a mesma idéa do verbo, na significação de *Ser* ou *Estar*, em que tambem se usa, como: *elle existe rico*, e *estimado de todos*.

empregue a acção que elle significa, mas tambem um termo de sua relação; como: *Dei um livro a Pedro*. Verbo Passivo é o que, em razão do attributo, significa uma acção que deve ser exercitada por um agente, e empregada no sujeito do mesmo Verbo; como: *Deus é amado por mim*. (32)

Verbo Médio e Reflexo é o mesmo Verbo Activo, quando o sujeito produz uma acção, e a emprega em si; como: *Pedro ferio se*. (33)

Chamão se *Defectivos* aquelles verbos, a que falta algum tempo, numero, ou pessoa, como: *Prazer, Munir*. Impessoaes são os que se usão só nas terceiras pessoas, como: *Chove, Peza-me*. (34)

(32) A Língua Portugueza não tem Verbos Passivos. tem sim nma *Voz Passiva*, em que se mostra que o sujeito não é agente, como na *Voz Activa*, mas sim paciente ou recipiente da acção. Por consequencia tambem a Língua Portugueza não tem Verbos Neutros, porque os não tem Passivos. Pelo que a divisão do Verbo *Transitivo*, a cima dita, ainda que seja a mais geralmente adoptada, nem porisso é a mais exacta: pois que seria melhor dizer, que o Verbo *Transitivo* tem tres vozes, *Activa, Passiva, e Media* ou *Reflexa*.

(33) As terceiras pessoas destes verbos tomão um sentido passivo, quando os agentes são cousas que não tem acção sobre si, como: *As cousas estimão-se pelo que valem*; é o mesmo que dizer: *As cousas são estimadas etc*. Pelo que é preciso não apassivar os verbos deste modo, quando os agentes podem ter acção sobre si; porque o sentido ficaria equivoco, como: *Matarão-se quatro homens*.

(34) Estes são os verbos propriamente Impessoaes, porem os que o não são tem muitas vezes este mesmo uso, como: *Ao cidadão cumpre ser util á sua patria, a esta convem premial-o*.

Alguns Grammaticos chamão Pronominaes e Reciprococ aos Verbos conjugados na sua voz *Media*. Outros porém dizem que Pronominaes são os Verbos que ou se não conjugão sem demonstrativos pessoais primitivos, a que elles chamão pronomes, como: *Abster-se, Compadecer-se*; ou que se usão já com os mesmos demonstrativos, já sem elles, ficando sempre com o mesmo sentido, como: *Partir, e Partir-se, Sair, e Sair-se*. Chamão-se Reciprococ os que com os mesmos demonstrativos significão uma mesma acção reciproca entre dois ou mais sujeitos, como: *Escrevo-me com Antonio; Antonio e João se abraçarão mutuamente, ou um ao outro*.

Verbos *Frequentativos* são os que significão repetição da mesma acção, como. *Choviscar, Espicaçar, Espezinhar*, e alguns outros, os mais fazem-se com o verbo *Andar*, conjugado com os participios imperfeitos dos outros verbos, como: *Ando padecendo, escrevendo*, etc.

Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Activa.

Já fica dito o que é Conjugação Regular, e Conjugação Irregular. Accrescendo agora que os Verbos Regulares sempre conservão a parte radical sem alteração, e os Irregulares não.

A lingua Portugueza tem só tres Conjugações Regulares, a saber: a primeira dos Verbos acabados em *ar*, como: *Amar*: a segunda dos Verbos em *er*, como: *Mover*: a terceira dos Verbos em *ir*, como: *Unir*. (35)

Verbos Continuativos são os que significão a continuação da mesma acção; fazem-se com o verbo *Estar* conjugado com os particípios imperfeitos dos outros verbos, como: *Estou padecendo* etc. Os Incóativos significão o principio de algum estado ou acção, e se fazem conjugando o verbo *Ir* com os particípios imperfeitos dos outros verbos, como: *Vou convallescendo*, etc. (Vid. not. 17 pag. 44.)

(35) As terminações *ar*, *er*, *ir* dos nossos verbos derivão de *are*, *ere*, *ire*, em que terminão os verbos Latinos, como se vê em *Laud-are*, *Deb-ere*, *Réj-ere*, *Vest-ire*. de que a nossa Lingua, tirando-lhe o *e* final, fez *Louv-ar*, *Dev-er*, *Reg-er*, *Vert-ir*. Ha quem dê por incontestavel, e até como sua descoberta, que todas as terminações e variações Latinas derivão de *Habere*, e as nossas de *Haver*. Nesta opinião se concede ao verbo *Haver* o mesmo que outros dão ao verbo *Ser*. Esta doutrina he desituida de fundamento, porque não ha impossibilidade, nem difficuldade alguma em ajuntar aos radicaes de todos os nossos verbos em *er*, e dos Latinos em *ere*, a mesma terminação que se une ao radical *Hav* de *Haver*, e *Hab* do Latino *Habere*, e em as *ir* conjugando, assim como se conjugão em *Habere* e *Haver*. Seja essa terminação de origem Egipcia, ou Coptica, não ha motivo para ser concedida exclusivamente aquelles dois verbos. Quanto ao radical de *Haver*, os radicaes dos outros verbos nem necessitão d'elle, nem o tem; o de que elles necessitão, e o que tem, é a voz ou terminação, que se acrescenta a cada um, significativa da relação de conveniencia de seu radical ou attributo com um sujeito. No verbo *Olhar*, feito de *Olho*, que se altera em *Olh*, e da terminação *ar*, quem será capaz de descobrir, o radical *Hav* de *Haver*, ou ainda a terminação *er*? A terminação Latina *ere* não é *are*, nem *ire*, nem *er* é *ar*, nem *ir*, apesar de significarem o mesmo, pois o devem significar, porque são verbos, e todo o verbo enuncia a mesma idea. Se todos nós vemos e ouvimos a terminação *ar* e seu desenvolvimento nos verbos da primeira conjugação, e *ir* nos da terceira, por que havemos de negar a existencia do que temos diante dos olhos, e afirmar a do que tem contra si a razão e os sentidos, valendo-nos para isso de contrações e transformações escu-

EXEMPLOS

DAS TRES CONJUGAÇÕES REGULARES

MODO INFINITO IMPESSOAL.

Imperfeito.

1ª Conjugação.

2ª

3ª

Am-ar.

Mov-er.

Un-ir.

Imperfeito Porfazer.

Haver ou ter de am-ar. | Haver ou ter de mov-er. | Haver ou ter de un-ir.

sadas? É certo que alguns verbos se podem resolver ou traduzir pelo verbo *Ter* ou *Haver*, mas são alguns somente, v. g.: *Eu amo a Deus, Eu louvo a Deus*: nestes dois juízos, as ideias que ha no pensamento são *amor de Deus, Louvor de Deus*, e a relação de conveniência com o sujeito *eu*; mas no entanto estas duas proposições se traduzem de modo diferente, deste modo: *Eu tenho amor a Deus, Eu dou louvor a Deus*. Esta differença está na expressão, para o que influe o uso adoptado, e a significação dos attributos, e não a essencia do juizo que sempre é a mesma. O poder-se substituir uma proposição por outra, prova só que um mesmo pensamento pôde ser enunciado por diferentes fórmãs de expressão. Pelo que ainda que todos os verbos podem ser substituídos por *Haver* (o que é falso), isso provaria só que elles podem ser substituídos, e nunca serviria de provar que faz parte de todos os verbos. Dizer que as variações de todos elles são as de *Haver*, ou que derivão d'elle, por algumas terminações dos outros verbos terem similitude com as deste, ou com sua significação, isso he frivolo demais. A razão das variações de todos os verbos é o systema de conjugação adoptado por cada Língua, que de ordinario imita a de que se derivou. As vozes *ar, er, ir*, conjugadas e desenvolvidas, constituem as variações de todos os nossos verbos.

As Línguas Portuguezas tem só dois *Formativos*, que são o Infinito Impessoal, e o Presente Imperfeito do Indicativo. Do 1º se formão os particípios, mudando as terminações *ar, er, ir*, em *ando, endo, indo*, nos particípios imperfeitos, como: *Am-ando, Mov-endo, Un-indo*; e em *ado, ido* nos Perfeitos, como: *Am-ado, Mov-ido, Un-ido*; e acrescentando á terminação as syllabas *a, ia, ei, e ss* (mudando o *r* final em *s*) se formão os Preteritos Perfeitos *Am-ára, Mov-era, Un-ira*, os Futuros Imperfeitos *Am-arei, Mov-erei, Un-irei*; os Preteritos Imperfeitos do Subjunctivo *Am-asse, Mov-esse, Un-isse*, e os Futuros Imperfeitos do mesmo modo por inteiro, como: *Amar, Mover, Unir*. Do 2º se formão os Imperativos, só com lhe tirar o *s* final das segun-

(Am-ar)

(Mov-er)

(U-nir)

Perfeito.

Haver ou ter am-ado. | Haver ou ter mov-ido. | Haver ou ter un-ido.

INFINITO PESSOAL.

Imperfeito.

S.	S.	S.
Am-ar eu. Am-ares tu. Am-ar elle.	Mov-er eu. Mov-eres tu. Mov-er elle.	Un-ir eu. Un-ires tu. Un-ir elle.
P.	P.	P.
Am-armos nós. Am-ardes vós. Am-arem elles.	Mov-ermos nós Mov-erdes vós. Mov-erem elles.	Un-irmos nós. Un-irdes vós. Un-irem elles.

Pessoal Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Haver ou ter eu de am- ar. Haveres ou teres tu de amar. &c.	Haver ou ter eu de mov- er. Haveres ou teres tu de mover. &c.	Haver ou ter eu de un-ir. Haveres ou teres tu de un-ir. &c.

Perfeito.

S.	S.	S.
Haver ou ter eu am-ado. Haveres ou teres tu am- ado. &c.	Haver ou ter eu mov- ido. Haveres ou teres tu mov- ido. &c.	Haver ou ter eu un- ido. Haveres ou teres tu un-ido. &c.

das pessoas, como: *Amas, Ama tu; Amais, Amai Vós, &c.*; os Preteritos Imperfeitos do mesmo Indicativo, mudando o *o* final em *ava, ia*, como: *Am-ava, Mov-ia, Un-ia*; os Preteritos Perfeitos, mudando o mesmo *o* em *ei, i*, como: *Am-ei, Mov-i, Un-i*; e finalmente os Presentes Imperfeitos do Subjunctivo, mudando na 1ª Conjugação o *o* em *e*, e na 2ª e 3ª em *a*, como: *Am-e, Mov-a, Un-a*. Também se pôde dizer, que Infinito Impessoal é o formativo de todas as Linguagens.

(Am-ar)

(Mov-er)

(Un-ir)

Participio Imperfeito.

Am-ando.

Mov-endo.

Un-indo.

Participio Imperfeito Porfazer

Havendo ou tendo de am-ar.	Havendo ou tendo de mov-er.	Havendo ou tendo de unir.
----------------------------	-----------------------------	---------------------------

Participio Perfeito.

Havendo ou tendo am-ado.	Havendo ou tendo mov-ido.	Havendo ou tendo un-ido.
--------------------------	---------------------------	--------------------------

Participio Passivo.

Am-ado.

Mov-ido.

Un-ido.

MODO INDICATIVO.

Tempo Presente Imperfeito.

S.

S.

S.

Eu am-o.
Tu am-as.
Elle am-a.

Eu mov-o.
Tu mov-es.
Elle mov-e.

Eu un-o.
Tu un-es.
Elle un-e.

P.

P.

P.

Nós am-amos.
Vós am-ais.
Elles am-ão.

Nós mov-emos.
Vós mov-eis.
Elles mov-em.

Nós un-imos.
Vós un-is.
Elles un-em.

Presente Imperfeito Porfazer.

S.

S.

S.

Eu hei ou tenho de am-ar.	Eu hei ou tenho de mov-er.	Eu hei ou tenho de un-ir.
Tu has ou tens de am-ar. &c.	Tu has ou tens de mov-er. &c.	Tu has ou tens de un-ir. &c.

(Am-ar)

(Mov-er)

(Un-ir)

Presente Perfeito.

S.

S.

S.

Eu hei ou tenho am-ado.	Eu hei ou tenho mov-ido.	Eu hei ou tenho un-ido.
Tu has ou tens am-ado. &c.	Tu has ou tens mov-ido. &c.	Tu has ou tens un-ido. &c.

Presente Imperfeito Imperativo.

S.

S.

S.

Am-a tu.	Mov-e tu.	Un-e tu.
----------	-----------	----------

P.

P.

P.

Am-ai vós.	Mov-ei vós.	Un-i vós.
------------	-------------	-----------

Preterito Imperfeito.

S.

S.

S.

Eu am-ava.	Eu mov-ia.	Eu un-ia.
Tu am-avas.	Tu mov-ias.	Tu un-ias.
Elle am-ava.	Elle mov-ia.	Elle un-ia.
P.	P.	P.
Nós am-ávamos.	Nós mov-íamos.	Nós un-íamos.
Vós am-aveis.	Vós mov-íeis.	Vós un-íeis.
Elles am-avão.	Elles mov-ião.	Elles un-ião.

Preterito Imperfeito Porfazer.

S.

S.

S.

Eu havia ou tinha de am-ar.	Eu havia ou tinha de mov-er.	Eu havia ou tinha de un-ir.
Tu havias ou tinhas de am-ar. &c.	Tu havias ou tinhas de mov-er. &c.	Tu havias ou tinhas de un-ir. &c.

Preterito Perfeito Absoluto.

S.

S.

S.

Eu am-ci.	Eu mov-i.	Eu un-i.
Tu am-aste.	Tu mov-este.	Tu un-iste.
Elle am-ou.	Elle mov-eo.	Elle un-io.

(Am-ar)

(Mov-er)

(Un-ir)

P.

P.

P.

Nós am-amos.
Vós am-astes.
Elles am-arão.

Nós mov-êmos.
Vós mov-estes.
Elles mov-êrão.

Nós un-imos.
Vós un-istes.
Elles un-irão.

Preterito Perfeito Porfazer.

S.

S.

S.

Eu houve ou tive de am-ar. Tu houveste ou tiveste de am-ar. &c.	Eu houve ou tive de mov-er. Tu houveste ou tiveste de mov-er. &c.	Eu houve ou tive de un-ir. Tu houveste ou tiveste de un-ir.
--	--	--

Preterito Perfeito Relativo.

S.

S.

S.

Eu am-ára; tinha ou tivera am-ado. Tu am-áras; tinhas ou tiveras am-ado. Elle am-ára; tinha ou tivera am-ado.	Eu mov-êra; tinha ou tivera mov-ido. Tu mov-êras; tinhas ou tiveras mov-ido. Elle mov-êra; tinha ou tivera mov-ido.	Eu un-ira; tinha ou tivera un-ido. Tu un-iras; tinhas ou tiveras un-ido. Elle un-ira; tinha ou tivera un-ido.
---	---	---

P.

P.

P.

Nós am-aramós; tínhamos ou tínhamos am-ado. Vós am-áreis; tínheis ou tívereis am-ado. Elles am-arão; tinham ou tiverão am-ado.	Nós mov-eramos; tínhamos ou tínhamos mov-ido. Vós mov-eréis; tínheis ou tívereis mov-ido. Elles mov-erão; tinham ou tiverão mov-ido.	Nós un-iramos; tínhamos ou tínhamos un-ido. Vós un-iréis; tínheis ou tívereis un-ido. Elles un-irão; tinham ou tiverão un-ido.
--	--	--

Ou

Ou

Ou

Eu havia ou houvéra am-ado. Tu havias ou houveras am-ado. &c.	Eu havia ou houvéra mov-ido. Tu havias ou houveras mov-ido. &c.	Eu havia ou houvera un-ido. Tu havias ou houveras un-ido. &c.
--	--	--

Preterito Imperfeito Condicional.

S.

S.

S.

Eu am-aria.
Tu am-arias.
Elle am-aria.

Eu mov-eria.
Tu mov-erias.
Elle mov-eria.

Eu un-iria.
Tu un-irias.
Elle un-iria.

(Am-ar)

(Mov-er)

(Un-ir)

P.

P.

P.

Nós am-ariamos.
Vós am-ariéis.
Elles am-arião.

Nós mov-eríamos.
Vós mov-eríeis.
Elles mov-erirão.

Nós un-iríamos.
Vós un-iríeis.
Elles un-irirão.

Preterito Imperfeito Condicional Porfozer.

S.

S.

S.

Eu haveria ou teria de
am-ar. &c.
Tu haverias ou terias
de am-ar. &c.

Eu haveria ou teria de
mov-er.
Tu haverias ou terias
de mov-er. &c.

Eu haveria ou teria de
un-ir.
Tu haverias ou terias de
un-ir. &c.

Preterito Perfeito Condicional.

S.

S.

S.

Eu teria ou tivera am-
ado; ou am-ára.
Tu terias ou tiveras am-
ado; ou am-áras.
Elle teria ou tivera am-
ado; ou am-ára. &c.

Eu teria ou tivera mov-
ido; ou mov-éra.
Tu terias ou tiveras
mov-ido; ou mov-éras
Elle teria ou tivera mov-
ido; ou mov-éra. &c.

Eu teria ou tivera un-
ido; ou un-ira.
Tu terias ou tiveras un-
ido; ou un-iras.
Elle teria ou tivera un-
ido; ou un-ira. &c.

Ou

Ou

Ou

Eu haveria ou houvera
am-ado.
Tu haverias ou houve-
ras am-ado. &c.

Eu haveria ou houvera
mov-ido.
Tu haverias ou houve-
ras mov-ido. &c.

Eu haveria ou houvera
un-ido.
Tu haverias ou houve-
ras un-ido. &c.

Futuro Imperfeito.

S.

S.

S.

Eu am-arei.
Tu am-arás.
Elle am-ará.

Eu mov-erei.
Tu mov-erás.
Elle mov-erá.

Eu un-irei.
Tu un-irás.
Elle un-irá.

P.

P.

P.

Nós am-aremos.
Vós am-areis.
Elles am-arão.

Nós mov-eremos.
Vós mov-ereis.
Elles mov-erão.

Nós un-iremos.
Vós un-ireis.
Elles un-irão.

(Am-ar)

(Mov-er)

(Un-ir)

Futuro Imperfeito Porfazer.

S.

S.

S.

Eu haveréi ou terei de am-ar.	Eu haveréi ou terei de mo-ver.	Eu haveréi ou terei de un-ir.
Tu haverás ou terás de am-ar. &c.	Tu haverás ou terás de mov-er. &c.	Tu haverás ou terás de unir. &c.

Futuro Perfeito.

S.

S.

S.

Eu haveréi ou terei am-ado.	Eu haveréi ou terei mov-ido.	Eu haveréi ou terei un-ido.
Tu haverás ou terás am-ado.	Tu haverás ou terás mov-ido.	Tu haverás ou terás un-ido.
Elle haverá ou terá am-ado. &c.	Elle haverá ou terá mov-ido. &c.	Elle haverá ou terá un-ido. &c.

MODO SUBJUNCTIVO.

Tempo Presente Imperfeito.

S.

S.

S.

Eu am-e.	Eu mov-a.	Eu un-a.
Tu am-es.	Tu mov-as.	Tu un-as.
Elle am-e.	Elle mov-a.	Elle un-a.

P.

P.

P.

Nós am-emos.	Nós mov-âmos.	Nós un-âmos.
Vós am-eis.	Vós mov-âis.	Vós un-âis.
Elles am-em.	Elles mov-ão.	Elles un-ão.

Presente Imperfeito Porfazer.

S.

S.

S.

Eu haja outenha de am-ar.	Eu haja outenha de mov-er.	Eu haja ou tenha de un-ir.
Tu hajas ou tenhas de am-ar. &c.	Tu hajas ou tenhas de mov-er. &c.	Tu hajas ou tenhas de un-ir. &c.

(Am-ar)

(Mov-er)

(Un-ir)

Presente Perfeito.

S.

S.

S.

Eu haja ou tenha am-ado.	Eu haja ou tenha mov-ido.	Eu ljaá ou tenha un-ido.
Tu hajas ou tenhas am-ado.	Tu hajas ou tenhas mov-ido.	Tu hajas ou tenhas un-ido.
Elle haja ou tenha am-ado. &c.	Elle haja ou tenha mov-ido. &c.	Elle haja ou tenha un-ido. &c.

Preterito Imperfeito.

S.

S.

S.

Eu am-asse.	Eu mov-esse.	Eu un-isse.
Tu am-asses.	Tu mov-esses.	Tu un-isses.
Elle am-asse.	Elle mov-esse.	Elle un-isse.

P.

P.

P.

Nós am-ássemos.	Nós mov-essemos.	Nós un-issemos.
Vós am-ásseis.	Vós mov-esseis.	Vós un-isseis.
Elles am-assem.	Elles mov-essem.	Elles un-issem.

Preterito Imperfeito Porfazer.

S.

S.

S.

Eu houvesse ou tivesse de am-ar.	Eu houvesse ou tivesse de mov-er.	Eu houvesse ou tivesse de un-ir.
Tu houvesse ou tivesse de am-ar. &c.	Tu houvesse ou tivesse de mov-er. &c.	Tu houvesse ou tivesse de un-ir.

Preterito Perfeito.

S.

S.

S.

Eu houvesse ou tivesse am-ado.	Eu houvesse ou tivesse mov-ido.	Eu houvesse ou tivesse un-ido.
Tu houvesse ou tivesse am-ado. &c.	Tu houvesse ou tivesse mov-ido. &c.	Tu houvesse ou tivesse un-ido. &c.

(Am-ar)

(Mov-er)

(Un-ir)

Futuro Imperfeito.

S.

S.

S.

Eu am-ar.
Tu am-ares.
Elle am-ar.

Eu mov-er.
Tu mov-eres.
Elle mov-er.

Eu un-ir.
Tu un-ires.
Elle un-ir.

P.

P.

P.

Nós am-armos.
Vós am-ardes.
Elles am-areu.

Nós mov-ermos.
Vós mov-erdes.
Elles mov-erem.

Nós un-irmos.
Vós un-irdes.
Elles un-irem.

Futuro Imperfeito Porfazer.

S.

S.

S.

Eu houver ou tiver de
am-ar.
Tu houveres ou tiveres
de am-ar. &c.

Eu houver ou tiver de
mov-er.
Tu houveres ou tiveres
de mov-er. &c.

Eu houver ou tiver de
un-ir.
Tu houveres ou tiveres
de un-ir. &c.

Futuro Perfeito.

S.

S.

S.

Eu houver ou tiver am-
ado.
Tu houveres ou tiveres
am-ado.
Elle houver ou tiver am-
ado. &c.

Eu houver ou tiver mov-
ido.
Tu houveres ou tiveres
mov-ido.
Elle houver ou tiver mov-
ido. &c.

Eu houver ou tiver un-
ido.
Tu houveres ou tiveres
un-ido.
Elle houver ou tiver un-
ido. &c.

§ XVI.

Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Passiva, e Media ou Reflexa.

Na Lingua Portugueza não ha *Verbos Passivos*, mas nós os suprimos com grande facilidade, ajuntando a qualquer Linguagem do Verbo Substantivo o *Participio Passivo* do Verbo Adjectivo, como: *Eu Sou Amado, Tenho Sido Amado, Hei de Ser Amado, &c.*

Quando os sujeitos dos verbos são cousas inanimadas e da terceira pessoa, tambem se forma de repente a Voz Passiva, ajuntando o reciproco *se* ás terceiras pessoas dos verbos, como: *Aqui premea-se a virtude*; é o mesmo que dizer: *Aqui é premiada a Virtude*.

Tambem a Língua Portugueza não tem *Verbos Reflexos*, em fôrma simples, mas suppre-os, conjugando os verbos com os Demonstrativos Pessoaes Primitivos, postos ou antes, ou depois, ou no meio delles, como: *Eu me amo, Tu te amas, Elle se ama, Nós nos amamos, Vós vos amais, Elles se amão*.

Na posição do Demonstrativo é preciso evitar qualquer equivoco, e cacophonia. Porisso no Imperativo, e frases Interrogativas, os Demonstrativos devem ir sempre depois, como: *Ama-te tu, Tu amas-te?* Nos tempos que tem o accento predominante na antepenultima syllaba, devem-se pôr antes, como: *Nós nos louvavamos*. Nos Futuros Imperfeitos, e nas Linguagens condicionaes, é elegante pôr o Demonstrativo no meio, como: *Amar me ei, Amar te ás, Amar-te-ia, &c.*

§ XVII.

Dos Verbos Irregulares e Defectivos.

Verbos Irregulares são os que se apartão das regras da conjugação Regular. Advirta-se que a differença de consoantes, e mesmo de escriptura, per si sós, *sem mudança de pronunciação*, as contracções, e mutilações de syllabas, não fazem irregularidade.

É tambem manifesto que os verbos intransitivos não podem ter Linguagens activas, nem passivas (excepto quando tomão uma significação emprestada) e porisso não tem Participios Passivos; o que todavia não faz que elles sejam Defectivos, nem Irregulares.

Verbos Defectivos são aquelles, a que falta ou algum tempo, ou alguma pessoa; e tal é o Verbo *Prazer* com seus compostos *Aprazer*, *Desaprazer*, que só tem estas vozes da terceira pessoa; *Praz*, *Prouve*, *Prouvera*, *Prazeria*, *Praza*, *Prouvesse*, *Prouver*, e seus compostos do mesmo modo. Outros Verbos ha Defectivos, que se aprenderão com o uso.

§ XVIII.

Da Preposição.

Preposição é uma parte invariavel da oração, que posta entre duas palavras, mostra que a segunda está completando a primeira, como: *Vou para casa de João*.

A *Preposição* rege, isto é, demanda depois de si uma palavra, e mostra só a relação de complemento, isto é, que ella com a palavra seguinte está completando a significação de outra palavra antecedente.

Ora esta palavra antecedente pôde necessitar de Complemento, ou porque tem uma significação vaga, e então é susceptivel de Restricção; ou porque tem uma significação relativa, e então precisa de um termo que lha complete: no primeiro caso a preposição com seu consequente chama-se *Complemento Restrictivo*, e no segundo chama-se *Complemento Terminativo*, como: *Vou para casa de João*; *para casa* é *Complemento Terminativo* do verbo *Vou*; *de João* é *Complemento Restrictivo* do nome *casa*.

As *Preposições* na sua origem forão destinadas para indicar as *relações de logar*, e daí por analogia passarão a designar outras circumstancias, como logo veremos.

Nós temos 16 *Preposições*, a saber: *A*, *Ante*, *Apoz*, *Alé*, *Com*, *Contra*, *De*, *Desde*, *Em*, *Entre*, *Para*, *Per*, *Por*, *Sem*, *Sob*, *Sobre*.

A *Preposição Em*, ou se exprime assim, ou simplesmente com a letra *n* junta com o artigo deste modo *no*, *na*, *nos*, *nas*, indica o lugar *onde* alguma cousa existe, como: *Estar em casa*; e por analogia indica o tempo, como: *Estamos no inverno*.

Sobre indica o lugar *onde*, quer este logar seja real, como: *Estar sobre a meza*; quer seja virtual, como *Disputar*

sobre alguma cousa. Por analogia indica tambem o *espaço de tempo*, e de outras cousas, como: *Sobre a tarde*, *Sobre queda côuce*.

Sob mostra o lugar *onde*, como: *Estar sob telha*; e por analogia dizemos: *Sob* o governo de Tiberio, *Sob* teu amparo.

Entre indica o lugar *onde*, ou real, como: *Entre a arêa*; ou ideal, como: *Entre falar e calar*; e por analogia indica o *tempo*, como: *Entre as dez e as onze*.

Ante mostra o lugar *onde*, como: *Ante os olhos*; e por analogia indica *precedencia de tempo*, como: *Ante* hontem. Às vezes esta Preposição se ajunta com outra para indicar duas relações locais, como: *Passar por ante mim*, isto é, *Passar por um lugar diante de mim*.

Apoz ou Poz mostra o lugar *onde*, ou real, como: *Apoz as costas*, isto é, *atrás das costas*; ou ideal, como: *Apoz a fortuna vem a adversidade*. Por analogia mostra *precedencia de tempo*, como *Poz* noite o dia.

Contra indica situação fronteira, como: *Cartago contra Italia*, *Contra a esperança*, *Falar contra alguém*.

Com mostra *companhia* ou de cousas, ou de pessoas, como: *O Maranhão com o Pará*, *Estou com meus amigos*. Por analogia indica o *instrumento*, como: *Ferir com a espada*; o *modo*, como: *Ler com cuidado*.

Sem mostra *privação de companhia*, como: *Estou sem amigos*, *Sem soccorro*.

Se a Preposição *De* tem um antecedente de significação vaga, ella com seu consequente é um Complemento Restrictivo, que indica o *possuidor*, como: *Escravo de João*; ou a *materia*, como: *Vaso de ouro*; ou a *qualidade*, como: *Homem de probidade*; ou em fim o *modo*, como: *Falou desta sorte*. (36)

Se porem seu antecedente é de significação relativa, então ella com seu consequente é um complemento Terminativo, e mostra ou o *lugar donde* alguma cousa vem, como: *Venho de casa*; ou o *principio* ou *causa donde* alguma cousa procede, como: *Nascer da terra*, *Morrer de fome*.

Desde indica um *principio* ou *parte donde* alguma cousa vem continuamente e sem interrupção, e porisso ordinariamente anda com a Preposição *Até*, como: *Desde Maranhão até o Pará*.

(36) *Desta sorte* é Complemento circumstancial.

Per mostra o espaço *per onde* alguém passa, e também o meio pelo qual alguma coisa se faz, como: *Andar per montes e valles, Subir aos cargos per empenhos*; também precede o agente nas orações da voz passiva, como: *Vencido pelos inimigos*.

Por tem duas significações, uma em lugar de *por causa*, e outra como se dissessemos *em lugar*. Na primeira significação mostra *causa*, como: *Fazer bem polo amor de Deus, Obrar por interesse*. Na segunda indica *troca*, e substituição, como: *Vender gato por lebre, Comprar por grande preço, Advogar polo réo*. (37)

A Preposição *A* indica o lugar *a onde* alguém vai sem tenção de ficar, como: *Vou a Pernambuco, e dali para a Bahia*. Por analogia indica o *espaço de tempo*, como: *De hoje a um mez; attribuição, e termo proximo*, como: *Ser util á patria; preço, e proporção*, como: *Custou a vintem, Vale a tostão; o modo, e causa*, como: *Andar a pé, Passar á espada, Morrer á fome*.

Até ou *Té* indica o *termo* a que se dirige qualquer movimento, ou acção não interrompida, como: *Estudar até saber*.

Para indica o lugar ou termo remoto e final, *para onde* se dirige qualquer movimento, acção, ou pensamento, como: *Vou para casa, Estudo para saber, A piedade para com Deus*. (38)

§ XIX,

Do Adverbio.

Adverbio é uma palavra invariavel, equivalente a uma preposição com seu complemento, cujas vezes faz com mais pre-

(37) Presentemente se confundem na pratica as duas Preposições *Per* e *Por*.

(38) Além destas admittem os Grammaticos mais vinte e quatro Preposições, as quaes são ou nomes com preposições, como: *A baixo, A cima De parte &c.*; ou Adverbios, como: *Junto, Conforme, Segundo, &c.*; ou Participios, como: *Excepto*. Nenhuma destas palavras é Preposição, e ainda que nossos Classicos usão algumas vezes de *Diante* e *Traz* como preposições, todavia as mais das vezes se servem destas palavras como de adverbios.

cisão, e que se ajunta a qualquer palavra susceptível de modificação, para a modificar com as relações de lugar, tempo, quantidade, modo, qualidade &c., como: *Onde*, que é o mesmo que *No qual lugar*. O termo Adverbio quer dizer *adjunto á palavra*.

Temos Adverbios propriamente ditos, Nomes Adverbia-dos, e Locuções Adverbiaes. Adverbios propriamente ditos são os que ficão definidos na definição antecedente. Nomes Adverbiados, são alguns substantivos e muitos adjectivos, quando se usão como Adverbios, como: *Ora*, *Tarde*, *Alto*, *Baixo*, *Rijo*, *Barato*, *Conforme*, &c., que é o mesmo que *Em tom alto rijo*, &c., *por preço barato*, &c.

Locuções Adverbiaes são os mesmos Adverbios e nomes, pue precedidos de uma ou mais preposições, formão expressões mais ou menos compostas, que enuncião as circumstancias proprias dos Adverbios, como: *Donde*, *Por onde*, *Daqui*, *Ateli*, *De fora*, *Em fora*, *Por de traz*, *Por de cima*, *Trazantehontem*, *A fim*, *Em fim*, *De sorte*, *A torto e a direito*, *Ás claras*, *De improviso*, *De mais a mais*, *Em continente*, *Em vão*, *Debalde*, *Por de mais*, *Sobre maneira*, *Sobre modo*, *De braços*, *De rastos*, e um sem numero de outras expressões.

Os Adverbios, como fica dito, exprimem as circumstancias de *Lugar*, *Tempo*, *Quantidade*, *Modo*, *Qualidade*, &c., como se póde ver nas seguintes classes, em que estãs com sua analyse.

1º—*Adverbio e de Lugar.*

<i>Onde</i> ,.....	<i>Em o qual lugar. Em que lugar?</i>
<i>Donde</i> ,.....	<i>Do qual, ou de que lugar?</i>
<i>Algures</i> ,.....	<i>Em algum lugar.</i>
<i>Nenhures</i> ,.....	<i>Em nenhum lugar.</i>
<i>Aqui</i> ,.....	<i>Neste lugar.</i>
<i>Aí</i> ,.....	<i>Nesse lugar.</i>
<i>Ali</i> ,.....	<i>Naquelle lugar.</i>
<i>Á quem</i> ,.....	<i>Desa parte, onde estamos.</i>
<i>Além</i> ,.....	<i>Da outra parte contraria.</i>
<i>Cá</i> ,.....	<i>Para este lugar.</i>
<i>Acolá</i> ,.....	<i>Para aquelle lugar.</i>
<i>Arriba</i> ,.....	<i>No lugar a cima.</i>
<i>Abaixo</i> ,.....	<i>No lugar inferior.</i>

Cerca, À cerca,	Em torno, A respeito.
Dentro,	Em a parte interior.
Fóra,	Em a parte exterior.
Diante,	Em a parte anterior.
Detraz,	Em a parte posterior.
Longe,	Em muita distancia.
Perto,	Em pouca distancia.

2º—*Adverbios de Tempo.*

Quando,	No tempo que, ou em que tempo.
Sempre,	Em todo o tempo.
Nunca,	Em nehum tempo.
Agora,	Em este tempo.
Avante,	Para diante, para o futuro.
Então,	Em aquelle tempo.
Antes,	Em o tempo antecedente.
Depois,	Em o tempo seguinte.
Hontem,	Em o dia antecedente.
Hoje,	Em o dia presente.
Logo,	Em o mesmo instante.
Já,	Em este instante.
Ainda,	Até esta hora.
Cedo,	Em pouco tempo.
Asinha,	Depressa.
Tarde,	Com demora.

3º—*Adverbios de Quantidade.*

Tão,	Em tanta quantidade.
Quão,	Em quanta quantidade.
Muito,	Em muita quantidade.
Mais,	Em maior quantidade.
Menos,	Em menor quantidade.
Assaz,	Em abastança.
Quasi,	Com pouca differença para menos.
Apenas,	Com escacéz.
Cerca,	Pouco mais ou menos, Quasi, Perto de.
Sequer,	Ao menos.
Assim,	Em tal maneira.

4º—Adverbios de Modo, e Qualidade.

Cômo,.....	Em qual maneira
Sim,	Affirmativamente.
Não,	Negativamente.
Talvez,.....	Acaso.
Eis,.....	Em presença, Á vista.
Fortemente &c.....	Com força, &c.

A maior parte dos Adverbios de Qualidade se forma, acrescentando *mente* aos adjectivos de uma terminação, e á femininã dos que tem duas, como: *Prudentemente, Sabiamente*, que é o mesmo que *Com prudencia, Com sabedoria*. Quando se ajuntão muitos destes Adverbios, só pômos *mente* no ultimo, como: *Obrar prudente, sabia, e judiciosamente*.

§ XX.

Da Conjugação.

Conjugação é uma parte da oração, que ata e ordena entre si as orações, para fazerem um corpo de periodo, e um discurso continuado.

Nós temos só oito *Conjugações* propriamente ditas, a saber: *E, Mas, Nem, Ou, Pois, Porem, Que, e Se*. Mas como estas não bastão para indicar todas as relações, em que as proposições estão umas para com outras, supprimos esta falta com outras palavras que tem força conjunctiva, como logo veremos.

Ha dez especies de *Conjugações*, a saber: *Copulativas, Disjunctivas, Explicativas, Adversativas, Condicionaes, Causaes, Conclusivas, Circumstanciaes, e Subjunctivas*.

As *Copulativas* são: *E*, para affirmar; *Nem*, para negar. Para variar temos as frases conjunctivas *Tambem, E bem assim, Outrosim*.

As *Disjunctivas* são: *Ou*; e para variar *Quer, Ora, Já, Quando*, sempre repetidas.

As *Explicativas* são: *Como*, e estas expressões. A saber: *Isto é, De sorte que, Certo que, Mormente, Principalmente, Em quanto*.

As *Continuativas* são: *Pois* (postostas á primeira ou segunda palavra), e estas formulas *Além disto, Com effeito, Na verdade, &c*.

As *Adversativas* são: *Mas, Porem, e as frases conjunctivas, Ainda que, Isso não obstante.*

As *Condicionaes* são: *Se, para afirmar; Senão, para negar; e as formulas Como, Com tanto que, Salvo se, Excepto se, &c.*

As *Causaes*, são: *Como; e as frases conjunctivas Por quanto, Visto que, Porque.*

As *Conclusivas* são: *Pois, e os Adverbios conjunctivos Logo, Donde, e as formulas Por tanto, Per consequente, Pelo que, Assim que, &c.*

As *Circumstanciaes* são os Adverbios: *Tanto, Quanto, Quonndo, Como; e as frases conjunctivas Tanto que, Logo que, Como quer que, Até que.*

Em fim as *Subjunctivas* são os Demonstrativos *O Qual, Quem, Cujo, e sobre todos o Demonstrativo conjunctivo Que.*

§ XXI.

Das Interjeições.

As *Interjeições* são umas palavras, pela maior parte de uma syllaba, que per si sós exprimem os sentimentos de que nosso espirito está occupado.

Como as *Interjeições* per si sós exprimem sentimentos, segue se que ellas equivalem a uma oração, e mesmo a um discurso, em que os expozessemos miudamente.

O affecto ou sentimento, exprimido por cada *Interjeição*, dá-se a conhecêr pelo modo de quem a emprega, e pelas circumstancias em que é proferida; porque uma mesma *Interjeição* pôde exprimir sentimentos differentes, e até mesmo contrarios, v. g. *Ai!* exprime *dor, e afflicção*, e tambem *alegria, e prazer; Ha!* exprime *satisfação*, e tambem *indignação*, como: *Ha feliz de ti! Ha raza maldicta!* Notado isto, ai vão as *Interjeições* com os affectos que exprimem:

De reparo com admiração..... *Hum!*...
 De prazer e satisfação, e tambem de Indignação *Ha!* .
 De saudade, mágua, e afflicção..... *Oh!*
 De quem chora, e se lastima, e tambem deprazer *Ai!*
 De quem se sobresalta, e admira..... *Ahi!*

De quem pede socorro.....	<i>A' qui (d'el-rei).</i>
De quem faz silencio.....	<i>Ch! St!</i>
De quem exhorta e afaga.....	<i>Eia!</i>
De quem ri.....	<i>Ha! Ha! Ha!</i>
De quem approva e dá parabem.....	<i>Ha! Ha!</i>
De aversão.....	<i>Irrat</i>
De zombaria, e tambem de dor, e espanto... ..	<i>Hui!</i>
Para chamar simplesmente por alguem.....	<i>O'</i>
Para chamar com reparo, e estranhamento... ..	<i>Olát</i>
Para exprimir um desejo ançioso.....	<i>Ovalát</i>
Para quem anima.....	<i>Sus!</i>
Para fazer parar.....	<i>Tát</i>

Assim damos por concluido o que tinhamos a dizer sobre a Etymologia, isto é, sobre cada uma das Partes Elementares da oração. É preciso agora mostrar como dellas se faz um discurso, o que contitue o objecto da *Syntaxe*, e *Construcção*, de que trataremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO III.

Da Syntaxe, e Construcção.

Syntaxe, isto é, Composição, é a parte da Grammatica, que ensina a compor uma oração, segundo as relações que as palavras tem umas com outras. Estas relações são ou de conveniencia, isto é, de Concórdancia; ou de determinação e dependencia, isto é, de Regencia.

A *Construcção*, isto é, a Collocação, ensina a pôr cada palavra e cada oração no logar, que lhe é destinado pelo uso da lingua.

Do que temos dito se vê que todo o artificio da oração está em quatro cousas. 1^a em saber quaes são as partes essenciaes da Oração. 2^a em observar as regras da Concórdancia. 3^a em completar a significação transitiva das palavras que a tem, o que pertence á Regencia. 4^a em observar as regras da Construcção, pondo cada palavra e cada oração no logar mais conveniente á força e clareza do diseurso. Trataremos de tudo isso em separado.

§ I.

Das Elementos essenciaes da oração.

Oração ou *Proposição* é a enunciação de um attributo em um sujeito, isto é, um juízo enunciado, como: *O vicio é detestavel.*

São tres os elementos essenciaes da *Proposição*, a saber: um *Sujeito*, o qual é a pessoa ou couza, a que se attribue alguma qualidade; um *Attributo*, que é a qualidade, que se attribue ao sujeito; um *Nexo* ou *Copula*, que ligue e una o *Attributo* com o *Sujeito*, como: *Deus é justo.* O sujeito, e o attributo chamão se termos de *Proposição*.

Póde ser *Sujeito* da *Proposição* qualquer nome substantivo appellativo com artigo, ou proprio sem elle; uma *proposição*, e tambem qualquer parte elementar do discurso, substantivada por meio do artigo, como: *O ser pobre não é deshonra.*

O *Attributo* é sempre um adjectivo, ou cousa que o valha, como: *Pedro he homem.*

O *Nexo* ou *Copula* é sempre um verbo, ou só, como: *Eu sou amante;* ou encorporado com o attributo no verbo adjectivo, como: *Eu amo.*

Os Elementos essenciaes da *Proposição* podem ser enunciados ou com tres palavras, correspondentes a cada um, como: *Eu sou amante;* ou com duas, como: *Eu amo;* ou com uma só, como: *Amo.*

A *Proposição*, considerada em sua natureza, póde ser ou *Simples*, ou *Composta*, ou *Complexa*. *Proposição Simples* é a que tem só um sujeito e um attributo, como: *Pedro é sabião.* *Proposição Composta* é a que tem ou mais de um sujeito, ou mais de um attributo, ou muitos sujeitos e attributos ao mesmo tempo, como: *A virtude, e a sabedoria são estimaveis, e difficeis de se encontrar.* Esta *proposição* é composta de dois sujeitos, *virtude* e *sabedoria*, e de dois attributos, *estimaveis* e *difficeis*; mas tem um só verbo, que está servindo do *nexo* commum a todos elles.

A *Proposição Composta* inclue tantas *Proposições Simples*, quantos são os sujeitos, e attributos que nella estão. Pelo que a *Proposição* a cima contém quatro *Proposições Simples*, que

exprimidas são estas: *A virtude é estimavel, A sabedoria é estimavel, A virtude é difficil de se encontrar, A sabedoria é difficil de se encontrar.*

Proposição Complexa é aquella cujo sujeito ou attributo, ou ambos os termos são modificados por alguma proposição parcial, ou por idéas a ella equivalentes; como: *O homem sabio, ou que é sabio, aborrece os vicios.*

A proposição, considerada em sua gradação no periodo, é ou Principal, ou Total subordinada, ou Parcial; pois quando se ajuntão muitas proposições, uma dellas é *Principal*, e das outras umas são *Totales Subordinadas*, e outras *Parciaes*.

Proposição Principal é a que pôde figurar per si sô no discurso, porque faz um sentido completo e independente, e todas as outras proposições estão dependentes della. O verbo da *Proposição Principal* é sempre alguma linguagem do modo indicativo, sem conjunção que lhe suspenda o sentido.

Proposição Total Subordinada é a que não faz parte de outra, mas tem o sentido suspenso, e dependente da *Proposição Principal*. O verbo da *Proposição Total Subordinada* pôde estar ou no subjunctivo, ou no indicativo com alguma conjunção suspensiva do sentido, como: *As delicias podem ter algum sabor, mas não podem ter utilidade alguma;* a primeira *Proposição* é a *Principal*, e a segunda é *Total Subordinada*.

Os termos de uma proposição podem ser modificados por outras palavras, que ou os expliquem ou limitem, ou completem. Daqui nascem as *Proposições Parciaes*, que são as que fazem parte de algum termo de outra proposição.

As *Proposições Parciaes* são ou *Explicativas* ou *Restrictivas*, ou *Integrantes*. *Proposição Explicativa* é a que desenvolve alguma qualidade, incluída já na significação de algum termo de outra proposição, como: *Deus que é justo premêa a virtude; que é justo é uma Proposição Parcial Explicativa*, porque faz parte do nome *Deus*, desenvolvendo uma qualidade, incluída na significação d'elle.

Proposição Restrictiva é a que limita alguma palavra de outra proposição, acrescentando-lhe alguma idéa não incluída na significação della, como: *O homem que é sabio aborrece os vicios; que é sabio é uma Proposição Parcial Restrictiva*, porque faz parte do sujeito *homem*, acrescentando-lhe a

idéa de *sabedoria*, a qual de certo não está incluída na significação da mesma palavra.

Proposição Integrante é a que inteirã e completa a significação transitiva do verbo adjectivo, isto é, do attributo nelle incluído, como: *Dezejo* ser virtuoso, *Dizem* que Francisco é sabio, *Espero* que venhas hoje. Bem se vê que as significações dos verbos *Dezejo*, *Dizem*, *Espero*, ficarão incompletas, e suspensas, sem as seguintes proposições.

As Proposições Parciaes levão ordinariamente no principio algum dos demonstrativos conjunctivos *Que*, *Qual*, *Quem*, *Cujo*. Os verbos dellas devem estar ou no infinito, ou no indicativo, ou no subjunctivo, conforme o demanda a significação do verbo determinante, como se pôde vêr nas regras seguintes.

1ª Quando o verbo do indicativo e o seguinte tem o mesmo sujeito, e entre elles não medêa o conjunctivo *Que*, nem outra conjunção, o verbo seguinte vai ao infinito impessoal, como: *Vou passear*. Quando porem o sujeito é diferente, vai ao infinito pessoal, como *Julgo* seres *sabedor*.

2ª O verbo seguinte vai ao indicativo com *Que*, ou outra conjunção, quando o verbo determinante affirma alguma cousa com toda a segurança, como são os verbos que significão *Julgar*, *Saber*, *Dizer*, *Contar* &c., como: *Dizem* que *Francisco* é *sabio*, *Não sei* se isto é *verdade*.

3ª O verbo seguinte vai ao subjunctivo com *Que*, se o verbo determinante affirma alguma cousa com duvida e receio por ser futura e contingente, como são os verbos que significão *Duvidar*, *Temer*, *Esperar*, *Desejar*, *Mandar*, *Pedir* &c., como: *Pede* que te ensinem.

Periodo é o ajunctamento de muitas proposições totaes, ligadas entre si, e de tal modo dependentes, que umas suppõe necessariamente as outras, para complemento do sentido total.

Daqui se vê que havendo uma só proposição total, ainda tendo esta muitas parciaes, não ha *Periodo* porque este deve constar ou de duas proposições totaes ou de tres, ou de quatro; mas passando deste numero, chama-se *Oração Periodica*.

Um *Periodo* terá tantas proposições, quantos forem os verbos que nelle estiverem: porisso contando se os verbos está sabido o numero dellas; e tendo-se em vista o que fica dito, conhecer-se-ha a qualidade das mesmas.

Da Concordancia Regular.

Concordancia é a união das palavras e proposições, que tem entre si relações de conveniencia. A *Concordancia* é *Regular*, quando as partes concordantes correspondem exactamente, áquellas, com quem concordão sem ser necessario fazer supplemento algum; e é *Irregular*, quando é preciso fazer-se algum supplemento.

O *Attributo* concorda com o *Sujeito*, em razão do verbo, que é o nexa que une um com outro, como: *O temor* de Deus é o *principio* da sabedoria. Quando o *Attributo* é um appellativo, pôde em genero e numero ser differente do *Sujeito*, como: *O bom filho* é as delicias de *seu pai*.

Mas se o *Attributo* é um adjectivo, deve estar na terminação e numero, accommodado ao genero e numero do *Sujeito*; pela razão de que o adjectivo concorda com um substantivo em genero e numero, como: *Este cravo* é *formoso*, *Estas flores* são *cheirosas*,

Porem se o *Sujeito* é nome proprio, o adjectivo não pôde concordar com elle, mas sim com um appellativo da classe, a que o *Sujeito* pertence, como: *Pedro* é *sabio*, isto é *Pedro* é homem *sabio*; *O Brazil* é *vastissimo*, isto é, *O Brazil* é um Imperio *vastissimo*.

Se a proposição é composta, isto é, se consta de muitos *Sujeitos*, ou de muitos *Attributos*, ou de uns e outros ao mesmo tempo; neste caso os segundos *Sujeitos* concordão com o primeiro, pela identidade da conjunção que os une, como: *A fé, esperanca, e caridade* são virtudes theologaes.

Os *Attributos* concordão tambem da mesma forma os segundos com o primeiro, e todos com o *Sujeito* pela identidade do verbo, como: *Deus* é justo, sabio, poderoso, e perfeitissimo.

Se depois do *Sujeito* ou do *Attributo* houver *substantivos* ou *adjectivos continuados*, concordão todos ou com o *Sujeito*, ou com o *Attributo*, por serem palavras que ou os explicão, ou restringem, e como fica dito, são equivalentes a proposições parciaes, e por ellas se podem resolver, como: *O homem prudente, modesto e honrado* é *estimado por todos*.

O. Verbo concorda com o Sujeito em numero, e pessoa, como: *O homem é racional, Os meninos brincão.*

As Proposições Parciaes Explicativas, Restrictivas concordão com suas Totaes, por meio de algum dos demonstrativos conjunctivos *Que, Qual, Quem, Cujos*, e por sua posição immediata depois da palavra que ellas modificão, como: *O homem que é justo não usarpa o alheio. (1)*

As Proposições Integrantes que tem o verbo no indicativo ou no subjunctivo, concordão tambem com suas Totaes pelo conjunctivo *Que*, ou por meio de outra conjuncção, e por sua posição immediata depois da palavra, cuja significação ellas inteirão e completão, como: *Dizem que a lua tem habitadores.*

As proposições integrantes que tem o verbo no infinito impessoal, concordão com suas totaes pela identidade de sujeito, como: *Dezejo ser feliz.* Tendo porem o verbo no infinito pessoal, concordão tambem com suas Totaes porque são uma parte integrante dellas, como: *Julgo seres sabedor.*

As Proposições Totaes Subordinadas concordão com a Principal, por meio das conjuncções, as quaes dão além disto seu nome ás proposições em que estão, como: *A virtude é um bem precioso*, porque nos conduz á felicidade; *porque nos conduz &c.* é uma Proposição Causal, unida á Principal pela conjugação *porque*.

A Proposição Responsiva regular concorda com a Interrogativa em ter a mesma linguagem, e os mesmos complementos, ou relações, como: *Quem és tu? Sou Antonio; De quem é este livro? De Pedro; isto é, Este livro é de Pedro.*

Isto de que temos tractado são os signaes externos da concordancia, cujo fundamento é a relação de conveniencia; e porisso a razão por que as palavras e proposições concordão umas

(1) Estas Proposições Parciaes não podem modificar os nomes, que antes não tiverem sido determinados por um determinativo (ved. pag. 29). Portanto é erro ajuntar incidentes a um appellativo indeterminado, como: *Antonio é homem que muito estimo*; deve ser: *Antonio é um homem que muito estimo.* Daqui vem que estas Proposições se referem naturalmente a um nome determinado, e não ao que o não está, como: *O anel de brilhantes que hontem vi &c. que refere-se a anel e não a brilhantes.* Porisso quando na proposição antecedente ha mais do que um nome determinado, sendo elles de diferente genero, usaremos de *Qual* em lugar de *Que*, ou daremos ao discurso um arranjo tal, que tire qualquer equivoco (ved. pag. 33).

com outras, é o haver relação de conveniência entre as idéas e juízos que ellas enuncião.

§ III.

Da Concordancia Irregular por Syllepse.

Fica dito que o verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa, e que o adjectivo concorda com um appellativo em genero e numero. Porém ás vezes nem o verbo concorda com o sujeito que está claro, nem o adjectivo com o appellativo enunciado; mas sim com uma idéa que está na mente de quem falla ou escreve, como: O planeta *que no Céu primeiro habita, cinco vezes* apressada; *Todas as* pessoas *se comem, quando se vêem* enganados; *apressada* concorda com *lua* que o auctor tinha na mente *enganados* concorda com *homens*, pela mesma razão. Esta concordancia chama se *Syllepse* ou *Syntese*, isto é, Concebimento, ou Combinação, e tem lugar nos casos seguintes.

Quando ha muitos substantivos de differente genero, o adjectivo deve estar ou na terminação masculina que é do genero mais nobre, ou na terminação correspondente ao genero do substantivo mais proximo, como: *Os louros e heras por ti honrados. Temor e esperança vã.* (2).

Os possessivos que precedem os tractamentos politicos, concordão com elles; porem os adjectivos concordão com as pessoas, que estão na mente de quem fala ou escreve, como: *Vossa Magestade, Alteza, Excellencia, Senhoria, Mercê, &c. foi servido* (falando se de homem) ou *servida* (falando se de mulher).

Quando alguem (como os autores, prelados, &c.) usa de *Nós* e *Vós* em lugar de *Eu* e *Tu*, o verbo deve ir ao plural, mas os adjectivos que se lhe referem, devem estar no singular, por-

(2) Quando um adjectivo se refere a muitos substantivos, póde concordar com um nome commum que convenha á todos os substantivos, a que o adjectivo se refere, como: *Os barris, quartos, pipas e caixões, que o mar levou direitos á costa de Sofala, &c.* (Couto), póde dar-se a que o antecedente *vasos*, e concordar com elle o adjectivo *direitos*. Porém a mente de quem falla ou escreve, é modificar com o adjectivo a cada um dos nomes; pois em taes casos sempre ha uma proposição composta de tantos juízos, quantos são os nomes modificados.

que se referem ao individuo que fala, como: *Antes sejamos breve que prolixo* (Barros).

Quando um substantivo colectivo partitivo é seguido da preposição *de* com um nome do plural, ordinariamente o adjectivo e o verbo vão ao plural, como: *Parte dos inimigos foram mortos*.

Porem se o colectivo é geral, o adjectivo e o verbo umas vezes vão ao singular, como: *O exercito dos inimigos foi desbaratado*; outras vezes podem ir a qualquer numero, como: *Toda a Cleresia tinham, ou tinha tochas accezas*. (3)

Concorrendo muitos sujeitos, se um for da primeira pessoa, poremos o verbo na primeira pessoa do plural, como: *Ea e tu estamos bons*. Mas concorrendo sujeitos somente da segunda e da terceira pessoa, o verbo deve ir á segunda do plural, como: *Tu e Tulia estais bons*. Porem se concorrerem sujeitos sò da terceira pessoa, poremos o verbo na terceira pes-

(3) Parece que o verbo *Haver* no singular tem muitas vezes sujeito do plural, como: *Ha homens*. &c. Sobre isto uns Grammaticos dizem, que em taes casos o verbo *Haver* se toma impessoalmente na significação de *existir*, e que o ter elle sujeito do plural é um idiotismo da Lingua Portugueza. Outros dizem tambem, que em taes casos o verbo *Haver* se toma impessoalmente na significação de *existir*, e que o ter elle sujeito do plural, é porque assim como os collectivos geraes se põe ás vezes o verbo no plural; assim tambem com substantivos do plural, tomados collectivamente, se põe as vezes o verbo no singular, como succede com o verbo *Haver* e com os que o determinão, como: *Acontece haver pessoas* que desprezão a vida. Porem ainda concedendo-se que *pessoas* seja sujeito do verbo *haver*, não se pôde conceder que o verbo determinante *Acontece* tem sujeito do plural, porque a seguinte proposição *haver pessoas* &c. lhe está servindo de sujeito, e assim é em casos semelhantes.

Outros Grammaticos ha que dizem, que o verbo *Haver* sempre é activo, e significa *ter*, ou *possuir*, e que isso que os outros dizem que é sujeito delle, e não é, mas sim complemento objectivo, e que em taes casos o sujeito está occulto, e deve ser do singular quando o verbo está no singular, e do plural quando o verbo é do plural, como: *Repuña haver em uma alma ao mesmo tempo duas consolações contrarias*, isto é, *Repuña haver ou ter a natureza humana em uma alma ao mesmo tempo duas consolações contrarias*.

Lobato diz, que em taes expressões ha Ellipse, como: *Ha muitos homens*, que amão as sciencias, isto é, *Ha numero de pessoas, que são muitos homens, que amão as sciencias*. Á vista de tantos pareceres, cada qual escolha o de que mais gostar.

soa, do plural, como: *A nossa liberdade, honra, e vida estão em perigo.* (4)

Concorrendo dois ou mais sujeitos, querendo nós que o attributo pertença a um só, o verbo deve ir ao singular como: *Ou eu, ou tu, ou Pedro, ha de morrer primeiro, isto é, um de nós ha de morrer primeiro.*

Quando depois de muitos substantivos continuados vem a palavra *Tudo, ou Nada*, o verbo deve ir ao singular, como: *Honras, dignidades, riquezas, tudo é vaidade aos olhos do sabio.*

§ IV.

Da Regencia Regular.

Reger é determinar e demandar alguma cousa. Somente o Verbo adjectivo, em razão do attributo, incluído nelle, o Adjectivo de significação transitiva, e a Preposição, regem outras palavras, porque as demandão e pedem depois de si.

A significação das palavras é ou activa, porque demanda um objecto em que empregue a acção, que significa, como: *Amo a virtude;* ou relativa, porque demanda um termo de sua relação, como: *Util á patria;* ou activa e relativa ao mesmo tempo, como: *Pede sabedoria a Deus;* ou absoluta, porque nada pede nem demanda, como: *Homem; Livro, Pedra, &c.*

Chamão-se *Complementos* aquellas palavras, que estão completando a significação de outras, como: *Abundante de fructos;* *de fructos* é Complemento do adjectivo *Abundante*, porque está completando a significação d'elle; mas *de fructos* demanda tambem o adjectivo *Abundante;* e deste modo as palavras regentes e as regidas estão se regendo mutuamente.

(4) Como o verbo no plural não pôde concordar em numero com sujeitos do singular, é preciso dar-lhe um sujeito conveniente. Pelo que estando o verbo na primeira pessoa do plural, concorda com o sujeito *nós*, como: *Eu e tu estamos bons*, isto é, *nós ambos estamos bons*. Quando o verbo está na segunda pessoa do plural, concorda com o sujeito *vós*: como: *Tu, Pedro, e Francisco estais bons*, isto é, *vós todos estais bons*. Quando depois de sujeitos da terceira pessoa do singular, o verbo está na terceira pessoa do plural, entende-se-lhe para sujeito um appellativo, que possa convir a todos os sujeitos do singular, como: *A nossa liberdade, honra, e vida estão em perigo*, entende-se *estas cousas* ou *estes bens* estão &c. Bem se vê que todas estas proposições são compostas, como fica dito.

Os verbos que tem significação activa, devem ter um Complemento Objectivo; as palavras que tem significação relativa devem ter um Complemento Terminativo: os verbos que tem significação activa e relativa, devem ter dois Complementos, um Objectivo, e outro Terminativo. As palavras de significação absoluta são susceptíveis do Complemento ou Restrictivo, ou Circumstancial, e nestes casos as palavras de significação absoluta são regidas por seus Complementos, como: *Homem de juizo*; a palavra *homem*, nada pede nem demanda, mas o complemento de *juizo* demanda o antecedente *Homem*, e por isso o está regendo.

A Regencia é *Regular* quando as palavras regentes estão com seus devidos complementos, e estes com seus antecedentes; e é *Irregular* quando falta alguma cousa destas. De tudo isto havemos de tratar, depois de dizermos alguma cousa sobre o Vocativo.

Vocativo.

O *Vocativo* é destinado para chamar, e excitar a attenção da pessoa com quem se fala. Elle sempre é sujeito de um verbo na segunda pessoa, e quando o não tem claro, sempre se lhe entende um dos imperativos *Ouve*, *Attende*, ou do plural *Ouvi*, *Attendei*, como: *O' Melibeu um Deus foi quem nos deu este descanso*, isto é, *O' Melibeu ouve-me* &c. O Vocativo dá-se a conhecer por estar entre pausas, ou só, ou com a interjeição vocattva Ó, como se vê no exemplo acima.

Complemento Objectivo.

Complemento Objectivo é toda a palavra ou oração, sobre que o verbo activo emprega a acção que significa, como: *Amo a virtude*, *desejo instruir-me*. (5)

Se o Complemento Objectivo é um nome de pessoa, ou de cousa personificada, sempre leva a preposição *a*, como: *E-*

(5) É preciso mostrar aqui aos Principiantes que estas proposições de verbo activo constão, como todas as outras, de sujeito, verbo, e attributo; fazendo-lhes vêr que o Complemento Objectivo não é outra cousa senão o complemento do attributo incluído no verbo, como: *Eu amo a virtude*, isto é, *Eu sou amante da virtude*.

neas matou a Turno; mas os demonstrativos pessoaes primitivos não levão preposição, porque tem casos, como: *Pedro Offendeo-me*. O Complemento Objectivo em qualquer proposição, conhece-se bem, porque é a resposta dada á pergunta *O que?*

As proposições da voz activa podem-se mudar para a passiva deste modo: o Complemento Objectivo passa para sujeito, o verbo passa para a voz passiva, e o sujeito da voz activa fica na passiva com a preposição *por* ou *de* antes de si, como: *Antonio ama as sciencias*; na passiva diremos: *As sciencias são amadas por Antonio*. (6)

Complemento Terminativo.

Complemento Terminativo é toda a palavra ou oração, pedida por outra palavra de significação relativa, como: *Ser util á patria*, *Venho de casa*, *Abundante de fructos*, &c. Na Lingua Portugueza as preposições são os signaes destes Complementos.

Só os casos *me*, *nos*, *te*, *vos*, *se*, não levão preposição; e quando se ajuntão a verbos activos somente, são Complementos Objectivos dos mesmos; quando porem se ajuntão a verbos ao mesmo tempo activos e relativos, ordinariamente são Complementos Terminativos, como: *Deo-me um livro*; pois é o mesmo que *Deo a mim um livro*. *Lhe e lhes* é sempre Complemento Terminativo, como: *Fiz-lhe um favor*, é o mesmo que *Fiz a elle um favor*.

Toda a palavra ou oração com preposição, pedida por outra palavra de significação relativa, é um Complemento Terminativo.

(6) O Sujeito é tambem Agente, quando exercita a significação dos verbos que significão acção; porque a palavra *Agente* quer dizer *O que obra alguma acção*; e por consequencia este nome de *Agente* só em taes casos pôde convir ao *Sujeito*. Este perde o nome de *Sujeito*, quando a preposição é mudada da activa para a passiva, mas conserva o de *Agente* porque por meio d'elle é que a acção do verbo é empregada no *Sujeito* da proposição na voz passiva, vindo por esta razão o *Sujeito* a ser paciente ou recipiente da acção do verbo na voz passiva.

Complemento Restrictivo.

Complemento Restrictivo é toda a palavra ou oração com a preposição *de*, posta immediatamente depois de um appellativo de significação vaga e absoluta, como: *Livro de Pedro*.

Complemento Circumstancial.

Complemento Circumstancial é qualquer palavra ou oração, regida de preposição, que se ajunta a algum verbo ou adjectivo, cuja significação não demanda complemento algum, como: *Pedro morreo em Agosto*, por falta de tractamento, e á pura necessidade, com grande magua de seus amigos.

Os Complementos Circumstanciaes indicão varias circumstancias, como o Modo, Tempo, Logar, Preço, a Causa, Companhia, &c., o que facilmente se conhecerá pela significação dos antecedentes e consequentes das preposições. Quando, por exemplo, eu digo: *Moro com Antonio*, *Estudo com cuidado*; *com Antonio* indica uma circumstancia de Companhia, e *com cuidado* indica o modo.

Tanto nos Complementos Circumstanciaes, como nos Terminativos, é preciso que não haja impropriedade no uso das preposições, como: *Passar com a espada*, em logar de *passar á espada* &c:

§ V.

Da Regencia Irregular por Ellipse.

Temos dito que a proposição, para ser inteira, deve ter um sujeito, um verbo, e um attributo; e que os elementos da proposição, sendo transitivos, devem estar com seus devidos complementos, e estes com seus antecedentes.

Todas as vezes que faltar á proposição qualquer destas partes, ha *Ellipse*, isto é, Falta, que é uma *figura* pela qual se cala alguma palavra ou palavras, necessarias para a intelligencia Grammatical da proposição, mas não para sua intelligencia. Pois assim como é preciso cortar pelo superfluo, assim também não é permittido faltar com o necessario, para que o

sentido fique sendo claro e distincto, havendo attenção ás pessoas a quem se fala, ou para quem se escreve.

Assim, para que a Ellipse não seja viciosa, é preciso que se calem só aquellas palavras, que ou a razão, ou o uso da Lingua suppre com facilidade, como succede nos casos seguintes.

As vezes o verbo, ou nome de uma proposição, se ha de entender em outra, como: *Chegarão dois navios, um de Pernambuco, e outro da Bahia*, isto é, *Chegarão dois navios, um navio chegou de Pernambuco, outro navio chegou da Bahia*.

Quando o adjectivo está só, entende-se-lhe um substantivo, como: *Os sabios*, isto é *Os homens sabios*.

Quando o sujeito da proposição está sem um determinativo, entende-se lhe um artigo, ou o determinativo *alguns*, como: *Gente ambiciosa nem sonhar que outrem val pode soffrer*.

Entende se um antecedente a todo o relativo que o não tem, como: *Depois que estive doente*, isto é, *depois do tempo em que estive doente*; *Desejo que venhas*, isto é, *Desejo isto, que é, venhas*. (7)

Entende-se um sujeito a todo o verbo que o não tem. Pelo que nas primeiras e segundas pessoas entende-se *Eu*, e *Tu* para o singular, *Nós*, e *Vós* para o plural; e nas terceiras pessoas dos verbos que dizem respeito a todos os homens entende-se o sujeito *homem*, como: *Dizem que Pedro é bom estudante*, isto é, *Os homens dizem que Pedro é bom estudante*. (8)

Entende se um verbo a toda a proposição, que o não tem, como: *Bons dias*, isto é, *Deus te dê bons dias*; *Bem vindo*,

(7) Nestas frases; *Quanto custa este livro? Como vão as cousas? Aonde vaes tu? Porque? Que esperas tu? Qual dos dois? &c.* em todas digo, se entende a frase imperativa *Dize-me o preço por quanto; O modo como: O lugar a onde; A razão por que; A cousa que; Aquelle dos dois, o qual, &c.*

(8) Sendo terceira pessoa dos verbos, chamados impessoaes, entende-se um sujeito tirado da significação delie, ou outro conveniente, como: *Vive-se, Dorme-se, Joga-se*, entende-se *Vida, Somno, Jogo. Chove, Troveja, &c.* entende-se *A chuva, O Ceu, ou Deus, ou A natureza. Peza-me, Praz-me, Cumpre. Releva, Importa*, de ordinario servem-lhe de sujeito as proposições seguintes, como: *Cumpre-te não ser ingrato*.

isto é, *Sejas* bem vindo; *A Deus*, isto é, *Peco a Deus que te guarde*; *Até logo*, isto é, *Até logo te espero*; *Ah feliz de ti!* isto é, *Ah feliz! falo de ti.*

A toda a palavra de significação transitiva se deve entender seu complemento, quando o não tem, como: *A sabedoria é util, a ignorancia prejudicial*, entende se *aos homens*; *Os meninos devem estudar*, entende se a *lição*. (25)

A todo o verbo do subjunctivo se deve entender um do indicativo, se o não tem, como: *Praza a Deus*, isto é, *Desejo que praça a Deus.*

A todo o complemento terminativo ou circumstancial, que não tem preposição clara, entende se uma conveniente, como: *Os escravos de Pedro forão avaliados a cem mil reis cada hum*, isto é, *por cada um*; *El Rei D. Manoel viveo* cincoenta e cinco annos, *e reinou* vinte e sete, isto é, *por cincoenta e cinco annos, e por vinte e sete*; *Meu pai morreo* o anno passado, isto é, *em o anno passado &c.*

Assim como o discurso fica muito mais natural, quando não está sobrecarregado de palavras desnecessarias para sua intelligencia; assim tambem pôde ás vezes ficar mais energico e expressivo, tendo algumas palavras de mais pela figura *Pleonasm*, a qual consiste em ter a proposição mais palavras, do que as necessarias para sua perfeição como: *Eu mesmo o ouvi* com estes ouvidos. Só usaremos desta figura ou para dar maior vivacidade ao discurso, ou para o fazer mais harmonioso, pois do contrario será um vicio chamado *Perissologia*, o qual é preciso evitar, como: *Elle recuou para traz.*

Não é menos preciso evitar o *Solecismo*, isto é, *Discordancia*, que é não observar as regras ou de *Concordancia*, ou de *Regencia*; porque despresadas estas, as palavras não condizem umas com outras, como dizer: *Esta dia* em lugar de *Este dia*; *Os homem*, em lugar de *Os homens*; *Elles ama*, em lugar de *Elles amão*; *Desejo sejas honrado*, em lugar de *De-*

(25) Á preposição *de* quando não é restrictiva, entende-se um antecedente de significação relativa, se o não tem, como: *Barril de manteiga, Copo de agua; Pipa de vinho; Navio de Escravos, &c.* isto é, *Barril cheio de manteiga; Copo cheio d'agua, Pipa cheia de Vinho, Navio carregado de escravos &c. Choro de gosto*, isto é, *por causa de gosto*. Nas linguagens porfazer entende-se *resolução, tenção, necessidade &c.*, como: *Hei de estudar*, isto é, *Hei tenção de estudar.*

sejo que sejas honrado; É necessario de ter amor a Deus, em lugar de É necessario ter amor a Deus, Acostumar se de estudar, em lugar de Acostumar-se a estudar. &c.

Tambem ha Solecismo quando as conjuncções copulativas unem sujeitos, ou attributos, ou complementos, pertencentes a differentes verbos, como se vê nestes versos de Camões:

. . . . Que forão dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
D'África e d'Ásia andárão devastando:

Concorrendo substantivos de differentes generos e numeros, principalmente não sendo synonymos, é necessario pôr o artigo ou outro determinativo a cada um. Isto mesmo se deve fazer com os adjectivos de significações oppostas. Pelo que erra quem diz: Os Pais e mãis, seu pai e mãe; pois deve dizer: Os pais e as mãis, seu pai e sua mãe. Jacyntho Freire disse: *Onde se consumem com os successos prosperos, e adversos;* mas deveria dizer: *com os successos prosperos, e com os adversos.*

Da Construcção.

Do bom arranjamento das palavras depende absolutamente a clareza e força da expressão. Pelo que é preciso saber em que lugar devemos pôr cada porção do discurso, para construirmos um todo, cujas partes em harmonia, se ajudem, esclareção, e se afeiossem mutuamente. Isto faz o objecto da Construcção, a qual ensina a pôr as partes da oração e do discurso no lugar competente, segundo o uso e gosto de cada Lingua.

A Construcção é ou *Direita* ou *Invertida*, ou *Transposta*. Construcção *Direita*, é aquella em que o sentido nunca fica suspenso, porque se vai percebendo á medida que se vai ouvindo ou lendo, como: *As injustiças e todos os males nascem de preterter-se a ordem das cousas.*

Construcção *Invertida* é aquella, cujo sentido está suspenso, porque é preciso esperar por outras palavras, como: *De preterter-se a ordem das cousas nascem as injustiças, e todos os males, &c.*

A Construcção é *Transposta*, quando as palavras que devem estar unidas, se apartão, mettendo-se lhes outras no meio.

Esta Construcção pôde ter logar tanto na Construcção Direita como na Invertida.

§ I.

Da Construcção Direita.

Quando a proposição é simples, primeiro está o sujeito, depois o verbo, e depois o attributo, como: *A velhice é doença.* Mas nas proposições interrogativas, nas do infinito, e nas imperativas, o sujeito vai depois do verbo, como: *Posso eu fiar-me no que dizes? Sé tu mais franco, &c.*

Em todas as Construcções, quando a proposição é composta de muitos sujeitos, seguiremos nelles a ordem de sua dignidade, se entre elles houver differença, como: *Eu, Tu, Elle; O Rei, e o povo; O pai, o filho, e a filha; Cidades, Villas, e logares.*

Quanto aos verbos e attributos, iremos das cousas menores para as maiores, quando affirmarmos, como: *Eu sempre te protegi; sempre te beneficie; sempre te doe; e muitas vezes te salvei tambem a vida:* mas quando negarmos, iremos do mais para o menos, como: *Tu nunca me salvaste a vida; nunca me deste nada; nunca me beneficiaste; nunca me protegeste.*

Quando o sujeito, ou o attributo é modificado por algum adjectivo, se este é determinativo deve ir antes, como: *Todo o homem;* se é restrictivo deve ir depois, como: *Homem honrado;* e sendo explicativo, pôde ir antes ou depois do substantivo, como: *O brilhante Sol, ou O Sol brilhante.*

O complemento restrictivo sem artigo, deve ir depois do appellativo, como: *Homem de bem;* mas com artigo, pôde ir antes ou depois, principalmente no verso, como: *Os revezes da fortuna, ou da fortuna os revezes.*

Em todas as Construcções, os adverbios de quantidade devem ir antes do adjectivo, como: *Muito douto:* os de qualidade podem ir antes, ou depois, como: *Firmemente creio, ou Creio firmemente.*

O complemento objectivo, quando não leva preposição, vai depois do verbo; depois o terminativo, quando o ha; e depois deste ás vezes vai o fim da acção, como: *Ensino Grammatica aos meninos para utilidade delles.* Porem se o complemento

objectivo leva preposição, ou se é algum dos casos *me, te, nos, vos, se, o, a, os, as*, pôde sem equívoco ir antes ou depois do verbo, como: *A Turno matou Eneas*, ou *Eneas matou a Turno*, (a primeira construcção é invertida), *Pedro nos ama*, ou *Pedro ama-nos*. *Que, Qual, Quem*, vão antes do verbo, quando servem de complemento objectivo, ou terminativo.

Os cazos *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, estão sempre antes do complemento objectivo, quando andão com verbos ao mesmo tempo activos e relativos, como: *Elle me deo um livro*; ou *Deo-me um livro*. Esta doutrina, e a exposta sobre o complemento objectivo, é para todas as Construcções.

O objecto, termo e fim da acção do verbo, podem trazer com sigo outros complementos, e modificações; e neste caso é preciso arranjá-los, como ensinão as duas regras seguintes.

1^a Nunca pôr depois do verbo mais que dois, até tres complementos, e se ha mais pôl-os antes.

2^a Ordenar estes mesmos complementos, pertencentes á mesma palavra, de maneira que o mais curto vá immediato á palavra, a que serve de complemento, e ir seguindo nos mais esta mesma regra, de modo que o mais comprido fique para o fim, como: *Principiada a guerra, ó Cezar, e feita já também em grande parte, de pensado e vontade propria, sem que ninguém a isso me obrigasse, me fui metter no partido, que tinha tomado as armas contra ti*.

Quanto ao logar das proposições no corpo do periodo, a principal é a primeira na Construcção Direita, e depois as subordinadas; porém isto nem sempre convém; e é preciso então seguir a Construcção Invertida, da qual trata o seguinte §.

§ II.

Da Construcção Invertida.

A Construcção é *Invertida*, quando o sentido do que está primeiro, depende do que vai depois, e porisso nesta Construcção está o nosso espirito sempre suspenso á espera das palavras seguintes, para entender o sentido das antecedentes;

Esta maneira de construir o discurso chama se *Anastrophe* ou *Inversão*; porque nesta Construcção occupão o primeiro logar as palavras, que na Construcção Direita occupavão o segundo;

nesta se diz, por exemplo: *Sua ambição estimula-os a tão ardua empresa*; na Invertida porem diz-se: *A tão ardua empresa os estimula sua ambição*.

É viciosa toda a Construcção em que o sentido fica ou difficil de se perceber, ou escuro, ou equívoco, ou absurdo, como: *O homem todo é mortal*; e *Naquelle Deus* que o mundo governava: o primeiro exemplo é absurdo; o sentido do segundo se não está escuro e equívoco, é porque a frase o não permite, mas nem porisso ella deixa de ser viciosa: porque não é permittido pôr o complemento objectivo antes do verbo, senão nos casos apontados a cima.

Quando o verbo é passivo pôde estar no fim da proposição, como: *Nunca a temeridade com a sabedoria se mistura, nem a conselho o acaso é chamado*. Mas quando o verbo é activo, a Lingua Portugueza gosta mais de o pôr á frente da proposição com o sujeito e attributo depois, como: *Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes*.

As Construcções Invertidas são muitas vezes necessarias, para conseguir estes sete fins: 1º para aproximar ao objecto as idéas que lhe são relativas, como: *Cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia*. 2º para evitar ambiguidades, como: *De todos os homens, este é o mais digno de compaixão*. 3º para contrastar idéas e pensamentos, uns com outros, como: *Elles tinhão a vantagem do numero, a do lugar os nossos*. 4º para ajuntar e coordenar em uma proposição total muitas parciaes, e em um periodo muitas totaes. 5º para variar a fórma do discurso, e evitar a monotonia das construcções. 6º para presentar á vista, onde mais convem, as idéas importantes, como: *A tão honrados Turcos e valentes Janisarios, como estais presentes, toca acodir pela honra da vossa gente*. 7º para dar ao discurso mais suavidade e harmonia.

Daqui se vê que a Construcção Invertida é tão natural, como a Direita; não só por ser muitas vezes necessaria, mas tambem porque uma, e outra se conformão igualmente com o pensamento; pois que nelle não ha successão nas idéas relativas, ha sim ligação; e tão ligadas estão as idéas na Construcção Direita, como na Invertida; com tanto que as idéas relativas se não separem, mettendo-se-lhes no meio outras que não continhem a mesma relação, como succede na Construcção

Transposta, propriamente dita, a qual pouco logar pôde ter na Língua Portuguesa, como passamos a mostrar.

§ III.

Da Construcção Transposta.

A Construcção é *Transposta*, quando *as palavras* que devem estar unidas, *se apartão mettendo-se-lhes* no meio *outras* ou da mesma relação, como se vê nesta mesma regra, ou de diferente, como: *Em versos divulgado numerosos*. Este modo de construir chama-se *Hyperbato*, isto é, Transposição, ou Ordem Interrupta.

A Língua Portuguesa não admite senão aquellas Interrupções que o são *impropriamente*; como succede quando *duas palavras*, ou concordadas, ou regidas, *se apartão*, mettendo-se-lhe no meio *outras*, que modificão alguma dellas.

Pelo que não é permittido separar o adjectivo, se não com alguma palavra que modifique o mesmo adjectivo, como: *O amor verdadeiramente paternal; Mares nunca dantes navegados*. Porisso é muito para extranhar o seguinte verso de Camões:

..... Que em terreno
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

Entre o nome substantivo e o incidente que o modifica, pôde metter-se um adjectivo, ou complemento restrictivo, com tanto que não haja equívoco, como: *O Cidadão benemerito*, ou de merecimento, *que serve a sua patria*, &c.

Entre o verbo e o termo de sua relação podem se metter algumas palavras, com tanto que não sejam muitas, como: *A um Cidadão honrado, como tu és, cumpre* &c.

Muitas vezes entre o sujeito e o verbo se mettem adjectivos, ou incidentes, que modificão o mesmo sujeito, como: *Todo o homem que ama a verdade, e deseja sinceramente acertar, não deve dar ouvidos a lisongeiros*.

É costume não metter entre o complemento objectivo e o verbo, senão algum adverbio, ou alguma pequena circumstancia, pertencente ao mesmo verbo, como: *Estudo com cuidado*, ou cuidadosamente *a lição*; mas não posso dizer: *Estudo mais do que em outro tempo estudava a lição*.

Entre a proposição e seu antecedente, pôde metter-se alguma palavra que continue a mesma relação como: *O Cabo chamado das tormentas*; mas não se tolerão palayras de diferente relação, como em Camões:

Agrita se levanta ao Céu, da gente.

Em fim, todas as regras das Transposições na Lingua Portugueza, estão comprehendidas nas seguintes palavras: Entre duas palavras ou concordadas ou regidas, nunca se metta senão alguma pequena circumstancia, ou algumas palavras, e essas poucas, que modifiquem uma das palavras concordadas ou regidas.

Do desprezo desta regra nascem as *Syncheses*, isto é, as Misturas e confusões das palavras no discurso, como se vê em Mousinho em seu Affonso Africano:

Entre *todos* co' dedo era notado
Lindos moços de Arzilla, em galhardia.

Isto é: *Com o dedo era notado em galhardia entre todos os lindos moços de Arzila.*

Em Franco Barreto:

Por ver em que montanhas se dos mares
Livrou, *anda vagando em que logares.*

Isto é: *Por ver em que montanhas, e em que logares anda vagando, dos mares se livrou.*

Em Ferreira:

Os louros e heras, de que coroados
Serão *Os bons Poetas*, ja crescendo
Soberbamente vão, *por ti honrados.*

Isto é: *Ja crescendo soberbamente vão os louros e heras, de que serão coroados os bons Poetas, por ti honrados.*

Estão em fim expostas compendiosamente a Orthoepia, Etomologia, Syntaxe, e Construcção. Resta-nos pois a Orthographia, de que exporemos somente as noções mais geraes no Capitulo seguinte:

ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUEZA.

INTRODUCCÃO.

Não sei por que fatalidade muitos homens se tem esmerado em contrafazer a natureza das cousas, dando lhes taes voltas, que por mais clara, simples e facil que seja qualquer materia, fica sendo escura, difficil, e até ás vezes mysteriosal. Ninguem ha que desconheça a simplicidade e singeleza natural da Escripura propria da Lingua Portugueza. Com tudo este systema de Orthographia, por ser de facillima comprehensão, foi substituido por outros dependentes por uma parte do capricho, e por outra de tantos conhecimentos, que mui poucos de entre nós podem ler e escrever sua propria Lingua. Falo da Orthographia Usual, que umas vezes segue as Etymologias, outras a Pronunciação; e outras vezes nem as Etymologias, nem a Pronunciação.

A Orthographia Etymologica tem regras, é verdade, porém é mais difficultosa do que muitos pensão; porque é necessario saber não só a Lingua Latina, a Grega, e a Hebraica, mas tambem outras muitas, donde a Lingua Portugueza tem igualmente recebido um grande numero de palavras. É muito louvavel que os sabios examinem essas derivações, para esclarecerem a nossa Lingua, e facilitarem a intelligencia e o estudo da mesma, conservando na pronunciação e na escriptura os vestigios, que indicão a origem e analogia das palavras. Porem como estes vestigios estão mais nos sons, de que os vocabulos se compõe, do que nas letras que os representam; parece razoavel que os sabios se deverião contentar com escrever os vocabulos como os pronunciação, e só com os caracteres do Alphabeto Nacional: porque, a se escreverem os vocabulos, como se escreverão ou se escrevem nas Linguas, donde os troucemos para a nossa, será preciso introduzir nella caracteres de muitos Alphabetos estrangeiros, e constituir assim a maioria da Na-

ção na impossibilidade de ler e escrever sua propria Lingua. Este é verdadeiramente o estado actual da maior parte de nos. sos concidadãos.

Tem sido até agora inuteis os clamores de nossos Philologos mais abalizados, e amigos da Instrucção Publica. Estes dizem que aos sabios pertence fixar a verdadeira Pronunciação da Lingua, e escrevel-a como a pronunciação; que aos mais cumpre rectificar a Pronunciação com o estudo da Grammatica da Lingua, com a lição dos escriptores della, e com a communição dos que a falam com pureza; e depois escrever como pronunciação. Este systema é o da Orthographia Philosophica ou da Pronunciação, no qual estão reunidas em conformidade as derivações, a Pronunciação, e a escriptura. Este systema é sem contradicção o de menos inconvenientes; pois não se póde negar que em se escrevendo como se pronuncia, sem caracteres ociosos e estrangeiros, todos saberão ler: muitos escreverão com certeza: e o resto escreverá com menos erros, do que até agora.

Mas todas estas e outras ponderosas razões tem sido postergadas, e o continuarão a ser. Pelo que neste brevissimo tractado se acharão expostos os tres systemas de Orthographia, para cada qual escolher o de que mais se agradar.

CAPITULO IV.

DA ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUEZA:

Orthographia é a arte que ensina a escrever certo. (1) Ha tres systemas de Orthographia a saber *Orthographia Etymologica*, *Orthographia Usual*, e *Orthographia Philosophica* ou da *Pronunciação*.

(1) Como se ha de averiguar se uma palavra está ou não escripta com certeza? Responder-me-hão que é comparando a escriptura com seu objecto. Mas, que é esse objecto? Pode ser que me digão que são os sons de que se compõe os vocabulos. Se isto assim fôra, a arte de escrever certo seria mui facil; porem infelizmente a certeza da escrip-

A *Orthographia Etymologica* manda escrever; não só os sons, com que pronunciamos os vocabulos; mas tambem os que elles tiverão, ou tem nas Linguas donde os houvemos; como o vocabulo *Orthographia*, que escripto deste modo, representa não só os sons com que o pronunciamos, mas tambem os que teve na Lingua Grega, donde o recebemos.

A *Orthographia Usual* quasi que não tem regra alguma que mereça este nome (excepto as que são communs a todas as Orthographias); porque umas vezes segue as Etymologias, e outras simplesmente o capricho; nem ella é um systema; é sim um aggregado de inconsequencias. (2)

A *Orthographia da Pronunção* ou *Philosophica* ensina a escrever com as letras do Alphabeto Nacional, que forem indispensaveis, para representar os sons de que se compõe os vocabulos no uso vivo da Lingua; como o vocabulo *Orthographia* que escripto deste modo, representa justamente os sons com que pronunciamos.

A *Orthographia Etymologica*, e a Usual estão muito fóra do alcance da maior parte da Nação. Todos podião usar das *Orthographias da Pronunção*; e assim haveria unidade de systema, a qual tanto nisto, como em tudo, é muito para de-sejar. No emtanto aqui se acharão as Regras communs a todas as Orthographias, e as que são particulares a cada systema.

§ I.

Regras communs a todas as Orthographias.

Regra 1.^a

As palavras nativas da Lingua Portugueza devem ser es-

tura é relativa não ao vocabulo, mas sim á vontade dos Orthographos; isto é, a escriptura deve representar não os sons dos vocabulos, mas sim as opiniões dos Grammaticos: de maneira que no systema Etymologico, um vocabulo está bem escripto, se está cheio de letras ociosas e estrangcires, para representar as Etymologias; no systema da Orthographia Usual, está certo um vocabulo, se umas vezes se conforma ás Etymologias, e outras ao capricho. No systema Philosophico, está bem escripto nm vocabulo, se a escriptura representa fielmente seu objectivo real, isto é os sons de que o mesmo vocabulo se compõe.

(2) Este systema está presentemente em desuso, e foi substituido pelo Etymologico.

criptas com as letras do Alphabeto Nacional. Destas letras já tractamos na Orthoepia.

Nunca se dobrão as letras no principio, e fim dos vocabulos: Os antigos dobravão as vogaes finaes, quando as pronunciavão com accento agudo, ou circumflexo, como: *See, Mercce*; nós porém escrevemos *Sé, Mercé*. Em *Enjão, Vão, Mão, &c.*, dobrão se as vogaes, porque se pronuncião.

Não é razoavel metter nos vocabulos letras que lhes não competem nem por derivação, nem por motivo da pronunciação; e porisso não é justo escrever *Hum, He*, com *H*, porque estes vocabulos o não tem na sua origem (*Unus, Est.*) (3)

Nunca se escreve letra grande no meio e fim dos vocabulos.

Escreve-se com todas as letras grandes os titulos de qualquer livro, as inscripções de qualquer obra ou sepultura, a primeira palavra por que se principia a tratar qualquer materia. O Santissimo Nome de JESUS tambem se escreve com todas as letras grandes, por motivo de respeito e veneração. Tudo isto porém é na letra redonda, pois que em letra de mão, escreveremos todas estas palavras só com a primeira letra grande.

Escrevem-se com a primeira letra grande as palavras seguintes: 1º A primeira palavra depois de ponto final ou simples, ou de interrogação, ou de exclamação, e tambem a primeira palavra de cada verso, e a primeira palavra de qualquer discurso que se relata de outrem, ainda que precedão só dois pontos.

2º Todos os nomes proprios, ou seja de pessoas como: *Cezar*; ou de cousas, como: *Brazil, Tejo*; ou de appellidos, como: *Souza, Menezes*; ou de artes e sciencias, como: *Theologia Grammatica, Logica*, e os nomes que significão os professores dellas, como: *Theologo, Grammatico, Logico*; ou seja nomes de mezes, como: *Janeiro*; ou nomes patrios, e gentilicos, como: *Brazileiro, Maranhense, &c.*

3º Qualquer palavra que faz o objecto principal do discurso, como: *Lei, Alvará, &c.* Os tractamentos politicos, co-

(3) Lemos com attenção as razões que em sua *Grammatica Analytica*, impressa em 1831, dá contra esta doutrina um sectario da *Orthographia Usual*; porem não lhes conhecemos solidez, e porisso não admittimos as regras que elle dá, porque são fundadas no arbitrio.

mo: *V. M., Ex.^a, S.^a &c.* Os appellativos que significação ou títulos de honras, dignidades, ou gráus de parentesco, também se escrevem com letra grande, quando estes nomes são applicados a pessoas particulares, como: *Rei, Bispo, Pai, Mãe, Primo &c.* Finalmente, as palavras que dizem respeito immediatamente a grandes pessoas, como: *S. M. Ordena* que se *Lhe* enviem &c.

Regra 2.^a

As palavras susceptíveis de duas significações, devem ser notadas com um accentto para distincção, quando isto poder ser, como: *Pregar*, segurar com prego, e *Prégar*, annunciar verdades religiosas. Em quanto aos preteritos e futuros do singular, é preciso distinguil-os com um accentto, como: *Amára, Amará*; mas no plural bastará accentuar constantemente os preteritos, para os distinguir dos futuros, pois que nestes se não pôde pôr accentto, porque o logar d'elle está occupado com o til, como: *Amárão, Amarão*. Em quanto ás palavras que se não podem distinguir, como: *Rio* nome, *Rio*, verbo, o contexto do discurso mostrará a significação dellas, bem como pôde mostrar o das outras acima:

Quando alguem duvidar se ha de escrever *e*, ou *i*, *o*, ou *u*, observe se estas vozes vem antes de syllaba aguda, ou depois. Se vem antes, é preciso conjugar essa palavra, sendo verbo, até que a voz confusa se faça distincta; e sendo nome, é preciso procurar-lhe sua derivação, a qual mostrará a letra com que se deve escrever, v. g.: quem não souber com que vogaes deve escrever as primeiras syllabas dos verbos *Ciar, Cear, Moer; Soar, Suar*, ponha estes verbos no presente do indicativo deste modo: *Eu cio, Eu ceio, Eu móo, Eu sôo, Eu suo*, e ficará sem duvida alguma. Sendo nome, sua origem mostrará com que vogaes o devemos escrever; pois se, por exemplo, escrevemos *Asseado, Fofice, Pomar, &c.* é porque dizemos *Asseio, Fofio, Pomo, &c.*

Vindo porem as ditas vozes confusas depois da syllaba aguda, a que sôa como *i*, escreva-se com *e*, como *Prudente*; e a que sôa como *u*, escreva-se com *o*, como: *Antonio, Marcos*, etc. Em quanto aos dithongos, logo falaremos.

Regra 3.^a

Os nossos cinco sons vogaes nasaes podem escrever-se ou simplesmente com o til por cima, deste modo: *ã, ê, î, õ, û*; ou com *m* adiante, sendo a ultima syllaba de um vocabulo, como: *Som*, ou ficando antes de *B, P, e M*, como: *Pombal, Campo, Commum*, etc.: em todos os mais casos se escreve *n*, como: *Tanto, Tenro*, etc. (4)

Em quanto aos dithongos oraes, todos podem escrever com *i* estes cinco *ai, ei, oi, ôi, ui*: menos os pluraes dos nomes acabados no singular em *al, ol, ul*, como: *Animaes, Caracoes, Tafues*. Os outros cinco *au, éu, êu, iu, ou*, não ha inconveniente em os escrever assim; porem o costume quasi geral, faz uma excepção nas terceiras pessoas do singular dos preteritos perfeitos da 2.^a, e 3.^a conjugação, e tambem do verbo *Dar*, como: *Deo, Moveo, Unio*, etc. Quem quizer pôde não fazer esta mesma excepção: Esta pratica, sendo constante, é approvada em todos os Systemas.

Em quanto aos dithongos nasaes *ãi, ão, õe, uim*, como: *Mãi, Mães, Mão, Mãos, Põe, Pões, Ruim, Ruins*, esta é a sua melhor escriptura, por ser livre de inconvenientes, e approvada por todos, ainda que muitos não a sigão.

Regra 4.^a

Nunca se dóbrão as consoantes *V, Z, J, X, Ch, Lh, Nh, Q*; as mais dobrão-se ás vezes entre vogaes.

Quando na pronunciação se não percebe *u* intermedio, sem pre se escreve *C* (que), e *G* (gue) antes de *a, o, u*, como: *Garrafa, Costume* (5); e quando se percebe *u* intermedio, e tambem antes de *e, e i*, sempre se escreve *Qu, e Gu*, como: *Guarda, Guerra, Qualidade, Questão*, etc.

(4) A Orthographia actual não permite que as vozes nasaes *ê, î, ã*, se representem assim; pelo que no fim dos vocabulos, e antes de *b, p, e m*, escreveremos *em, im, um*, e nos outros casos *en, in, un*.

(5) Ainda que se não perceba o som de *u* intermedio, os Etymologistas escrevem com *Qu* algumas palavras, como: *Quaderno, Enquadernar, Quartela, Quatorze, Quociente, Quota parte, Quotidiano*, e poucos mais.

Quando for preciso dividir um vocabulo no fim da regra observe se o seguinte. As palavras dividem-se pelo fim de cada syllaba, pois nunca se apartão as letras de que as syllabas se compõe. Pelo que havendo duas consoantes da mesma especie, como dois *mm*, dois *nn*, dois *ll*, etc., cada qual ficará de sua parte, como *Ap-pel li-do* etc. Havendo no vocabulo juntas as letras *cc*, *gm*, *gn*, *ct*, *mm*, *pt*, ambas pertencem à syllaba de diante como: *Ac ção*, *Au-gmento*, *Di-gno*, *Fa cto*, *So-mno*, *A-ptidão*, etc.

As palavras compostas de outras, dividem-se pelas partes de que se compõe, como: *An-helar*, etc. Pelo que é preciso que não haja engano, quando se dividem as palavras em que entrão estas preposições compositivas: *A*, *Ab*, *Abs*, *Con*, *De*, *Des*, *In*, *Ob*, *Pre*, *Re*, *Sub*, *Trans*, etc., como: *A* spergir, *Ab*-lução, *Abs* trahir, *Con*-struir, *De*-struir, *Des* unir, *In*-habilit, *In*-struir, *Ob* struir, *Pre* star, *Re*-star, *Sub* stituir, *Trans*-acção etc.

§ II.

Regras proprias da Orthographia Etymologica, e da Usual.

As palavras Portuguezas, derivadas da Lingua Grega, Latina, Arabe, etc., conservão na escriptura as letras da sua origem, que ou forão admittidas entre nós, ou costumão ser substituidas por outras do nosso Alphabeto.

Estas Letras, mais particularmente destinadas para mostrar a origem de muitas palavras da Lingua Portugueza, são as seguintes: *K*, *Y*, *Th*, *Ph*, *Rh*, *Ch*, (que), *Ps*, *H*, *X*, *C*, *Ç*, *G*, *S*.

O *K* está em desuso, porque antes de *a*, *o*, *u*, se escreve *C*, e antes de *e*, e *i* se escreve *Qu*, v. g.: *Calendario*, *Qui-rios*.

Do *Y* se usa nos vocabulos de origem Grega, porem está em costume empregal-o só nas palavras que não tem passado ao uso vulgar, como: *Hyperbole*, *Hypothese*, etc.; e porisso já o não escrevem em *Pigmeu*, *Martir*, etc. Não é coherente escrever *y* nas palavras que o não tem na sua origem, como escrever *Ley*, *Rey*, *Comboy*, etc.

O *Th* conserva se nas palavras que o tem na sua origem Grega, como: *Thesouro*, *Throno*, etc., com tudo não se repara em ommitil-o nas palavras mais vulgares, como: *Asma*, *Cantaro*, etc.

O *Ph* se escreve nas palavras de origem Grega, como: *Philosophia*; porem a Orthographia Usual umas vezes usa delle, como em *Phantasma*; outras não, como em *Profeta*, etc.

O *Rh* em poucas palavras se escreve, como: *Rhetorica*, *Rheumatismo*, *Catarrho* que já muitos escrevem sem *h*.

O *Ch* representa o som *X* na escriptura da Lingua Portugueza, e porisso muitos, para evitar equívocos e erros de leitura, o não empregão com o som de *C*. Escrevem por tanto, *Arquitecto*, *Arquivo*, *Caridade*; e não: *Architecto*, *Archivo*, *Charidade*, com *Ch*, como fazem outros, para se conformarem com a origem desses e de outros muitos vocabulos. Esta segunda pratica é embaraçosa, porem mais etymologica. Advirta se que ás vezes, apezar das derivações, é necessario ommitir o *Ch*, e usar do *C*, para evitar equívocos e distinguir alguns vocabulos, v. g. *Côro*, de musica, de *Chôro*, pranto.

O *Ps* tambem está em desuso, e já se escreve *Salmo*, *Salterio*; é porem mais exacto escrever *Psalmo*, *Psalterio*; e tambem é preciso escrevel o nas palavras em que se pronuncia, como em *Lapso*, etc.

Fôra das interjeições o *H* não tem valor algum entre nós; porem escreve se nas palavras que tem *H* na Lingua Latina, como: *Habito*, *Inhabil*, etc. Não se escreve nas palavras que o não tem na sua origem Latina, como: *Um*, *É*, *Cair*, *Sair*, *Até*, etc., e tambem se não deve escrever nas palavras puramente portuguezas. Usa se do *H* nas interjeições, porque estas vozes são aspiradas, como: *Ah!* *Oh!* etc. (vid. not. 3 pag. 108).

Sobre quando se ha de escrever *X*, ou *Ch*, nenhuma regra segura se póde dar, a não ser a de consultar a origem das palavras, ou o Dicionario. Isto não obstante, podem ser uteis as regras seguintes. Escreve se *X* no principio de algumas palavras quasi todas de origem Arabe, como: *Xadrez*, *Xergão*, *Xarel*, etc. Em quanto ao meio das palavras, depois de vogal nasal e tambem depois de dithongo, ordinariamen-

te se escreve X, comò: *Enxada, Enxofre, Ameixa, Baixo, Deixar*, etc. Ha porem outras palavras que se escrevem com X, alem das comprehendidas nesta regra.

Isto é quanto a X e Ch, quando ha este som; porem ainda não o havendo, se escreve X nas palavras que tem esta letra na sua origem, como: Exemplo, *Texto, Mixtura* (que já muitos escrevem *Mistura*), etc. Quanto aos sens, que tem o X, veja-se a pag. 10.

Quanto ao C antes de e, e i, deve ter logar só nos vocabulos que se escrevem assim na sua origem, como: *Cem, Cera, Ceder*, etc.

No principio das palavras pôde se escrever sempre S antes de a, o, u, como: *Safira, Sapato*, etc.; pois os que escrevem estas e outras palavras com ç no principio, não tem razão para o fazer.

Quanto ao meio e fim dos vocabulos, escreveremos com ç todos os nomes substantivos acabados em *aça, êça, içã, oça, uça*, e em *aço, êço, içõ, uço*, como: *Ameaça, Cabeça, Rebuço*, etc.; e tambem os acabados em *ão, ia, io*, derivados dos nomes Latinos que tem a penultima *ti* como: *Lição, Prudencia, Obrepticio*, etc. Por este motivo acabão em *ção* os nomes que no Latim tem a penultima *eti*, como: *Coacção, Inspeccção*, etc., e os verbos derivados destes, como: *Accionar, Inspeccionar* etc.; com tudo *Lição, e Interjeicção* se escrevem assim; o primeiro, porque o uso assim o manda; e o segundo, porque muda o primeiro e em i. Advirta-se que antes de e, e i, o c não leva cedilha.

Antes de i não se escreve J. Antes de e, o escrevemos em *Jejum, Jerarquia*, e seus derivados; *Jeroglyphico, Jenolim, Jellata, Jeropiga, Jeronymo, Jerusalem, Jericó, JESUS*; quasi todos os mais principião por G.

Em quanto ao meio das palavras, todas as derivadas do verbo Latino *Jacio*, se escrevem com J antes de e, como: *Objecto, Sujeito, Rejeitar*, etc. Em quanto ao fim, os verbos acabados em *jar*, conservão o J em todas as suas formas; e os verbos acabados em *ger*, e *gir* mudão o G em J antes de a, o, u. Em quanto ás palavras puramente portuguezas, deve se usar sempre do J antes de e.

Para se saber quando se hade escrever um só S, ou dois SS, ou Ç com cedilha, observe-se o seguinte. Entre vogal e

consoante, escreveremos um só *S*, como: *Falso*; entre vogaes escreveremos um só *S*, quando tem o o som de *Z*, como: *Rossa*, mas tendo o som de *Ç*, escreveremos dois *SS*, quando não for palavra que esteja comprehendida na regra acima, nem das que tem *c* no Latim, como: *Faço*. No principio das palavras, e entre vogal e consoante, escreva-se *Z*, quando houver este som, como: *Zabumba*, *Anzol*. (6)

Em quanto ao *R*, dobra se entre vogaes, quando sôa forte, como: *Terra*; exceptuão se as palavras compostas, como: *Prorogar*, *Derogar* etc.

Em quanto ás outras consoantes que se dóbrão por causa da Etymologia Latina, nenhuma regra segura podemos dar; pois o saber isto depende de muito conhecimento da Lingua Latina, principalmente para as syllabas do meio. Em quanto ás do princio, pôde ser util o seguinte:

As preposições compositivas, *Ad*, *Con*, *In*, *Ob*, e *Sub*, mudão ordinariamente a ultima consoante, naquella, por que principia a palavra que ellas compõe, como: *Affecto*, *Aggravo*, *Commodo*, *Immovel*, *Oppor*, *Suppor*, etc. Todo a palavra que principia por *Di*, *E*, *O*, e *Su*, seguindo-se-lhe immediatamente *f*, dobra esta lettra, como: *Differença*, *Efeito*, *Offensa*, *Sufficiente*, etc.

(6) O conteúdo nesta regra tem muitas excepções, pois é costume escrever com *Z* 1º as palavras que tem no Latim *c*, ou *t*, como: *Razão* de *Ratio*, *Vizinho* de *Vicinus*, *Dizer* de *Dicere*, *Jazer* de *Jacere*, *Fazer* de *Facere*, *Reduzir* de *Reducere*, &c., e tambem as variações dos verbos *Pôr*, e *Querer*; 2º os nomes acabados no singular em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, como: *Gaz*, *Convez*, *Mez*, *Matriz*, *Foz*, *Arroz*, *Cafuz*; isto se entende só com os nomes, e destes mesmos se exceptuão os que tem *s* no Latim, como: *Tres* de *Tres*, *Pariz* de *Parisii*, *Diais* de *Dionisius*, &c. 3º ordinariamente os nomes acabados em *ezar*, *izar*, e *zer*, como: *Afreguezar*, *Tyranizar*, *Prazer*, &c.; 4º a maior parte das palavras que principião por *Az*; como: *Azinhaga*, *Azul*, *Azvedo*, &c.

Pelo contrario nem sempre entre consoantes se escreve *Z*, quando ha este som, como succede em todas as palavras compostas da proposição *Trans*, como em *Transacção*, &c.: e tambem se não põe dois *SS*, quando ha som de *ç* nas palavras compostas, como: *Outrosim*, *Presen-tir*, *Resurgir*, *Verosimil*, &c.

Segue-se uma lista de algumas palavras, das que o uso escreve de differente modo, para as distinguir, por serem susceptiveis de mais de um sentido; bem que o contexto do discurso bastaria, para se fazer esta distincção na leitura, assim como é sufficiente para quem ouve falar ou fala com ontros.

Barata, de pouco preço.	Baratta, bicho.
Bota, de calçar.	Botta, de vinho.
Capa, do verbo capar.	Cappa, vestido.
Cometa, corpo luminoso.	Cometta, verbo.
Moleira, de moinho.	Molleira, de cabeça.
Molinhar, moer.	Mollinhar, chover.
Pena, castigo.	Penna, das aves.
Saca, verbo.	Sacca, sacco grande.
Velar, de noite.	Vellar, a Freira.
Aço, ferro fino.	Asso a carne, verbo.
Ceda, verbo.	Seda, nome.
Cegar os olhos.	Segar o trigo.
Geila, de Frade.	Sella, de cavallo.
Celleiro, de trigo.	Selleiro, que faz sellas.
Cem, numero.	Sem, preposição.
Cerrar, com feicho.	Serrar, com serra.
Cervo, veado.	Servo, captivo.
Cinto, que cinge.	Sinto, tomo sentimento.
Conselho, ajuntamento do Povo.	Conselho, dos Sabios.
Apreçar, fazer preço.	Apressar, adiantar os passos.
Empoçar, metter no poço.	Empossar, tomar posse.
Incerto, duvidoso.	Inserto, inserido.
Maça, de ferro.	Massa, de farinha.
Paço, casa Real.	Passo, de cinco pés.

Estas bastão para exemplo. Em quanto ás que se distinguem pelos accentos, já dissemos o que se devia fazer.

Apezar de termos passado mui ligeiramente pela Orthographia Etymologica, e pela Usual, bem se deixa ver o quanto estes systemas são cheios de empecilhos, e porisso difficeis e complicados. Não acontece o mesmo na Orthographia Philosophica. Neste aystema tudo é certeza, segurança, clareza, e facilidade. Delle passamos a tractar, e em quanto o fizermos, servir-nos-hemos da mesma Orthographia da Pronunciação.

DA ORTOGRAFIA FILOZOFICA OU DA PRONUNSIASÃO.

Regra unica.

Qualquer palavra que se pretenda escrever, pronuncie-se primeiro bem, e escreva-se como se pronuncia com os caracteres do Alfabeto Nacional, correspondentes aos sons, de que o vocabulo consta. Esta regra não tem eissessão alguma; é só prezizo fazer applicação dela.

Qzanto as vozes confuzas *e, i, o, u*, siga-se o que fica dito na Regra 2^a; porem os que assim mesmo ficarem indesezios, escolhão qzualquer delas.

As vozes nazaes, e os ditongos escrevem-se, como fica dito na Regra 3^a.

A respeito das consoantes *G, C, Gu, Qu*, observe-se o que fica dito na Regra 4^a, pondo se dois pontos sobre o *ü*, quando ele se ouvir na pronunsiasão, como em *Güarda, Qüal*, etc.

Os dois *SS* entre vogaes, o *C* com sedilha antes de *a, o, u*, e sem ela antes de *e, e i*, nada disto é admittido na Ortografia da Pronunsiasão, por serem letras que muito embarasão a quem não sabe o Latim, e quer escrever serto. Em logar desas letras, uze se constantemente do *S* com o som de *C*, tanto no prinsípio das palavras, como no meio, entre vogaes, etc., como em *Serteza, Corasão*, etc.

As palavras que na Ortografia Etimologica prinsipião por *Sc*, ou o tem no meio, como *Sciencia, Convalescer*, etc., escrevem se com *S*, deste modo: *Siencia, Convaleser*, etc.; eisseto quando a Pronunsiasão ordenar o contrario, como em *Sussitar, Condessender*, etc.; porem asija mesmo nunca escreveremos *C*, porque um sistema, fundado na razão, não pôde ser incoerente. Da mesma sorte os vocabulos terminados em *ção*, nós os terminaremos em *são*, como: *Accão*, escreva-se *Asão*; mas aqueles vocabulos em que se ouve *cs*, escrevão-se como se pronunsião, como: *Ficsar*, e não *Fixar*; *Compleco*, e não *Complexo*.

Sempre que se ouvir o som de *Z* em qualquer palavra, escreve se esta mesma letra, e nunca *S* com valor de *Z*, como:

Roza, Caza. Da mesma sorte nunca se usará de *Ex* valendo por *Eis* ou *Eiz*, como: *Expor, Exemplo*; mas escreveremos *Eispór, Eizemplo*. Também se não escreve *Z*, quando não ha este som; pelo que as finaes agudas *az, ez, iz, oz, uz*, todas se devem escrever com *S*, deste modo: *as, es, is, os, us*, pon-do-se-lhes por cima da vogal o asento conveniente, como: *Ra-pás, Pés, Pés*, etc.

Da mesma sorte entre o *G* valendo por *J* antes de *e, ei*, fica rejeitado; pelo que, sempre que se ouvir o som *J* (*Je*) escreva-se esta mesma letra, como: *Jente, Jiro, Majestade*, etc.

Em quanto ás letras *X*, e *Ch*, como (apezar do que alguns Grammaticos dizem) elas tem o mesmo som, é prezizo escolher uma, uzar dela sempre, e rejeitar a outra; porque o Alfabeto Filozofico não deve ter letras superfluas.

O *H*, bem se vê que não pôde ter lugar senão nas consoantes *Ch, Lh, Nh*, e nas interjeições; bem que nestas ele não é de absoluta nesidade.

Em quanto aos vocabulos estrangeiros, escrevem-se como se pronunsião entre nós; pelo que escreveremos *Lóné, Blutó*, e não. *Launé, Bluteau*, etc.

Todos os vocabulos devem acabar ou em vogal, ou em algumas das consoantes *L, M, R, S*. Temos só duas acabadas em *N*, que são *Canon, Iman*; porque *Regimen*, etc., se deve escrever *Rejime*, assim como se escreve *Lume*, etc.

Como as letras fôrão inventadas para representar os sons, e não as Etimologias; bem se vê que a Ortografia da Pronunsião, guiando-se pela natureza das couzas, não admite letras dobradas, osiozas, e sem valor. Só é prezizo dobrar o *R*, quando entre vogaes tem som forte, como em *Carro*.

Quanto á divisão das palavras no fim da regra, observe-se o determinado na Regra 5^a na parte que pôde ser applicada á Ortografia da Pronunsião, cujo Tratado aqui damos por concluido; e porisso tornal-os a uzar da Ortografia do costume.

§ IV.

Da Pontuação.

Pontuação é a Arte de distinguir na escriptura as diferentes partes do discurso, por meio de certos signaes, adop-

tados para isso, a fim de por elles se regular a cadencia da voz.

Estes signaes são os seguintes: a Virgula (,); o Ponto e Virgula (;); Dois Pontos (:); Ponto, ou simples (.), ou de Interrogação (?), ou de Exclamação (!).

A Cadencia ou tom e inflexão da voz pôde servir de uma regra segura, para cada qual acertar na pontuação, quando escreve; para o que observe-se o seguinte. Quando alguém escrever, supponha que está falando, e ponha virgula naquelles logares, em que faria uma pequena pausa, levantando muito pouco a voz; e naquelles logares em que faria uma pausa maior, abaixando ao mesmo tempo a voz, escreva ponto e virgula, se o sentido não estiver acabado; e se o estiver, escreva ponto final. Se fizer alguma pergunta, escreva ponto de interrogação, como: *Que fazes tu ahí?* Se se admirar de alguma cousa, ou se exclamar, escreva ponto de exclamação, como: *Oh tempos! Oh costumes!*

O expellido na Regra antecedente é bastante para se conseguirem todos os fins da Pontuação. No entanto aí vão outras Regras, que só differem da precedente, em serem mais complicadas e extensas.

Haja hum pequeno espaço em branco entre cada palavra, como se vé nesta mesma Regra.

Devem ter virgula depois de si todos os sujeitos de um mesmo verbo, todos os verbos de um mesmo sujeito, todos os attributos, toda a oração que não rege a seguinte, nem é por ella modificada, e bem assim todos os adjectivos e substantivos continuados. Esta Regra é o exemplo de si mesma.

Toda a oração encravada, isto é, mettida no meio de outra sem a modificar, nem ser modificada, deve estar entre virgulas, e tambem os vocativos, e as orações circumstanciaes que não são pedidas pela significação de outra palavra. Nesta mesma Regra esta o exemplo.

Quando a mesma palavra tem muitos complementos, ponha-se virgula no fim de cada um, como: *Pedro estudou Grammatica, Philosophia, e Rhetorica.*

Na Construcção Transposta, as palavras que se mettem no meio das que devião estar unidas, devem ter no fim uma virgula, excepto quando a interrupção é produzida por uma só

palavra; ou por uma *muito breve* circunstância. Esta mesma regra serve de exemplo.

Antes das conjunções *e, nem, ou, como, que*, e outras semelhantes, só se põe virgula, quando as palavras e orações que ellas atão, excedem a medida de uma pausa ordinaria; quando porem as palavras e orações são curtas e simples, as mesmas conjunções supprem as virgulas, que dividirião os differentes sentidos parciaes. Esta mesma regra serve de exemplo.

Duas proposições totaes incomplexas devem ser apartadas só com virgula, como: *Se não tivéssemos defeitos, não gostaríamos tanto* de os notar nos outros.

Porem devem ser apartadas com ponto e virgula duas proposições totaes, dependentes uma da outra, e compostas de varias orações parciaes; e assim cada proposição total ficará com as parciaes que lhe pertencem. Esta mesma regra serve de exemplo.

Tambem se usa de ponto e virgula, quando se faz enumeração de muitas cousas oppostas ou differentes, que se vão contando ou comparande duas a duas, como: *Não havia uma lei em Roma, outra em Atenas; uma hoje, outra amanhã. Se na vida seguides a opinião nunca sereis rico, se a conformáreis com a natureza, nunca sereis pobre. Destruio casas, e templos; o sagrado, e o profano, o seu, e o alheio.*

Em fim, usa-se de ponto e virgula, sempre que o pensamento total de um periodo se acha dividido em muitos sentidos parciaes, por meio de orações totaes com suas dependencias; mas isto é no caso de a primeira e segunda divisão não estarem subordinadas a uma terceira; porque se o estiverem, esta terceira divisão será notada com dois pontos, como ensina a Regra seguinte, que é um resumo de todos os preceitos da Pontuação.

Assim como quando em um periodo ha uma unica divisão de orações simples, esta se nota com virgula; mas quando se passa a uma segunda divisão de membros compostos de varias orações, esta já se deve marcar com ponto e virgula: assim tambem quando succede haver uma terceira divisão das duas partes principaes do periodo, chamadas antecedente e consequente, que comprehendem em si varios membros; esta não pôde ser marcada senão com dois pontos, para se ver que ella

è a divisão mestra e principal do sentido total, á qual todas as mais fição subordinadas. Esta regra é o exemplo de si mesma.

Uma serie de maximas ou de verdades, relativas ao mesmo objecto, costumão ser apartadas com dois pontos, como: *Usando-se geralmente da Orthographia da Pronunciação, todos saberão ler: muitos escreverão certo: e o resto escreverá com menos erros do que até agora.*

Tambem é costume pôr dois pontos no fim da oração, que annuncia que se vão referir palavras de outrem, como: *S. Paulo diz: A fé sem obras é morta.*

Todo o sentido perfeito e grammaticalmente independente de outro, ou conste de uma só oração ou de muitas, deve ser notado com ponto final, Esta mesma Regra serve de exemplo.

A oração em que se pergunta alguma cousa, deve ter no fim um ponto de interrogação, como: *Que fazes tu ahí?*

A oração que exprime exclamação, deve ser notada com ponto de exclamação ou admiração, que é o mesmo, como: *Ah feliz de ti!* Quando a frase interrogativa, ou exclamativa é um pouco extensa, costumão alguns pôr no principio della e no fim o ponto, para logo desde o principio se ler com o tom proprio, como: *? Não foi Scipião aborrecido do seu mesmo povo Romano?*

§ V.

De mais alguns signaes da Escriptura.

Ao que fica dito sobre os outros signaes da escriptura a pag. 12 e 13, accrescentamos que a *Parenthese*, isto é, Interposição é indicada por dois semicirculos oppostos, dentro dos quaes estão algumas palavras que interrompem o sentido da oração, dentro da qual está a *Parenthese*, como: *Todas as Cidades (não falando em Numancio) se renderão a Scipião.* Quando a *Parenthese* é pequena, basta pôr entre virgulas as palavras que interrompem o sentido.

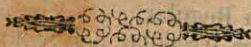
Quando pela figura *Metáthese* se transforma em *l* ou *s* ou *r* final de uma palavra, e se lhe junta o artigo, o signal de União (-) deve estar entre o *l* e o artigo, porque o *l* está substituindo o *r* ou *s* final.

Em quanto ao *Apostropho* ou *Viracento*(^o), este signal pouco ou nenhum logar deve ter na prosa. Escreveremos *nes-te, mo, dai, dantes*, etc., e não *n'este, m'o, d'ai, d'antes* etc. Em quanto ao mais, na leitura faremos as *Synalephas*, sem ser preciso o signal della, porque desfigura a belleza da escriptura.

Quando alguem escreve alguma obra para ser impressa, notará com uma risca por baixo aquellas palavras que devem ser imprimidas em grifo, como são os discursos, os exemplos, e aquellas palavras, sobre as quaes pretender fixar mais a attenção dos Leitores, como por exemplo: *Ninguem se persuade de que pode ser bastamente profundo em materia alguma, estudando só por Compendios.*



INDICE.



Definição e divisão da Grammatica.....	7
Da Orthoepia.....	ib
I Dos Sons e das Letras que os representam.....	ib
II Dos Dithongos e das Syllabas.....	10
III Dos Signaes da escriptura que regulão a boa leitura dos vocabulos.....	13
IV Dos signaes que regulão a boa leitura de um discurso.....	14
V Da Prosodia.....	15
VI Das Figuras da Dicção.....	18
Da Etymologia.....	20
I Das partes elementaros da oração e do discurso.....	ib
II do Genero dos nomes substantivos.....	24
III Da Variação dos Nomes.....	25
IV Divisão dos Nomes Adjectivos.....	27
V Dos Adjectivos Determinativos.....	28
VI Dos Demonstrativos Pessoaes.....	30
VI Dos Demonstrativos Puros.....	32
VIII Dos Demonstrativos Conjunctivos.....	33
IX Dos Determinativos de Quantidade.....	35
X Dos Adjectivos Explicativos e Restrictivos.....	37
VI Dos Grãos de augmento na significação dos Adjectivos.....	38
XII Das terminações dos Adjectivos.....	40
XIII Do Verbo.....	41
Conjugação dos Verbos Ser, Estar, Haver, e Ter.....	52
XIV Do Verbo Adjectivo.....	61
XV Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Activa.....	66
XVI Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Passiva, Media ou Reflexa.....	75
XVII Dos Verbos Irregulares e Defectivos.....	76
Conjugação dos Verbos Irregulares.....	77

XVIII Da Preposição.....	78
XIX Do Adverbio.....	80
XX Da Conjuncção.....	83
XXI Das Interjeições.....	84
Da Syntaxe.....	85
I Dos Elementos essenciaes da Oração.....	86
II Da Concordancia Regular.....	89
III Da Concordancia Irregular por Syllepse.....	91
IV Da Regencia Regular.....	93
Vocativo.....	94
Complemento Objectivo.....	ib
Complemento Terminativo.....	95
Complemento Restrictivo.....	96
Complemento Circumstancial.....	ib
V Da Regencia Irregular por Ellipse.....	ib
Da Construcção.....	99
I Da Construcção Direita.....	100
II Da Construcção Invertida.....	101
III Da Construcção Transposta.....	103
Orthographia.....	106
I Regras Communs a todas as Orthographias.....	107
II Regras proprias da Orthographia Etymologica, e da Usual.....	111
III Da Orthografia Filozofica ou da Pronunsiasão.....	116
IV Da Pontuação.....	117
V De mais alguns Signaes da Escriptura.....	120

